

Salve o Senhor no Caos

Volume 2

Wanju Duli

2016

Sumário

Parte 1

Capítulo 1: Noite Inspiradora	7
Capítulo 2: Midaforvel em Chamas	36
Capítulo 3: Um Deus Invisível	40
Capítulo 4: Maldições	54
Capítulo 5: Meditações Quentes	57

Parte 2

Capítulo 1: O Leitorado das Horas	71
Capítulo 2: O Bem e o Mal	86

Parte 3

Capítulo 1: ARG	91
Capítulo 2: Fofocas Mágicas	102
Capítulo 3: Meu Doce Anjo	104
Capítulo 4: Hécate	124

PARTE 1

Capítulo 1: Noite Inspiradora

“Se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo”

Voltaire

– Acha que eu deveria colocar um enchimento no sutiã para aumentar os meus peitinhos, Ohlarac? – perguntei, empolgada.

– Para resolver esse problema, só se você colocasse silicone, mas a sua festa é daqui a pouco, então não vai dar mais tempo.

Eu desviei meus olhos do espelho e fitei-o, furiosa.

– A resposta certa seria: “Não precisa, Naty, os seus peitos naturais já são maravilhosos!”.

– Não precisa, Naty, os seus peitos naturais já são maravilhosos! – repetiu Ohlarac.

– Ah, eu sei, não é mesmo? – dei um suspiro de paixão ao fitar minha própria imagem no espelho – então vou colocar apenas um sutiã comum e deixá-los em liberdade, para que pulem por aí como melões flutuantes.

– Melões o quê?

– Fica quieto, Ohlarac. Preciso me concentrar para passar essa maquiagem.

Notei que Ohlarac andava agindo de forma um pouco distante comigo. Eu sabia porquê.

Eu tinha pegado muito pesado da última vez que fizemos sexo. Apesar de eu ter me desculpado com ele depois, acho que ele ainda estava um pouco chateado.

– Estou nervosa – confessei – porque hoje irei conhecer a líder pessoalmente!

– Pensei que você fosse numa festa – disse Ohlarac – então você está indo numa reunião daquele seu grupo da internet?

– Não é um grupo qualquer. É uma ordem de magia. Já faz alguns meses que mantenho contato com as meninas. E hoje serei formalmente iniciada.

Wanju Duli

– Uma iniciação, hã? – Ohlarac aprovou – parabéns. Nós servidores também temos cerimônias de iniciação quando nos formamos em nossas escolas de magia.

Vesti um manto completamente branco, de tecido fino. Eu estava ficando cada vez mais emocionada.

– A sua ordem é de magia branca?

– Por que pergunta?

– Pelo menos em Quepar, são os magistas do Caminho da Mão Direita que usam essa cor de manto – explicou Ohlarac.

Coloquei uma capa com capuz por cima do manto branco, de cor negra.

– Bem, agora está ficando interessante – disse Ohlarac – mantos metade branco e metade negro representam os nossos grupos mistos, que se encontram a meio caminho entre os dois. Antigamente havia os grupos cinzentos para representar isso, mas hoje em dia os magos que usam cinza são considerados mais voltados para o Caminho da Mão Esquerda.

– Que complicação! – queixei-me – para mim, o branco representa a pureza do coração de uma iniciada. E o negro poderia ser... austeridade?

– Esses simbolismos podem mudar conforme a época e a cultura.

– E o que você considera magia branca? – perguntei – é magia que ajuda as pessoas?

– Não exatamente – explicou Ohlarac – os magistas brancos focam mais no espírito e no transcendente e os magistas negros no corpo e no imanente.

– E quem é preto e branco foca na mente?

– A mente é a ponte entre o corpo e o espírito. As pessoas usam pontes para chegar aos mais diferentes destinos.

– Tá bom, tá bom – eu disse, cansando-me daquele assunto – acha que a minha maquiagem está muito forte?

– Um pouco...

– Mas vou sair à noite, então não tem problema – acrescentei – e o perfume, está sentindo daí?

– Sim, e o cheiro é meio...

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Não perguntei o que você achou do cheiro! – exclamei, aborrecida – ai, que raiva! Meu cabelo tá uma merda, logo hoje! Eu devia ter ido no salão.

Joguei minha escova de cabelos no chão. Liguei a chapinha na tomada e deixei-a num canto para esquentar antes de usá-la.

– Já testei cinco cores de batons diferentes e não consigo me decidir!

Eu queria que a líder do grupo se impressionasse com minha aparência, então eu não podia me descuidar.

– Por que quer tanto assim causar uma boa impressão? – perguntou Ohlarac – os membros do grupo não são todas mulheres?

– É por isso mesmo! – exclamei, com voz esganiçada – homens não notam detalhes. Quando uma mulher se encontra com outras mulheres, precisa cuidar mil vezes mais a aparência. Elas notam tudo! E se você comete o menor erro, elas não perdoam.

– Que medo – disse Ohlarac.

Depois que terminei de passar a chapinha no cabelo, enrolei um pedaço de algodão numa palito de madeira e passei acetona nele, para corrigir as falhas do esmalte.

– Agora sim, estou uma beldade! Onde está a minha bolsa? E as minhas chaves? Ai não, vou me atrasar!

Já era mais de nove horas da noite e eu tinha combinado com as garotas às dez. Quando saí de casa, senti um ventinho ligeiramente frio e agradável.

Peguei um ônibus até o local combinado. Enquanto fitava a paisagem da janela, eu ficava cada vez mais ansiosa.

– Sinto como se meu coração fosse explodir.

– Isso é tão importante assim? – perguntou Ohlarac.

– Você não faz ideia – eu disse – nunca conheci ninguém tão extraordinário quanto a mestra.

– O que ela tem de especial?

– Não sei explicar – confessei – eu nunca sequer vi uma foto dela, mas conversei pela internet com ela muitas vezes. Nunca conheci ninguém como ela antes.

– Seja mais específica. Pessoas podem ser extraordinárias de muitas formas.

Wanju Duli

– Ela é de todas as formas! Quer dizer... parece que ela sempre sabe dizer as coisas certas. Ela vê o mundo de uma forma profunda. Quero estar com ela. Quero estar no grupo que ela criou!

– Nunca te vi tão animada com alguma coisa antes.

– Não costumo me envolver em grupos de magia. Mas esse é diferente, porque a mestra é incrível!

– Se eu fosse você não criava tantas expectativas. Pessoas são apenas pessoas e possuem defeitos. Você vai se desapontar.

– Não diga isso, Ohlarac. Sei que talvez ela não seja tudo isso que imagino, mas me deixa sonhar um pouco.

Eu havia idealizado um tipo de perfeição na minha mente. Para mim, a mestra era quase como um anjo. Não porque fosse tão boazinha assim, mas ela parecia uma rainha respeitável. Uma líder nata! Impunha respeito, reverência.

– Será que eu mereço ser membro dessa ordem maravilhosa?

Ohlarac riu.

– Pelo que você me contou, são apenas garotas comuns, que gostam de tirar cartas de tarot enquanto tomam chá – disse Ohlarac – sinceramente, me parece meio chato. Qual é a graça disso? Qualquer um pode fazer. Eu sei fazer chá e embaralhar cartas.

– Você está com inveja? – eu sorri – porque ultimamente ando mais empolgada com a mestra do que com você...

Ohlarac pareceu ser pego de surpresa com minha observação. Ele disfarçou.

– Não exatamente...

– Você está, admita! – insisti – quer que eu só dê atenção pra ti. Não era você que vivia insistindo para que eu saísse de casa e socializasse mais? Agora que vou fazer isso, você só está vendo defeito.

– Tem razão, estou sendo infantil. Espero que você seja aceita, goste do grupo e faça novas amigas.

– Amizade! – tapei o rosto com as mãos e agitei as pernas, fora de mim – imagine só, ser amiga da mestra! AMIGA! Saber sobre a vida pessoal dela? Que sonho!

Suspirei e toquei meu coração.

– É como se você estivesse doidinha de paixão – comentou Ohlarac.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Não sei como é a amizade entre homens, mas amizade entre mulheres tem muito toque e intimidade, então eu diria que não deixa de ser um tipo de paixão. Mulheres se amam demais.

– No meu mundo, as mulheres matam umas às outras.

– No seu mundo todos se matam, independente de ser homem ou mulher! – exclamei – mas também tem suruba nas calçadas, né? Então compensa.

– Verdade, compensa bastante.

Quando o ônibus chegou na parada, eu fiquei com medo de descer. Estava suando de nervosismo, mas desci mesmo assim.

– Aqui parece meio isolado – disse Ohlarac – tome cuidado. Onde vocês combinaram?

– Não se preocupe – eu disse – é num clube. Os pais de uma das meninas é sócio do clube.

– Que chique.

– Nem tanto – eu disse – é só esses clubes aleatórios que não há nada para fazer neles. No máximo, tem uma mesa de ping-pong e uma piscina de criança.

– Que chato.

– Em compensação, é um local grande e há vários espaços em que podemos ter privacidade para fazer rituais.

Dei meu nome na entrada. Fui autorizada a adentrar o portão.

– Isso está ficando emocionante – eu disse.

– Tem razão, é um clubinho bem mixuruca...

– Não me importo.

Eu havia anotado o número do pavilhão e dirigi-me para lá. Aparentemente as garotas iam usar o local de churrasco para o ritual. Sim, isso era meio brega, mas mesmo que elas usassem uma garagem para isso, eu iria curtir. Só de estar com elas já me daria o maior barato.

– Isso tudo é só animação de iniciante – acrescentou Ohlarac – depois de algumas semanas, quando acabar a novidade, você vai enjoar desse grupo e sair.

– Se eu fizer amigas no processo, não me importo de sair do grupo depois.

– E se elas não te deixarem sair? E se for esse tipo de grupo que amaldiçoa os iniciantes que se mandam?

Wanju Duli

Eu dei de ombros.

– Se for o caso, saberei mais maldições que elas – garanti – e eu tenho você, para ferrar com todas.

– Hã... é claro.

Naquele instante, senti uma mão tocar no meu ombro. Levei um susto e senti um arrepio tão grande que quase gritei.

Mas antes que eu me virasse, fui vendada. Permiti que fizessem, pois logo reparei que isso deveria ser parte da cerimônia.

Achei que eu fosse ser conduzida para algum lugar. Permaneci onde estava. No entanto, ninguém me levou. Por isso, comecei a dar passos às cegas.

Fiz isso por um longo tempo. Meu coração estava saltando do peito. Eu ouvia alguns sons de passos ou barulhos esparsos e tentava segui-los, mas logo me perdia outra vez.

Senti um grande calor. Som de fogo. Devia haver uma fogueira nas proximidades. Quando o calor aumentou, afastei-me. Mas logo senti calor de novo.

Mais uma fogueira? Sim, parecia haver mais de uma. Não importava para onde eu caminhasse, o fogo estava por todos os lados.

Foi só então que me dei conta que eu devia estar no interior de um círculo de fogo.

– Tem alguém aí? – perguntei, nervosa – por favor?

Bastava tirar a venda. Mas eu sabia que não podia. Era parte do ritual. Então o fogo também era.

Mas por quanto tempo aquela brincadeira ia durar? Estava tão quente que eu suava.

Sentei-me no chão, derretendo de calor. Eu estava no inferno, sendo saudada pelo Diabo.

– Ohlarac, onde está? Me ajude...!

Mas eu não conseguia mais senti-lo tampouco.

– Boa noite, Natália.

Apesar de eu estar vendada, consegui visualizar uma criatura demoníaca. Era uma espécie de sombra negra no meio do fogo, com uma bocarra emanando enxofre. Eu não aguentava mais aquele fedor.

– Que cheiro é esse? – perguntei, nervosa.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– É o cheiro da morte – respondeu a criatura – tu estás aqui para morrer, minha criança?

– Não – eu disse – eu não quero morrer.

– Por que não? O que há nessa vida que tu amas tanto?

– Não consigo pensar em nada agora – confessei – mas há muitas coisas. Amo a soma de tudo.

– Então não amas nada. És apaixonada por pedaços incompletos e sem sentido. Que tal unir todas as partes? Ou permitir que se quebrem por completo, para que tu vejas sua real natureza?

– Não estou pronta ainda...!

– Quando estarás? Amanhã? Mês que vem?

– É muito cedo para morrer.

– Então por que sinto que tu buscas a morte tão fortemente? Sempre gritando por dentro: “Por favor, me liberta! Deus, Diabo, anjos, Buda, qualquer um. Só quero ser livre”.

– Eu disse isso um dia, mas não quero mais. Por favor, me tira daqui – eu pedi.

Sentia um aperto desconfortável no peito. Um medo estranho.

– Natália, onde está tua coragem? Onde se escondeu? Não eras tu a destemida, que queria desvendar todas as coisas? Aceitavas dar qualquer parte de ti em troca.

– Uma parte de mim, mas não toda de mim.

– Então ainda amas viver em pedaços. Que pode vir de bom de uma vida assim?

– Tenho medo, tanto medo...!

– Medo de não ser mais quem tu és? – perguntou-me a criatura – de perder tua identidade, tornar-se outro eu. Por que essa paixão por ti mesma?

– Porque é tudo que conheço.

– Uma vez tu viste que não era assim. O deleite ao unir-se com o universo. Não foi a maior coisa que já sentiste?

– Sou pequena, não quero coisas grandes. Não mais...

O calor do fogo aumentava cada vez mais. Eu era toda água, suada até os ossos. Ao mesmo tempo, eu tremia.

Lágrimas escorreram por baixo da venda.

Wanju Duli

– Só quero a morte se ela me libertar da dor – concluí – porque morro de medo da dor, da vida e de todas as coisas.

– Segura minha mão. Permite que eu te leve aos braços da morte.

Mas eu fugi. Não queria que o demônio se aproximasse. Que me tocasse.

Comecei a gritar e a chorar.

Logo, o calor do fogo foi sumindo. A presença demoníaca foi desaparecendo.

Alguém puxou a venda dos meus olhos.

Cinco mulheres com roupas como as minhas me fitavam atentamente. Elas vestiam o negro por cima do branco. Estavam encapuzadas e mascaradas: uma máscara metade branca e metade negra.

– Você está bem? – uma delas perguntou-me.

No mesmo instante, eu sabia que era ela.

Uma voz grave e profunda, bastante sensual. A mestra era alta e elegante. Usava batom vermelho, mas eu não conseguia ver mais que isso, por causa da máscara.

O anel com a coroa em seu dedo. Ela era toda rainha, toda universo.

– Estou bem – apressei-me em dizer.

Limpei as lágrimas, que com certeza tinham borrado a maquiagem que fiz com tanto capricho. Levantei-me, sentindo-me tola.

– Você não está pronta – ela me disse.

– Eu sei – respondi, envergonhada.

– Mas não desanime. Há outros caminhos.

– Por favor, dê-me uma segunda chance! – pedi, debilmente.

Ela não respondeu de imediato. Cochichou alguma coisa com as outras garotas.

– Um mês – ela disse – mas essa será a última vez.

Curvei-me em agradecimento. E retirei-me em silêncio.

Nem reparei no caminho até a parada de ônibus, pois minha mente estava em outro lugar. Enquanto eu esperava meu ônibus, eu sentia como se estivesse em outro mundo.

– O que foi aquilo, Ohlarac? – perguntei, com voz fraca – por que foi tão assustador...?

– Você não esperava que fosse tão poderoso? – perguntou Ohlarac.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Não! – exclamei, ainda ligeiramente trêmula – achei que fosse apenas um ritual formal e simbólico: eu seria vendada, elas me fariam algumas perguntas e depois me recepcionariam com palmas e abraços. Não é assim que geralmente acontece?

– Não sei. Não estou habituado às cerimônias dos grupos de magia de seu mundo.

– E onde foi que você se meteu no momento em que eu mais precisava de ti? – perguntei, irritada.

– A presença daquela criatura foi muito forte e me afastou – contou Ohlarac – de qualquer forma, achei que você precisava lidar com isso sozinha. Não quis interferir.

– Pois da próxima vez quero que você atravesse o fogo e lute com aquele monstro! – exclamei – somente assim conseguirei suportar essa provação.

– Não quer tentar fazer isso com sua própria força?

– Será minha última chance e não quero desperdiçar.

Quando entrei no ônibus, eu ainda estava chocada. Parte de mim ainda não se encontrava naquele mundo.

Agora era questão de honra. Eu iria me dedicar a uma preparação intensa ao longo daquele mês. Não queria estragar tudo.

Quando cheguei em casa, me sentia uma perdedora. Comecei a remover minha maquiagem com um algodão, diante da penteadeira. Eu me sentia triste.

– O que era aquela coisa? – perguntei – era mesmo um demônio?

– Parecia – disse Ohlarac.

– O que é exatamente um demônio, Ohlarac? Ele não é criado por alguém como os servidores, certo?

– Alguns deles são – disse Ohlarac – surgem fruto de emoções como medo e desespero. Eles são alimentados com sentimentos negativos, crescem e ficam mais fortes. Podem ser usados por diferentes magos que se identificam com tais estados da mente.

– E quanto aos que não são criados por humanos? – perguntei.

– Não existem apenas humanos no universo – disse Ohlarac – acho que você já deve ter notado isso. É muita presunção das pessoas pensarem que tudo que existe é apenas criação da mente humana. Há diversos tipos de inteligências que são muito mais antigas.

Wanju Duli

– Tem razão, os humanos não existem há tanto tempo assim – concordei – então antes de os humanos existirem, já havia muitos outros tipos de seres sem corpos em outros planos espirituais, certo?

– Exato. Esse ser com o qual você lidou não parecia ser um servidor. É uma inteligência mais antiga, que vem antes de seu nascimento. Mas não tão antiga quanto o surgimento da espécie humana. Se fosse desses, duvido que você seria páreo para ele. Nem aquelas garotas seriam capazes de domá-lo. Nem mesmo eu...

– Como pode haver seres tão antigos? – perguntei – eles são imortais? Achei que muitas dessas inteligências reencarnavam para buscar o aperfeiçoamento, então como algo pode ser tão antigo quanto a espécie humana?

– Sim, os seres reencarnam, ou ao menos os que possuem corpos materiais – explicou Ohlarac – mas mesmo aqueles que são apenas espírito, geram karma. Você tem que entender que embora alguns milhares de anos possa parecer muito para nós, para certos seres é o equivalente apenas a poucos segundos de vida. Então não é tão absurdo que certos seres existam há milhões de anos, já que a passagem do tempo para eles e para nós é diferente.

– Acho que faz sentido – concordei.

– Mesmo assim, ninguém entende muito bem essas coisas – acrescentou Ohlarac – e a maior parte disso são apenas teorias.

– No meu mundo há diferentes religiões com as mais variadas teorias para esses fenômenos.

– E as aparentemente mais corretas nem sempre são as que fazem mais sentido – observou Ohlarac – pois muitas vezes a realidade se comporta de forma ilógica aos nossos olhos. Nós temos a ilusão de que no fim tudo se encaixa, pois isso é esteticamente agradável aos humanos. Mas pode ser que não seja bem assim.

– No momento, tudo que preciso são mais informações sobre aquele demônio – decidi – não estou tão interessada em descobrir o sentido da vida ou do universo. Só quero entrar para a Ordem Reinado dos Mundos! Não vai mesmo me ajudar a lutar?

– Até posso, mas corro risco de morrer – observou Ohlarac – e você não. No máximo, não será admitida no grupo. Basta procurar outro.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Mas eu quero esse! – exclamei, determinada – sei que estou sendo infantil, mas você está sendo covarde, Ohlarac. Eu vou telefonar para o Márcio.

– Quem é esse? O mestre de Aigam?

– Esse mesmo. Vou perguntar se ele pode me emprestar seu servidor para a batalha.

Telefonei e aguardei que Márcio atendesse.

– O que você quer? – ele me perguntou, com maus modos – estou meio ocupado.

– Pode me emprestar Aigam por um mês?

– É claro que não! Arrumei um emprego muito difícil e chato e só estou sobrevivendo até agora com a ajuda dela.

– É aquele concurso que você passou?

– Esse mesmo. É trabalho de escritório, mortalmente entediante. Para completar, é bem complicado. Só não me demito porque provavelmente jamais conseguirei um salário maior que esse, pelo menos não nessa vida. Então preciso continuar. Sendo assim, nada de Aigam para você!

– Se me emprestar tua servidora, topo trepar contigo.

Márcio ficou em silêncio por alguns segundos.

– Isso é sério? – ele perguntou, para se certificar – você deixa eu te comer?

– É claro.

– Posso ir aí agora?

– OK.

– Mas eu vou querer Ohlarac emprestado ao longo do mês.

– Combinado.

Quando desliguei o telefone, Ohlarac não pareceu gostar muito.

– Está trocando de servidores? – ele perguntou, sem acreditar – você acha que nós somos pokémons?

– É só por um mês, bobinho – eu ri.

– Se conseguir aguentar Aigam por um mês, boa sorte! – ele riu também.

Quando abri a porta para Márcio, ele foi logo tirando o casaco.

– Calma, cara – eu disse.

Wanju Duli

– Só estou tirando porque tá quente pra caralho – ele disse – posso pegar água na geladeira?

– A casa é sua.

E ele agia como se fosse mesmo. Em vez de pegar água, abriu uma latinha de cerveja.

– E aí, Ohlarac! Pronto pra me ajudar no meu trabalho?

– Mal posso esperar – ele disse, sem emoção.

– Já lutei contra vários demônios – disse Aigam, confiante – esse aí vai ser barbada.

Márcio tirou a camisa e deitou-se em cima de mim na cama. Ohlarac e Aigam ficaram um pouco desconfortáveis.

– Vão passear – fiz um gesto com a mão, como se eles fossem cachorros.

E eles sumiram de lá.

– Me chupa, benzinho? – pediu Márcio.

– Chupo sim, mas só se prometer não me chamar mais de benzinho – eu disse.

– Está bem, minha vaquinha malhada.

Dei-lhe um tapa na cara.

– Vai te foder, meu filho – eu disse.

– Ui, que sexy – disse Márcio – bate mais forte, minha cahorrónal!

Ele continuou me xingando e eu continuei metendo-lhe bofetadas. Foi uma transa atípica, mas até que foi divertido.

Ele saiu de lá cheio de marcas vermelhas pelo corpo, mas satisfeito.

– Precisamos fazer isso de novo qualquer dia desses – disse Márcio – espero que uma horda de demônios assale sua casa.

– Boa noite pra ti também, Márcio – eu disse – seu corno vendido.

E bati a porta.

– Vou receber uma recompensa pelo serviço que irei perstar-lhe, madame? – perguntou Aigam.

– Se eu conseguir entrar para a ordem, darei um jeito de restaurar um de seus olhos – eu disse – nem que eu use magia negra para isso.

– Magia negra – repetiu Aigam – sabe o que esse termo significa em nosso mundo?

– Nem quero saber – eu disse – se eu entrar para o grupo, sei que a líder saberá alguma magia bem poderosa para te ajudar.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Mas não foi fácil lidar com Aigam nos dias que se seguiram. Mesmo sendo uma servidora, ela tinha um ego enorme e sabia ser teimosa. Até mesmo mal educada.

– Aposto que você não trata Márcio assim!

– É claro que não – disse Aigam – porque ele é meu Senhor. Você é apenas a amiga fraca.

– Quem disse que sou fraca? – perguntei, irritadíssima.

– Se não fosse, não precisaria de ajuda. Ohlarac não é fraco, mas por alguma razão não está a fim de te ajudar, então sobrou pra mim.

Peguei um velho livro de goécia de uma biblioteca. O livro estava empoeirado e com páginas amarelas. Tracei os círculos arcanos e chamei uns demônios não tão fortes para Aigam lutar contra eles e treinar.

– Que chateação – disse Aigam – isso não dá nem pro gasto. Evoque entidades mais fortes!

Eu não sabia se tinha coragem, então resolvi mudar o método. Fomos para uma floresta. Usei outro grimório e convoquei alguns elementais da natureza.

– Fracos, fracos... – Aigam não parava de repetir – não sou eu que preciso treinar, mas você. Nunca sai da zona de conforto. Nunca desafia a si mesma. Você tem medo de falhar?

– Não tenho.

– Pode mentir para mim, mas não minta para si mesma – disse Aigam – o primeiro passo é reconhecer que você está toda cagada.

– Está bem, eu tô cagada – concordei – e agora?

– Agora limpe a bunda e vá para a guerra. Tudo bem se cagar, mas jamais largue a espada.

De uma forma inexplicável, essas palavras me deram coragem.

Peguei uma pilha de grimórios de goécia. Passei a madrugada evocando entidades fodonas. Algumas nem mostraram a cara. Não estavam nem aí para mim. Não me julgaram adversário à altura!

Por outro lado, as entidades que vieram acabaram comigo. Acordei sem energias. Mal conseguia levantar da cama. Para completar, peguei uma gripe do cacete.

– OK, agora você está sendo descuidada – disse Aigam – você precisa chegar a um equilíbrio. Aprenda a reconhecer o seu limite. Você

Wanju Duli

acha que isso é brincadeira? Acha que goécia é um jogo? Isso que te aconteceu não foi nada. Podia ter acontecido algo muito pior.

– Sua galinha! – exclamei, com o nariz escorrendo – depois de tudo que disse, como ousa vir com esse discurso cretino? Vou te matar!

– Pode tentar – provocou Aigam – estou sob a proteção do meu Senhor. Ou você se julga mais forte que ele? Está disposta a encarar a fúria dele, caso realmente cumpra teu intento? Ele irá tomar Ohlarac para si, e terá todo o direito.

Ela tinha razão. Não tinha para que puxar briga com Aigam. Por mais mal educada que fosse, ela estava tentando me ajudar.

– Não saia evocando dezenas de entidades como uma maluca – ela instruiu – primeiro você precisa se preparar: meditar, realizar um bom banimento, cumprir toda a parte ritualística. Não coloque o carro na frente dos bois!

– Vou te atropelar com esse carro.

Eu não queria admitir que os conselhos dela eram bons.

Por causa dela, ao longo daquele mês avancei muito. Eu iria levar uma adaga no dia da minha iniciação, além de uma série de sigilos em post-it.

Na verdade, eu continuava tão cagada que estava planejando levar amuletos em todos os bolsos, além de um pingente de proteção contra ataques mágicos.

Combinei o encontro com a mestra, pela internet.

Salmacis: Tem certeza disso?

Naty: Sim, mestra Salmacis. Dessa vez estou preparada.

Salmacis: Não precisa fazer de novo se não quiser. Não tem que provar nada a ninguém.

Naty: Sei bem disso. Mas eu quero fazer, do fundo do meu coração.

Salmacis: Se é assim, venha nos encontrar amanhã. Mesma hora, mesmo local.

Naty: Muito obrigada.

Salmacis: Espero que não se arrependa.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Aquelas últimas palavras me deixaram um pouco apreensiva, mas não me intimidei. Me meter medo fazia parte do desafio. Elas fariam de tudo para me amedrontar, para me desafiar. Eu precisava vencer.

Na noite seguinte, não me foquei muito na maquiagem. Em vez disso, fiz questão de ativar algumas magias de proteção e levar alguns utensílios de poder comigo.

– Dessa vez não tem erro – garanti – preparada, Aigam?

– É claro que estou preparada para seu brinquedo – respondeu-me Aigam – em meu mundo, enfrento coisas muito piores.

Peguei o ônibus. Dessa vez, eu estava bem mais confiante, ansiando pela aventura, em vez de desejar sair correndo.

Dei meu nome na recepção do clube. Eu já sabia o caminho.

No entanto, quando eu estava chegando perto do lugar, meu coração voltou a bater forte. Eu sabia que a qualquer segundo seria vendada.

E dessa vez foi pior. Não fui somente vendada de surpresa, mas também amordaçada. Prenderam minhas mãos e meus tornozelos. Fiquei deitada no chão.

“Merda, eu não estava planejando isso” pensei, em desespero. Como eu iria batalhar deitada? Como iria ativar os sigilos, se eu não poderia usar meu post-it?

Fui carregada para algum lugar. Dessa vez, em vez do calor do fogo, senti o frio do gelo.

Devem ter me colocado em algum lugar em que havia refrigeração, pois fiquei tremendo de frio. Era como se eu estivesse dentro de uma geladeira.

“Ice magic, fire magic” pensei, nervosa. Eu já havia lido sobre isso em algum lugar. Mas naquele momento estava com tanto medo que os feitiços me fugiram.

“Aigam, você está aí?” chamei-a mentalmente, mas ela não veio. Eu não a senti.

“Merda, merda, merda!”. Mil vezes merda! Restava-me apenas suportar o frio em silêncio, até que elas misericordiosamente me soltassem.

Ou será que eu teria que me soltar sozinha? Com magia? Elas não poderiam ser tão cruéis.

Wanju Duli

Senti uma nova presença. Não era o demônio de enxofre da outra vez.

Era uma presença calma, que adormecia todo meu corpo e me chamava lentamente para a morte.

Tão tranquilo... tão pacífico. Eu não precisava fazer nenhum esforço. Bastava morrer. Ceder à tentação de dormir. Parar de respirar.

Mas eu estava tremendo tanto de frio que não era capaz disso. Eu já não sentia os dedos das mãos e dos pés.

É claro que elas não iriam me deixar lá tanto tempo para eu congelar, certo? Não a ponto de ocorrer uma necrose e eu precisar decepar os dedos.

Mesmo sabendo que não, é claro que aquele pensamento se passou pela minha cabeça e me apavorou. Eu queria muito entrar para a ordem, mas não estava disposta a perder os dedos por ela.

“Isso significa que não estou preparada” pensei, desapontada.

Era apenas um corpo. Um pedaço de carne. Por que eu não podia perder um ou dois dedos? Eu ainda tinha tantos...

Será que eu era mesmo meu corpo? Ou era meu espírito? Havia mesmo algo que eu pudesse chamar de “eu”?

– Natália... vem comigo.

Era aquela entidade calma me chamando. Até a voz era como cristal.

Seria um anjo? Não... era outra coisa. Seria um poderoso elemental do gelo?

Pensando bem, aquilo que senti um mês atrás podia não ser um demônio, mas um elemental do fogo.

Eu já tinha ouvido falar no elemento “gelo”. Sim, na magia nórdica. Magia de runas. Será que eu poderia usar o poder de uma runa para me proteger?

Mas eu também era uma merda em runas. Encolhi o corpo, para tentar me aquecer.

A adaga que eu trouxe comigo caiu do meu bolso. Tentei pegá-la com as mãos atadas e cortar a corda, assim como acontecia nos filmes. Só que na vida real a corda era muito grossa e eu não teria força suficiente para partir a corda que prendia meu pulso com as mãos atadas. Por isso, essa estratégia não funcionou.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Em vez disso, acabei produzindo um corte na minha mão por acidente. Senti o sangue molhado nos meus dedos. Doeu ainda mais, porque estava frio.

Embora aquele acidente tivesse sido estúpido, sentir meu próprio sangue fez aquecer meu coração. Senti minha determinação queimando. Se eu estava disposta até a derramar meu próprio sangue para sair de lá, eu estava preparada.

Os antigos diziam que a alma estava no sangue. Por isso magia com sangue era tão poderosa. E nossa alma era parte do espírito do universo.

Isso significava que com meu sangue eu poderia evocar algum poder maior. Resolvi traçar um sigilo no gelo com o sangue do meu dedo e criar um novo servidor naquele momento.

Inicialmente pensei em chamá-lo de “Quebra-gelo”, mas estava muito complicado pensar no nome ao contrário, de cabeça. Por isso, dei-lhe o nome de Sorvete.

“Etevros! Que o gelo vire água!”

Mas meu servidor recém criado não tinha tanto poder assim.

– Não consigo, mestra Natália – confessou-me o servidor.

“Então lute contra aquela entidade!”

Eu não sabia o que eu estava enfrentando. Foi só nesse momento, após criar o servidor, que pude ver o meu adversário.

Havia uma forma corpórea em meio à névoa. Para enfrentá-lo, passei a mentalizar o sigilo de meu servidor, entoando-o mentalmente, como um mantra.

“Etevros, etevros, etevros!”

Alterei meu estado de consciência. Visualizei o seguinte cenário: Etevros atravessava a névoa e quebrava o elemental do gelo em mil pedaços.

Tudo começou a girar. Acho que perdi a consciência por um momento.

Quando acordei, não estava mais frio. Eu estava lá fora, vendo o céu da noite. Cinco magas mascaradas estavam ao meu redor.

– Parabéns, Natália. Você passou no teste.

Eu não estava mais amarrada. Eu via tudo ao meu redor e podia falar. Respirei fundo.

– Pensei que eu fosse morrer – confessei.

Wanju Duli

– Você morreu. E renasceu. Aquela que está lá dentro não é você.
Quer ver o cadáver?

Senti um frio na espinha.

– Como assim, o cadáver? – perguntei, com voz trêmula.

– Se você entrar na sala outra vez, verá a si mesma morta. Aquele corpo que não é mais seu.

Quem teria coragem de ver algo assim?

– Quer ver? – ela insistiu.

– Não – decidi.

Eu não sabia se aquilo era uma piada, mas se parecia muito pouco com uma. Elas falaram aquilo com extrema seriedade.

Eu não duvidava que se eu adentrasse na sala fosse capaz de enxergar a mim mesma morta. Na verdade, eu tinha certeza que eu veria. Mas eu não queria ver.

– Você tem medo?

– Eu só sinto que não devo ver – respondi.

– Muito bem.

Quem dialogara comigo durante todo aquele tempo fora a mestra. Eu sabia que era ela.

As cinco ainda usavam máscaras. Não achei que elas fossem tirá-las tão cedo.

A mestra desembainhou uma espada que carregava na cintura. Eu ainda estava deitada no chão. Ela tocou a lâmina no meu peito, perto do coração.

– Não és mais Natália – disse a mestra – quem és tu?

– Esmeralda – respondi, de imediato.

Decidi que aquele seria meu nome mágico. Aquilo já havia sido decidido previamente.

A mestra puxou-me pela mão e eu me levantei. Ela tocou a lâmina em diferentes partes do meu corpo, como se traçasse um símbolo. Segurou meus dedos. Senti um arrepio. Colocou-me um anel no dedo: nele havia uma coroa entalhada com a pedra esmeralda.

– Bem-vinda à ORM, Esmeralda.

Ela deu um leve sorriso ao dizer isso. Senti que eu iria derreter de felicidade.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Foi só nesse momento que me dei conta: onde estava Etevros? E onde estava Aigam? Como não os vi por perto, decidi deixar essa questão para resolver depois.

Agora eu queria desfrutar de toda a minha alegria; da minha merecida glória.

– Você se machucou?

A mestra pareceu ligeiramente preocupada quando viu o sangue na minha mão. Senti-me imensamente feliz com a preocupação dela, mas apressei-me em tranquilizá-la.

– Não foi nada – eu disse.

– Ainda parece com um pouco de frio – ela observou – venha sentar-se conosco perto do fogo.

Apreciei o convite. As cinco foram se sentar perto de uma fogueira que havia sido previamente preparada. Ao me aproximar, senti-me renovada. Era realmente como se eu tivesse nascido de novo.

Olhei de relance para a sala gelada. Era um cômodo lá longe, agora com a porta fechada. Por alguma razão, eu estava morrendo de medo daquele lugar. Não queria nem sonhar em ver meu próprio corpo morto.

– Serei cremada ou enterrada? – perguntei.

– Perdão? – perguntou a mestra, fitando-me diretamente.

– Ah, nada – acrescentei, embaraçada – aquilo lá dentro era um espírito do gelo?

– Algo similar – respondeu a mestra.

A voz dela era música para meus ouvidos.

A mestra era a mais alta das cinco. Como a voz dela podia ser tão grave e, ainda assim, tão feminina?

Ela era elegante ao extremo. Notei que ela usava salto alto. Por sinal, uma ótima escolha de sapato. Muito mais chique que o meu. E olha que eu tinha bom gosto.

Eu queria reparar cada detalhe. Além do anel da ordem, ela tinha outros anéis nos dedos e algumas pulseiras. Tudo muito harmonioso e equilibrado. Nada em excesso. Parecia o cálculo exato para corresponder à harmonia universal.

Unhas longas e vermelhas, para combinar com o batom vermelho. Bem clássico.

Wanju Duli

O tom de pele dela era um branco bem bronzeado, ou moreno claro. Alguma coisa intermediária entre os dois.

Mas eu não era capaz de reparar em muito mais além disso, já que as mocinhas ainda não tinham tirado os capuzes e as máscaras. Eu via apenas os intensos olhos castanhos escuros da mestra, mas não conseguia olhar por muito tempo, pois eu era incapaz de encará-la.

– Por que escolheu se chamar Esmeralda, se posso perguntar?

Quem me perguntou isso foi uma mocinha baixinha e pequena, com uma voz aguda. Parecia quase o completo oposto da mestra: enquanto a líder era elegante e imponente, esta menina era doce e meiga.

Ela não usava salto, mas um sapatinho de bico redondo, cheio de pedrinhas brilhantes. Suas unhas curtas estavam pintadas com esmalte em tom rosa claro e, além do anel da ordem, tinha apenas um anelzinho pequeno com uma pedrinha cristalina, em forma de coração.

Acho que essas pequenas escolhas já me diziam muitas coisas sobre com quem eu estava falando.

– Por causa da Tábua de Esmeralda do hermetismo – respondi.

– Uau, boa escolha!

Quem disse isso foi uma moça mais ou menos da minha altura, que tinha um tom de voz animado e convidativo. Ela usava um sapato com salto bem baixo e não tinha as unhas pintadas.

– Já falei com algumas de vocês pela internet – observei – posso saber quem é quem?

– Sou a Iara – disse a menina meiga.

– Fraus – apresentou-se a que elogiou minha escolha de nome.

Reconheci o nome “Iara” de imediato, da mitologia indígena, mas não identifiquei o que simbolizava “Fraus”.

– Deusa romana da traição e da fraude – explicou Fraus.

– Por que alguém escolheria esse nome? – perguntei.

– Para que as pessoas fiquem se perguntando: “Por que será que ela escolheu esse nome?” – respondeu Fraus – assim mantenho a atmosfera de mistério.

Se isso significava que ela era uma pessoa que não se podia confiar, era melhor eu me manter alerta. Tomaria cuidado para não lhe contar nada muito pessoal a meu respeito.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Não acreditei que você fosse passar nessa segunda prova. Você me pareceu fraca e medrosa. Mas aparentemente você está aqui, não é?

Fitei a garota que havia dito isso. Ela era quase tão alta quanto a líder, mas muito mais gorda. Tinha a voz ligeiramente grave também.

– Deixe-me adivinhar – eu disse – você é a Kali.

Eu já havia discutido com ela algumas vezes pela internet. Na verdade, era o único membro da ordem com quem eu já tinha batido boca. Inicialmente ela havia sido contra a minha entrada e pelo jeito ainda era.

– Exato.

– Pois é, Kali, acho que não há mais o que fazer.

Ela deu de ombros.

– Eu sou Harpocrates, mas como é muito longo pode me chamar de Harpo. Nunca nos falamos antes pela internet.

Ela também era meio baixinha, mas não tanto quanto Iara. Em geral, só ficava quieta num canto.

– É a Deusa do silêncio – ela explicou.

– Faz sentido – eu disse.

– E, como já deve saber, sou Salmacis, sua tutora.

Fitei a líder. Foi com ela que mais falei pela internet.

Eu já havia procurado na internet o significado do nome “Salmacis”. Era uma ninfa aquática que havia violentado o Deus Hermafrodito. Eu não fazia a menor ideia porque ela tinha escolhido esse nome. Eu jamais teria coragem de perguntar. E, devido ao simbolismo delicado do nome, senti que eu não deveria. Não era da minha conta.

Eu queria saber quando elas tirariam as máscaras. Mas também não perguntei isso.

Será que elas ainda estavam me testando? Ainda não me consideravam membro. Não queriam mostrar o rosto. Senti-me um pouco desconfortável com essa atitude delas, mas resolvi não reclamar.

Era melhor eu ter paciência. Se aquilo fosse um teste de paciência, eu iria aguentar firme.

– Como sabem, conheci o grupo de vocês através do Márcio – resolvi puxar assunto para romper o silêncio incômodo – na verdade, ele até queria ser membro da ORM, mas vocês não aceitam homens, não é mesmo?

Wanju Duli

Elas se entreolharam. Pelo jeito, eu havia tocado num tema delicado.

– Não é que não aceitemos homens – explicou a líder – não gostamos de colocar as coisas dessa forma.

– Então como vocês colocam? – perguntei, curiosa.

– Não pensamos mal de homens e nem nada assim – ela prosseguiu – apenas nos sentimos mais confortáveis somente entre garotas. Você entende?

– Não tenho certeza – eu disse.

– Temos diversas atividades no grupo, incluindo dormirmos uma na casa da outra eventualmente, para realizarmos rituais noturnos como evocações, pois nem sempre podemos usar o clube – explicou Salmacis – se aceitarmos um membro do sexo masculino, teríamos que excluí-lo dessas atividades ou alterar as dinâmicas de grupo, que têm funcionado tão bem até hoje.

– Entendi.

Resolvi não insistir. Elas podiam ter suas razões além dessa e não cabia a mim julgar.

Mesmo assim, era uma pena, pois Márcio parecia bem empolgado. De qualquer forma, quem ficou empolgada fui eu ao descobrir que elas dormiam regularmente na casa umas das outras. Imagine só dormir na casa da líder! Ver o quarto dela! Que máximo!

– Você conheceu Márcio por causa do livro sobre servidores escrito pelo Breno, não é? – perguntei – isso significa que você também criou um servidor de Quepar? Eu ouvi rumores.

– Minha Oãçome infelizmente morreu – informou a líder – por isso, fiz outra servidora, chamada Éf. Deseja vê-la?

– É claro! – eu disse, feliz pela oportunidade.

– Olhe para o fogo.

Concentrei-me na chama e entrei em transe.

Aos poucos, surgiu diante de mim a imagem de uma servidora com um capuz rosa e manto branco. No entanto, a pele dela não era no tom branco quase transparente dos servidores de Quepar e sim cinzenta. Ela tinha olhos amarelos.

– Um servidor de Midaforvel? – perguntei, entusiasmada.

– Sua percepção é afiada – aprovou Salmacis – mas minha Éf estudou numa escola de Quepar: Açnerc.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

- Se é que posso perguntar, por que fez uma servidora para fé?
- Não é óbvio?
- Você deseja aumentar a sua fé – eu disse – mas de que fé estamos falando? Sua fé em si mesma? Nas outras pessoas? Em algum ideal?
- Eu desejo aumentar minha fé em Deus.
Eu fiquei sem fala diante dessa resposta.
- Eu soube que você adorou Oãcome como se ela fosse uma Deusa – observei – então será que desde essa época você já sentia essa necessidade de adorar em vez de ser adorada?
- A sua pergunta é muito pessoal, mas eu vou responder – decidi Salmacis – eu penso que sim. Não me importo muito se seja um Deus ou uma Deusa. Particularmente me sinto mais confortável com Deusas, mas não sou tão sensível a ponto de exigir um gênero determinado.
- Você pretende transformar Éf numa Forma de Deus, como fez com Oãcome?
- Não é esse meu projeto. Não dessa vez. Éf apenas irá me auxiliar a ter mais fé no Deus cristão. É ele que quero adorar. Tenho planos de em breve me batizar na Igreja católica.
- Eu estava ficando cada vez mais estupefata.
- Por que o Deus cristão? E logo a Igreja católica? Que tal a Wicca? Eles têm uma Deusa. Há muitas religiões belas com panteões incríveis e que garantem muito mais liberdade.
- Depende do que você entende por liberdade – disse Salmacis – nós, amantes do ocultismo, muitas vezes nos voltamos para o estudo da filosofia oculta porque as religiões tradicionais não nos fornecem tudo que buscamos. Não estamos satisfeitos com elas.
- Exatamente! – eu disse – elas estão cheias de preconceitos. E muitas delas parecem muito simples. Nós queremos ir mais a fundo, em busca de algo que satisfaça nosso intelecto e nos dê emoções poderosas.
- Você disse tudo – Salmacis pareceu satisfeita – quem quer emoções poderosas pode buscar, por exemplo, o satanismo. Aqueles que buscam satisfazer o intelecto podem se aprofundar no estudo da cabala. Mas por que os ocultistas estudam cabala em vez de pesquisar sobre o judaísmo? Já pensou nisso?
- Por causa dos preconceitos, porque o Velho Testamento é uma merda – eu comentei.

Wanju Duli

– Aí que está, não é por causa dos preconceitos – disse Salmacis – até no Livro da Magia Sagrada de Abramelin há restrições de idade e gênero. Qualquer livro escrito há muito tempo contém preconceitos, do ponto de vista de alguém da nossa época.

– Mas os magistas pagam pau para Abramelin e xingam a Bíblia – eu ri ao me dar conta disso – pagam pau para os Deuses greco-romanos, mas acham o Deus judaico-cristão um absurdo.

– Você enxerga a contradição? – sorriu Salmacis – os ocultistas buscam algo intelectualmente complexo e desafiador na teoria e uma prática que gere fortes emoções. E acham que magia é mais emocionante que espiritualidade.

– Por isso há tantos adolescentes praticando magia, especialmente o satanismo – comentou Kali – porque querem “se revoltar” contra os valores estabelecidos, contra as religiões vigentes. Sem nem ao menos se dar ao trabalho de tentar entendê-las.

“Ah, e você se acha muito adulta xingando os adolescentes” pensei. Kali devia ter saído da adolescência há poucos anos e já se considerava com autoridade suficiente para julgar os gostos e valores de quem era mais novo que ela, posando de superior. Típico.

– A magia geralmente tenta alterar o mundo material – explicou Salmacis – e a espiritualidade tende a se focar a mudar o nosso interior: o mental. Claro que há muito espírito nisso tudo.

– Eu considero um foco na espiritualidade sinal de maturidade – prosseguiu Kali – porque é coisa de criança essa história de querer que todas as coisas lá fora se dobrem de acordo com nossa vontade! Não é muito mais maduro aceitar as coisas como são?

– Eu chamo isso de conformismo – falei – por isso religiões são conservadoras: desejam que o mundo continue igual. Mas que bem há nisso? Os tempos mudam! Por isso muitos magistas também se interessam por política: eles sabem que não somos apenas espírito, mas também corpo. A mudança espiritual deve acompanhar uma mudança mental e também material! Por que não?

– Não estou dizendo que o corpo não importa – disse Kali – mas é uma tendência da época em que vivemos achar que apenas a matéria é real e que a mente é apenas uma projeção do corpo, uma extensão do cérebro.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Isso se chama materialismo – disse Salmasis – embora alguns prefiram o termo “secularismo” para incluir a parte da ciência que fala sobre energia. Atualmente, muitos praticantes de magia moderna e pós-moderna interpretam a magia apenas sob o ponto de vista psicológico. Acho uma abordagem interessante, mas não me satisfaz plenamente. Eu preciso do espírito.

– Então você não enxerga os servidores como uma projeção de sua mente? – perguntei.

– Eles podem até começar na mente, mas depois adquirem uma vida própria e independente, completamente separada do criador – disse Salmasis.

– Você acha que a Magia do Caos é muito materialista? – perguntei.

– Ela se originou de pontos de vista mais científicos, mas a Magia do Caos em si não é nem materialista e nem idealista – explicou Salmasis – caoísmo é criar seu próprio sistema, o que significa que tanto uma base materialista quanto uma idealista são igualmente válidas. Quem quiser considerar os servidores como totalmente dependentes da mente, pode ficar à vontade. Para mim não é assim, pois uso outro modelo.

Honestamente, eu me sentia o máximo tendo aquelas conversas profundas sobre magia com as meninas, logo ao entrar no grupo.

Acho que elas queriam saber minhas opiniões sobre assuntos específicos antes de me considerar totalmente parte do bando. Se notassem que eu era preconceituosa demais ou cabeça fechada, ainda daria tempo de me chutar fora.

Por isso, o meu papel era mostrar que eu tinha a cabeça bem aberta. Mesmo que isso significasse dizer que o Deus cristão era legal.

– Acho que agora entendo seu interesse no cristianismo – confessei – porque eles seguem um modelo mais idealista.

– Mas não é só isso – disse Salmacis – no cristianismo também há profundidade intelectual e a geração de emoções poderosas. Na verdade, há isso em qualquer religião, contanto que se estude a fundo.

– Então por que não escolheu o islamismo? – brinquei.

– Porque não é tão fácil o acesso a mesquitas aqui no Brasil – respondeu ela – também admiro muito o Corão.

Fiquei surpresa com a resposta. Ela estava mesmo falando sério.

– E que tal o hinduísmo ou budismo? – perguntei.

Wanju Duli

– Bem, eu preciso escolher alguma – disse Salmacis – senão eu ficaria como alguém que ama todos os instrumentos musicais, mas nunca escolhe um para estudar mais a fundo. E eu quero ir a fundo em alguma coisa.

– Você mencionou a cabala antes – observei – então que tal estudar cabala a fundo? Ou astrologia? Ou...

– Eu acho que essa parte mística das religiões, como cabala, gnose e sufismo são meio elitistas – comentou Salmacis – somente os escolhidos e iniciados podem fazer parte. Só quem tem tempo e disposição para estudar. Atualmente estou simpatizando mais com religiões que propõem uma salvação mais universal, mesmo para os simples e humildes.

“Está dizendo isso a garota que não queria me aceitar em sua ordem porque eu não era capaz de sobreviver no meio de um círculo de fogo” pensei, contrariada.

Sinceramente, eu não sabia onde ela queria chegar.

– Deixa eu ver se entendi – eu disse – você fez um servidor para aumentar sua fé no Deus cristão. E depois que aumentar, o que acontece? Vai parar de praticar magia e se focar apenas no espírito?

– Talvez. Estou pensando em fechar a ORM.

– Logo agora que eu entrei!

Salmacis sorriu.

– Não se preocupe. Talvez isso só aconteça daqui um ano ou alguns anos. Ou nem aconteça.

Fiquei mais aliviada.

– Você acha que Deus pode te salvar ou algo assim? – perguntei.

– Atualmente estou bem – ela respondeu – não preciso de Deus.

– Então!

– Mas um dia posso precisar. Alíás, um dia vou precisar. Quanto mais as pessoas envelhecem e veem as pessoas ao redor morrendo, mais precisam de Deus. Ao longo da vida, elas percebem que magia não é o bastante. Que por mais poderoso que um magista seja, por mais poderes psíquicos que possua, nunca será o suficiente para vencer completamente a dor, a doença e a morte. Por isso, o único consolo sempre está em Deus.

– Acho que os budistas se dão bem sem Deus – opinei.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Traduza o que eu disse para: “o único conforto está no transcendente” – disse Salmacis – já que o budismo também fornece uma solução além da manipulação da mente e da matéria.

Aquela conversa estava começando a me deixar desconfortável.

– Eu não vivo pela morte e sim pela vida – eu disse – por que não busca uma religião ou Deus só quando ficar mais velha e achar que precisa?

– Porque leva anos, ou talvez décadas, para construir uma fé realmente poderosa – disse Salmacis – é preciso estudar muito, ler os livros sagrados, estudar os comentários, ir à missa, realizar os rituais. Por mais que pareça simples, na verdade é bem complicado. Além do mais, nós também passamos por dores na juventude. Consegue eliminar todas elas pela magia?

– E Deus consegue? Ele é assim tão poderoso?

Pergunta idiota. Ah é, o cara era onipotente. Mas ele existia mesmo?

Salmacis apenas deu um sorriso misterioso e disse que deixaria a conversa por ali.

– No nosso próximo encontro eu irei te provar, acima de qualquer dúvida, que Deus existe – ela disse – está preparada?

Não, eu não estava.

– Na verdade estou com medo – confessei – quando uma pessoa inteligente como você diz algo assim, eu não tenho escolha, a não ser acreditar.

Era como a história do cadáver. Eu estava aterrorizada! Tinha certeza absoluta de que se eu abrisse aquela porta, eu veria a mim mesma morta no chão e cairia em prantos. Seria mais chocante do que um filme de terror.

Aquela era a vida real. E aos poucos eu descobria que a vida real era muito mais impressionante do que eu imaginava.

Ao mexer com servidores, eu ainda queria acreditar que me movia num mundo de fantasia. Num mundo elástico, que eu era capaz de moldar conforme minha vontade.

Mas havia algo mais. Não eram apenas os servidores que eram reais. Eu vivia num mundo repleto de Deuses, anjos, demônios, elementais e muitas outras entidades que pareciam ter pulado de livros escritos para crianças.

Wanju Duli

Quando peguei o ônibus para voltar para casa, eu estava tremendo. E não era de frio.

Aos poucos, aceitei que meu servidor chamado Etevros havia morrido. Foi um servidor temporário que criei, apenas para tentar me salvar. Mas pelo jeito ele havia falhado: nós dois havíamos morrido juntos. Isso era, de certa forma, poético.

– Oi, Natália.

– Que susto, Ohlarac! – berrei – quase me mata do coração, cacete!

– Desculpe. Aigam voltou para seu Senhor, e aqui estou eu! Conseguiu entrar na ordem?

– Sim, mas não graças a Aigam! Ela apenas sumiu e não deu satisfações.

– Ela me disse que aquelas magas levantaram uma barreira intransponível – disse Ohlarac – ela não conseguiu penetrar de jeito nenhum. Pelo jeito elas são fortes.

– Isso eu percebi. Me diz uma coisa, Ohlarac: será que eu morri?

– Hã? Devo interpretar essa pergunta literalmente?

– Isso.

Ele pensou por um momento.

– Eu não saberia dizer – ele confessou – você me parece a mesma. Mas eu sei que essas cerimônias de iniciação podem tocar a alma. Pode ter acontecido alguma coisa. Talvez você nunca saiba ao certo. E nem precise saber.

Resolvi me conformar.

Enquanto viajava de ônibus, contei a ele todas as coisas que conversei com as garotas. Pedi a opinião de Ohlarac a respeito.

– Você sabe que nós servidores não sabemos muita coisa sobre o Deus dos humanos – ele disse – aliás, não sabemos nada. Vocês são nossos Deuses. Já são grandiosos demais. Olhar além disso é muita ambição para um servidor.

– Não gosto que digam “Deus” no singular – opinei – se há muitos servidores e muitos Senhores na Terra, por que haveria apenas um Deus?

– Quem sabe exista um Deus mais poderoso que os outros Deuses menores – explicou Ohlarac – porque ele ganhou mais adoradores.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– De fato, o Deus das religiões abraâmicas ganhou mais adoradores nos últimos séculos do que todos os Deuses das outras religiões somados – reconheci – será que foi isso que o tornou mais forte que todos?

– Mas se esse Deus é tão forte, ele não depende da existência de humanos – disse Ohlarac – se ele dependesse, não seria onipotente.

– Não dependo da sua existência também – concluí – então talvez o Deus dos humanos não dependa mesmo de adoradores para existir.

Quando cheguei em casa, não conseguia parar de fitar meu lindo anel.

– Estou amando ser membro da ORM – confessei – se Salmacis acabar com a ordem, eu vou ficar puta.

– Basta que outro membro seja líder no lugar dela – disse Ohlarac – então a ordem não precisa acabar se ela sair.

– Mas não será a mesma sem ela. Você não faz ideia como Salmacis é incrível!

– Eu a vi naquele dia, mas não achei nada de mais.

Eu estava ansiosa pelo nosso encontro seguinte. Eu tinha certeza de que dessa próxima vez eu as veria sem as máscaras.

Capítulo 2: Midaforvel em Chamas

– Pensei que você havia dito que ia largar sua Senhora na Terra – observou Zap.

– E você largou seu Senhor, por acaso? – riu-se Ohlarac.

Zap fez que não.

– Por mais que ele seja duro comigo e me prive da minha liberdade, acho que só me sinto completo ao lado dele – confessou Zap.

– Sinto algo parecido – disse Ohlarac – Natália me causou muita dor, mas minha vida só tem sentido quando estou com ela.

– Quando eu os ouço falar de seus Senhores, é como uma lembrança distante e agradável – comentou Sodontse – agora que não tenho Senhor, é estranho. Não sei se bom ou ruim. É apenas esquisito. Mas provavelmente já estou me acostumando. Deve ser assim.

Naquele momento, um servidor pequeno se aproximou, puxando um carrinho de brinquedo por uma corda.

– Papais, posso ir brincar no parque?

Ele vestia capuz laranja e manto roxo.

– Pode sim, Oãsevid – disse Zap, bondosamente.

E ele correu para o parquinho.

– Nossa, que nome horrível – comentou Ohlarac – não conseguiram pensar em nada melhor?

– Fui eu que dei... – disse Sodontse, timidamente.

– Poxa, Sodão! – disse Ohlarac – logo você que já leu tanto, não conseguiu pensar em nada melhorzinho?

– Desculpe...

– Peça desculpas ao seu filho depois que ele quiser ir ao cartório trocar de nome – disse Ohlarac.

– Ah, aqui é fácil fazer isso – comentou Zap – as pessoas trocam de nome todos os dias.

– Menos mal – disse Ohlarac.

Agora Sodontse era capaz de permanecer com a aparência de um nativo de Midaforvel por tempo indeterminado: com pele cinzenta e

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

olhos amarelos. No entanto, seus demais traços faciais e corporais eram semelhantes aos que tinha em Quepar.

– Vamos explorar o Pântano do Grito – informou Zap – quer ir com a gente, Ohlarac?

– Enquanto minha Senhora não me chama, topo qualquer aventura – Ohlarac respondeu, com animação.

Cada um pegou uma espada e calçou botas longas. Em pouco tempo, estavam se arrastando lentamente pelo pântano, em meio a uma enxurrada de mosquitos e outros insetos desagradáveis.

– Mas que programa de índio! – riu Ohlarac – onde estão os espíritos?

Naquele instante, um espírito em forma de jacaré abocanhou a perna de Ohlarac e aprisionou-o.

– Merda – disse Zap, agitando a espada.

– Não é por nada, mas minha perna está começando a ser rasgada – confessou Ohlarac, com dificuldade, mas sem tirar o sorriso do rosto – onde está meu salvador?

Sem perder tempo, Sodontse mudou de forma: transformou-se num gigantesco fantasma transparente, com olhos brilhantes, e trucidou o fantasma de jacaré no mesmo instante, que explodiu em mil pedaços.

Ohlarac permaneceu olhando a cena boquiaberto. Sua perna tinha apenas um corte fundo, mas não chegou a ser arrancada.

– Ser amigo do Fantasma Sagrado tem lá suas vantagens – admitiu Ohlarac, arrastando a perna – tem uma cura mágica aí?

– Estou sem energias – disse Sodontse, voltando à sua forma anterior – preciso descansar um pouco antes.

Ele sentou-se num canto.

Zap tentou quebrar o cadeado do tesouro que o jacaré estava guardando.

– É muito poderoso – disse Zap.

– Acho que temos companhia – observou Ohlarac.

Uns dez habitantes de Midaforvel se aproximaram do pântano, carregando tochas de fogo.

– Eu sabia! – gritou um deles – é a energia do Fantasma Sagrado! Matem-no!!

– Hora de dar no pé – disse Ohlarac – mas meu pé está meio bambo.

Wanju Duli

Os três saíram correndo aos tropeços enquanto eram perseguidos. Zap levou o baú de tesouro embaixo do braço.

Não foi fácil despistarem os malucos, que estavam queimando tudo.

– Vejo que já se espalhou o boato de que o Fantasma Sagrado está em Midaforvel – comentou Ohlarac – então será que já não é hora de retornar para Quepar, Sodutse?

– Não sei – disse Sodutse – eu sinceramente gostei daqui, mas parece que não tenho paz em lugar algum. Talvez o lugar mais seguro para mim no momento seja mesmo a Terra.

– Sem a proteção de um Senhor você ficará vulnerável lá – disse Zap.

– Melhor arriscar isso do que ser morto aqui – disse Sodutse – eu posso ser forte, mas se dezenas desses magos me encurralarem, não sei o que pode acontecer.

Quando os três saíram do pântano, receberam uma visita.

Aigam segurou Sodutse pela gola do manto.

– Por sua causa, ainda estou sem meus dois olhos, miserável!

– Hã... Aigam, eu sou o Sodutse. Ohlarac está à minha direita.

Aigam jogou Sodutse no chão e levantou Ohlarac pela gola do manto.

– Por sua causa, ainda estou sem meus dois olhos, miserável!

– Você teve sua chance – disse Ohlarac – não é culpa minha se a desperdiçou por não ser forte o bastante.

– Aquelas donzelas me bloquearam totalmente. E te bloquearam também. O que eu poderia fazer?

– Aposto que Sodutse consegue acabar com elas – observou Ohlarac.

– Não quero acabar com ninguém... – pronunciou Sodutse, baixinho.

– Eu mereço – disse Aigam – e o que temos aqui? Tesouro?

Aigam tateou o local onde Zap estava e arrancou o baú das mãos dele.

– Pode parar! – disse Zap – Ohlarac quase perdeu a perna para conseguirmos esse negócio e você simplesmente vai roubar?

– Todos sabem que vocês só foram pela aventura – disse Aigam – então fiquem com a maldita aventura. Eu fico com o prêmio.

Sem dificuldade, ela quebrou o cadeado com magia.

– Vejo que continua boa em romper cadeados – disse Zap, aborrecido.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Lá de dentro saíram fantasmas cinzentos, tossindo fuligem. Aigam esmagou-os com o pé.

– Uma poção mágica, de cura – ela analisou o pote de vidro com rolha, de coloração amarelo-esverdeada.

– Perfeito! – disse Ohlarac – já não aguento mais arrastar a perna.

Aigam tirou a rolha e bebeu tudo.

– Que gosto horrível – ela disse.

E quebrou a garrafa no chão.

– Midaforvel é uma roça mesmo – queixou-se Aigam – além de ter fantasmas fracos, os conteúdos dos baús são ridículos. Vou voltar para a Terra que meu Senhor me chama.

E ela desapareceu numa passagem dimensional.

– Também quero ir para a Terra – disse Sodutse – será que um de vocês pode me levar?

– Vem comigo, Sodão – convidou Ohlarac – assim você já se diverte tentando lutar contra o servidor novo da Salmasis.

– Quem é Salmacis? – perguntou Sodutse, curioso.

– A velha Senhora da sua mestra Oãcome.

– Acho que a conheço – disse Sodutse, segurando no cachecol que tinha enrolado no pescoço.

– Então está decidido – disse Ohlarac – vamos lá, que minha Senhora me chama. Acho que chegou a hora do segundo encontro. Você será de grande ajuda.

Quando os dois desapareceram em outra espiral dimensional, o pequeno servidor arrastando o carrinho pelo cordão retornou.

– Papai, vem construir castelinho comigo?

– Claro, filho – disse Zap – certamente é muito mais divertido e seguro do que caçar espíritos de jacarés.

– Também quero ir para o pântano. Quero ir para a Terra...

– Só quando for mais velho. Se eu fosse você aproveitaria enquanto seus braços e pernas ainda estão no lugar.

Capítulo 3: Um Deus Invisível

– Até quando está fora você arruma problemas, Ohlarac – queixei-me.

– Desculpe, Natália. É porque tenho amigos imbecis.

– Esse que você trouxe é um dos imbecis? – perguntei.

– Não, esse é um dos legais.

– Obrigado – disse o servidor que ele trouxe consigo.

Ele apresentou-se como Sodutse. Ohlarac disse que ele poderia ser páreo para enfrentar o servidor da minha mestra. Não acreditei muito.

– Mas nos leve ao próximo encontro mesmo assim – insisti Ohlarac – ao menos Sodutse poderá avaliar a situação e apresentar um relatório.

– OK, pra mim tanto faz. Mas tem certeza que conseguirá ir com essa sua perna machucada?

– Já está quase sarando. Estou ansioso por ir ao seu encontro.

– Fiquem invisíveis, falem somente comigo e não atrapalhem! – alertei.

Dessa vez iríamos nos encontrar numa cafeteria. Isso significava que eu havia sido formalmente aceita no grupo. É claro que elas não iriam para a cafeteria com capas e máscaras. Vestiriam roupas comuns e me recepcionariam de forma amigável. Ou ao menos era isso que eu pensava.

Na internet, perguntei reservadamente para Iara qual roupa seria adequada para a ocasião. Ela sugeriu um vestido. Das cinco, Iara era com quem eu me sentia mais à vontade para conversar, porque ela era toda queridinha.

Caprichei na minha produção. Como era um encontro à luz do dia, eu daria preferência a um vestido de cores claras e maquiagem mais leve.

Perguntei sugestões de roupas e penteados para os dois servidores, mas eles não prestavam pra nada.

Quando tirei o sutiã, Sodutse se escondeu num canto e desviou o olhar.

– Que servidor mais tímido – comentei, achando graça – pode vir ver meus peitos, Sodutse. Eu me orgulho deles.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Mas ele não saiu de lá.

– Deixa ele, mestra – sugeriu Ohlarac – ele é um cara reservado. Posso dar todas as sugestões que você precisar. Que tal alcinhas do sutiã combinando com a cor do vestido?

– Isso é óbvio – eu disse – acha esse vestido rosa muito infantil? Não quero parecer infantil. Salmacis é uma mulher madura, então devo usar uma roupa que me dê um ar respeitável.

Por fim, optei por um vestido azul estampado com flores. Coloquei um sapato com salto de tamanho médio. Um pingente com uma estrela e brincos de pérolas.

– Seu esmalte não combina com o vestido – observou Ohlarac.

– Hoje em dia o esmalte e a bolsa não precisam combinar com o vestido, Ohlarac – eu informei – isso era antigamente. Você não sabe nada sobre moda?

– Eu acho a moda dos humanos muito complicada.

– É, eu também acho...

Escolhi uma bolsinha pequena e coloquei nela somente o essencial. Saí de casa, bem mais tranquila do que da última vez. Afinal, eu já era membro oficial e não tinha porque as coisas darem errado a partir dali.

Foi fácil achar a cafeteria. Quando cheguei, três membros da ordem já estavam lá. E ainda eram quinze para as quatro.

– Vejam só quem chegou – observou Kali – a novata.

– Está linda, Esmeralda! – disse Iara, com um sorriso.

– Obrigada – sorri também.

Harpo também estava lá, lendo quietinha num canto. Ela apenas deu um leve sorriso quando cheguei, sem me cumprimentar.

Iara era toda meiguinha, como eu imaginava. Estava com uma blusa branca cheia de rendinhas, e uma saia jeans. Sandálias delicadas. Usava um colar com um coração, combinando com seu anel.

Seus cabelos castanhos eram crespos. Os cachinhos caíam-lhe graciosamente pelos ombros, como se ela fosse um anjinho. Seus olhos castanhos brilham com uma alegria genuína.

Acho que era simplesmente impossível não amá-la. Decidi sentar-me próxima a ela. Se fosse para fazer uma amizade mais profunda com alguém, decidi que seria com ela, já que a líder costumava me intimidar demais para eu ter coragem de me aproximar.

Wanju Duli

Kali, como eu suspeitara, era grande e gorda. Usava um vestido roxo e um salto alto, que combinavam com seu tipo de corpo. Estava bem elegante.

– A cor do esmalte dela combina com o vestido – Ohlarac disse a mim – você disse que não precisava.

“Cale-se, Ohlarac” mentalizei.

– Nossa, que pingente genial! – exclamei – onde conseguiu?

Acho que Kali ficou surpresa com o meu elogio. Como a gente apenas discutia pela internet, ela provavelmente achou que eu iria falar mal da aparência dela.

Mas eu não elogiei o pingente para agradá-la e sim porque foi minha primeira reação ao vê-lo. Era um pigente de uma caosfera.

– Encomendei com o Mark Defrates – ela informou.

– Tem o ouroboros ao redor da estrela – observei – que coisa mais chique.

O cabelo das três era relativamente curto, perto dos ombros. Tanto Kali quanto Harpo tinham cabelos negros. Enquanto os cabelos de Kali eram ondulados, os de Harpo eram mais lisos, num corte chanel.

Harpo parecia uma indiazinha. Sua pele era morena. Ela usava um vestido verde escuro com uma estampa bonita.

Naquele momento, mais um membro da ordem chegou, escandalosamente. Era Fraus.

– Meninas! Vocês não acreditam quem eu encontrei no caminho! A putinha da Gabriele!

Fraus jogou sacolas de compras numa das cadeiras e tirou seus óculos escuros. Jogou-se em outra cadeira, esparramando-se.

Ela usava shorts jeans curtíssimos. Botas elegantes com salto alto. Uma blusinha com um decote generoso e um colar grande. As pulseiras também eram enormes.

– A Gabi que foi expulsa da ordem no ano passado? – perguntou Kali, interessada.

– Sim, essa puta mesmo! – confirmou Fraus, em alto e bom som – ela estava de braço dado com um cara horrível. Cheio de espinhas. Deve ser um adolescente idiota. A Gabi deve estar desesperada, porque está cheia de celulite. Achou que não ia arranjar mais namorado e se contentou em papar um colegial.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Odeio essa vadia – disse Kali.

E a conversa ficou só entre as duas. Iara apenas dava um sorriso amarelo e nada comentava. Harpo permaneceu concentrada em seu livro. Até que Fraus arrancou-lhe da mão.

– O que está lendo? – Fraus folheou o livro – Eliphaz Levi? Querida, que coisa mais ultrapassada. Antigamente era elegante ler Levi, mas hoje em dia todo mundo já leu! Você precisa de algo mais ousado para causar impacto. Que tal Robert Anton Wilson ou Tim Leary?

– Posso ler o que eu quiser, por favor? – pediu Harpo, estendendo a mão para que ela lhe devolvesse o livro.

– Não. Agradeça-me que sou uma boa amiga e me preocupo com sua imagem.

– Boa tarde, garotas.

Meu coração quase saiu pela boca quando ouvi a voz grave e sensual.

Salmacis estava tão perto! Estava na minha frente!

– Cuidado para não ter um infarto – alertou-me Ohlarac.

Ainda bem que ninguém escutava Ohlarac além de mim. Mandei que ele ficasse quieto outra vez. Mas eu não estava muito preocupada com ele agora.

Salmacis retirou seus enormes óculos escuros. Seus belíssimos olhos castanhos escuros estavam delineados de negro. A maquiagem era perfeita. Ou ela era profissional em fazer maquiagem ou havia se produzido num salão.

Seu batom tinha um tom marrom brilhante. As unhas quadradas eram marrons com detalhes em bege. Tudo feito cuidadosamente. Havia tantos detalhes a reparar nela que eu não sabia para onde olhar primeiro.

Até suas unhas dos pés estavam pintadas. Suas sandálias de salto deixavam aparecer os dedos.

Ela usava uma saia preta e uma blusinha com babados, em tom creme. Uma bolsinha marrom com franjas.

Por que tudo nela era maravilhoso? Parecia que qualquer coisa cairia bem naquela mulher fantástica.

Ela tinha um rosto arredondado e um ar maduro. Não deixei de reparar que aquela saia valorizava suas coxas grossas e lindas. Mas o que mais me impressionou foram os cabelos.

Wanju Duli

Os cabelos negros de Salmacis eram bem longos, tocando-lhes a cintura. Eram volumosos e com cachos perfeitos, extremamente bem cuidados. Como ela fazia para manter aqueles cachinhos definidos?

Eu não conseguia parar de fitá-la. Estava hipnotizada.

Ohlarac passou a mão na frente dos meus olhos, mas eu apenas metilhe um soco na cara. Para quem viu, deve ter pensado que eu estava espantando uma mosca.

– Mestre, Fraus não quer devolver meu livro – disse Harpo, como se Salmacis fosse a mãe delas.

– Fraus, devolva o livro de Harpo – mandou Salmacis.

No mesmo instante Fraus devolveu, mesmo que a contragosto.

Salmacis não apenas impunha respeito. Elas faziam tudo que ela ordenava.

Fraus imediatamente retirou suas sacolas de compras da cadeira para que a mestra pudesse se sentar.

Quando se acomodou, Salmacis observou o menu. Imitando o que ela fazia, cada uma de nós também pegou um cardápio.

– Um chá preto, por favor – Salmacis requisitou à garçonete.

– Também quero um – pedi, sem pensar.

Kali e Fraus me fitaram com um sorrisinho. Estava bem claro que eu queria puxar o saco da mestra.

– Um café – disse Kali.

– Limonada suíça – disse Fraus.

Iara pediu chocolate quente e Harpo um suco de laranja.

Quando fechamos os cardápios e os devolvemos, Fraus contou novamente que havia visto a tal Gabi, para que Salmacis escutasse.

– Não temos mais nada a ver com ela – comentou Salmacis – apenas deixem-na em paz.

Notei que o servidor de Salmacis, Éf, repousava tranquilamente por trás dela. Ohlarac e Sodontse também repararam nela.

– Olá, gatinha – Ohlarac cumprimentou-a – está a fim de uma batalha de vida ou morte?

Mas Éf apenas lançou-lhe um olhar frio e ignorou-o completamente.

Em pouco tempo, nossas bebidas chegaram. Salmacis bebeu seu chá puro, mas eu não aguentei aquele chá forte e tive que colocar um pouco de açúcar.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Descobri que, mesmo com açúcar, eu não gostava de chá preto. Quem mandou eu me exibir?

– Onde paramos em nosso último encontro? – perguntou Salmacis – acho que estávamos falando sobre Deus.

– Você disse que hoje iria me provar que Deus existe – lembrei.

– Antes disso, vamos fazer uma tirada de tarot.

Salmacis retirou cartas de tarot da bolsa e embaralhou-as. Posicionou-as sobre a mesa e mandou que eu tirasse uma.

Concentrei-me e tentei sentir a energia das cartas. Por fim, retirei uma delas.

Tirei “Os Enamorados”.

– Quer que eu diga algo sobre a carta? – perguntou Salmacis – a seu respeito.

– Não precisa – eu disse – já entendi o recado.

– Na verdade, essa carta me lembra bastante olhar as coisas com o coração – ela disse – é uma perspectiva especial sobre o divino. É assim que devemos nos portar.

– Não é possível provar a outra pessoa que Deus existe quando o assunto é senti-lo com o coração – observei – pois isso é algo pessoal.

– De fato. Normalmente as pessoas tentam mostrar que Deus existe ou não seguindo argumentos lógicos. Só que a lógica não alcança. Então somente nos resta o argumento moral. Você acredita que o bem e o mal são absolutos, Esmeralda?

Parei para pensar.

– Como vou saber? – perguntei – eu acho que conceitos de certo e errado podem variar de acordo com a cultura, mas normalmente as pessoas identificam uma ação justa e injusta quando a enxergam. Obviamente, existem as exceções...

– Esse é o caso: não estamos tratando das exceções e sim das regras gerais – explicou Salmacis – não é válido tentar destruir um argumento geral por causa das exceções. Ajudar os outros pode não ser bom em todos os momentos, mas isso não significa que ajudar alguém deixa de ser um ato bom devido a esses poucos casos isolados.

– Acho que entendi seu raciocínio.

– Veja a diferença entre provar um ponto seguindo a lógica ou a moral. Seguindo a lógica, não é ruim para a espécie humana que pessoas

com doenças genéticas morram, pois assim não passam os genes defeituosos adiante. Porém, segundo a moral, devemos seguir os direitos humanos e salvar essas pessoas, que são seres humanos como nós. Então concordamos que essas pessoas devem ser salvas não devido a uma lógica fria e calculista, mas seguindo um pensamento moral.

– Certo... – eu concordei, imaginando onde ela queria chegar.

– Agora imagine um mundo onde as pessoas sigam os mandamentos religiosos ao pé da letra – ela explicou – até onde sei, todas as religiões possuem um código moral com proibições, do tipo: “Não matar, não roubar, não mentir”, incluindo as religiões indianas.

– Estou ciente disso.

– Nesse mundo utópico, não existem assassinatos, mentiras e roubos, além de muitos outros problemas comuns a nosso mundo. Mas por que você acha que as pessoas normalmente não seguem essas regras à risca?

– Por causa das exceções – respondi – há situações em que mentir pode salvar a vida de uma pessoa.

– Exato. Então começamos a abrir exceções para todos os lados e acabamos por destruir o sistema moral – explicou Salmacis – e isso ocorre porque nos baseamos numa lógica materialista: queremos alegria e conforto no presente, não nos preocupamos com o futuro. Então estamos prontos a quebrar leis morais absolutas contanto que isso gere alegria para nós ou para outra pessoa. No entanto, se seguirmos uma lógica idealista, o foco não está em ajudar as pessoas do lado de fora, mas seguir nosso dever moral.

– Não entendi.

– Segundo a lógica materialista, somos apenas corpo e mente. Então tudo que queremos é saúde, conforto e alegria. No entanto, para o idealista coisas como prazer e conforto temporário não importam. O objetivo máximo é cumprir nosso dever moral de seguir as regras, independente de isso nos trazer desvantagens.

– Qual é a vantagem de seguir leis que nos trazem desvantagens? – perguntei.

– Porque o objetivo da vida é cumprir nosso dever moral – declarou Salmacis – o sentido da vida não é a felicidade. Pelo menos não essa alegria momentânea, o prazer e o conforto do dia a dia. As pessoas quebram as regras sagradas apenas para obter vantagens temporárias.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Mas essas regras não devem ser quebradas jamais, ou o sistema inteiro é destruído.

– Veja só, Naty, essa moça descobriu o sentido da vida – Ohlarac bateu palmas – como é esperta! Ela desvendou o que ninguém mais sabe.

“Cale-se, Ohralac. Acho que estou entendendo...”

– Agora vem a pergunta de ouro – disse Salmacis, misteriosamente – você acha que é mais fácil cumprir as regras de “jamais matar, jamais roubar, ser fiel, etc” num mundo em que Deus exista ou num mundo em que ele não exista?

– Num mundo sem Deus, as pessoas irão apenas julgar as situações como boas e ruins conforme as vantagens materiais que elas trazem – respondi – então se Deus existir fica mais fácil cumprir regras, nem que seja pelo medo do castigo.

– Aí que está. Nesse mundo utópico as pessoas não cumprem as regras divinas por medo, mas devido ao aspecto estético e moral: quem prestar atenção nas regras, as achará belas, por serem absolutas e perfeitas. “Não matar” deve ser uma regra absoluta em todas as situações. Quem acha que há exceções para essa regra, não entendeu o princípio da coisa. O objetivo não é alcançar vantagens aqui fora, mas a intenção por trás do ato.

– A intenção por trás do ato é superior à ação – repeti – então não importa o que se faça aqui fora, contanto que as intenções sejam puras.

– É quase isso. Se o sentido absoluto da vida é cumprir nosso dever moral, como você acha que se chama esse Dever, Esmeralda?

– Deus – respondi.

– Portanto, segundo o argumento moral, Deus existe necessariamente – ela declarou – Deus não existe de forma contingente, mas necessária. Sem ele, a moral não se cumpre, pois ela só se cumpre num universo idealista e não num materialista.

– Isso porque, na prática, a existência de Deus facilita cumprir o dever moral – concluí – então fica mais fácil colocar Deus nesse sistema, pois assim ele funciona melhor.

– Você está seguindo um raciocínio materialista, tome cuidado – alertou Salmacis – no mundo em que vivemos, as leis são definidas conforme a nossa conveniência. Mas num mundo idealista, Deus não é

Wanju Duli

colocado no sistema porque é conveniente. Ao contrário, a existência dessas regras absolutas prova que Deus existe. Você entende a diferença?

– Não – confessei.

– Eu não disse que seria um argumento fácil. Infelizmente, você não entendeu.

Salmacis retirou um livro grosso da bolsa e me entregou.

– “Crítica da Razão Pura” – eu li o título.

– Após ler esse livro, você irá entender do que estou falando.

– Acho que entendi, Naty – disse Ohlarac – o sentido máximo da existência de um servidor é obedecer seu Senhor na Terra. Essa garota apenas explicou que acontece o mesmo com os humanos. Vocês devem cumprir o “dever moral”, que é como se chama o Deus dos humanos. Ou algo assim.

Eu estava ficando com dor de cabeça com aquela conversa.

– Eu acho que as pessoas podem fazer o bem sem acreditar em Deus – eu comentei.

– Claro que podem – concordou Salmacis – o erro é acreditar que ajudar os outros é o objetivo da vida. Ao contrário, o objetivo é cumprir o dever moral. São duas coisas diferentes. Consegue enxergar?

– Não – admiti.

– Mas você é burra mesmo, hein, Esmeralda! – disse Kali.

– Por isso nas religiões abraâmicas o primeiro mandamento é amar Deus acima de todas as coisas – disse Salmacis – porque o cumprimento do dever moral é superior a ajudar alguém.

Meu queixo caiu.

– Uau! – exclamei, impressionada – eu não sei se entendi bem, mas foi incrível. Jamais imaginei que haveria um ensinamento tão complexo por trás dessa regra tão trivial.

– Ela disse que o primeiro mandamento é trivial – riu Kali – você é outra dessas que acredita que religiões são só um monte de bobagens superficiais? Tolinha...

– Se todos cumprirem as regras morais à risca em vez de quebrar regras quando é conveniente para ajudar os outros, no final um maior número de pessoas serão beneficiadas porque não houve quebra das regras! – concluí.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– É quase isso, mas sua conclusão ainda é materialista – disse Kali – o dever deve ser cumprido não porque traz mais benefícios no final, mas porque é belo cumpri-lo! Porque cumprir o dever é o ato mais supremo de uma vida humana. Traduzindo em termos religiosos, crer em Deus é a atitude mais elevada.

– E por isso, Deus existe? – perguntei – não estamos invertendo causa e efeito?

– Quem está invertendo é você – retrucou Kali – o argumento moral prova que Deus existe. Deus é a causa do argumento e não a consequência.

Meu cérebro estava girando.

– Acho que você meio que me convenceu que Deus existe – confessei – mas ainda não entendo bem porque você me convenceu, já que não entendi o argumento completamente.

– Leia o livro – disse Salmacis – e depois conversamos.

– Mas como vocês podem estar aqui tranquilamente tomando chá e café se Deus existe? – perguntei, perturbada.

– O que deveríamos estar fazendo? – perguntou Iara, em tom divertido.

– Matando um boi para ofertar a Deus ou algo assim – respondi, debilmente.

Elas riram. Por alguma razão, senti-me à vontade com os risos.

– Então temos uma alma, esta alma nos conecta ao espírito de Deus e devemos nos conectar a Deus? – perguntei.

– Calma – disse Salmacis – no próximo encontro falamos sobre a alma. Acho que já discutimos bastante metafísica por hoje.

– Não somos nós que criamos Deus, mas ele já existia antes de pensarmos nele – concluí.

– Shhhh – fez Kali – a mestra disse que iremos debater esse temas complexos no próximo encontro. Acha que são coisas simples de discutir?

Sem escolha, bebi meu chá preto, fazendo uma careta.

– Que bom que terminaram os papos chatos – disse Fraus – agora vamos falar de garotos. Quer dizer, acho que todas aqui gostariam de namorar a mestra, mas como ela já está comprometida, não há o que ser feito e devemos partir para a caça.

Wanju Duli

Fraus notou minha expressão intrigada.

– Sim, a mestra já tem namorada, novata – informou Fraus – ela e Iara estão juntas.

– Fraus, não há necessidade de você contar detalhes da minha vida pessoal – disse Salmacis.

Fraus se encolheu.

– Desculpa...

Dessa vez, fitei Iara de uma forma diferente. Então a menina boazinha tinha conseguido pescar o peixe grande. Não era tão ingênua quanto parecia.

– Eu conheço esse olhar – observou Ohlarac – não me diga que quer amaldiçoá-la, Naty?

“Exato, Ohlarac. Quero que a mestra e Iara terminem esse namoro o quanto antes. Eu irei destruir a Iara a qualquer custo. Somente assim terei o caminho livre para começar a avançar em Salmacis”.

– Pensei que você era hetero...

“Isso foi antes de conhecer a mestra. Qualquer uma viraria homo por ela, querido”.

No entanto, notei que Salmacis percebeu o meu olhar. Ela não me fitava com bons olhos. Senti um frio na espinha.

“Ohlarac, me salva. É como se Salmacis lesse minha alma. Ela sabe que quero atacar Iara”.

– Com esse olhar assassino que você lançou para Iara, não é preciso ter poderes especiais para notar – observou Ohlarac.

Fraus continuou tagarelando sobre garotos. Mas eu nem estava ouvindo mais.

“Preciso de um plano para acabar com Iara. O que sugere, Ohlarac?”

– Não quero me meter nisso.

“Sou tua Senhora na Terra. O objetivo da tua vida não é me obedecer, ingrato? Pois faça isso sem questionar!”

– Faça com que Iara se apaixone por outra pessoa, então...

“Quem se apaixonaria por outra pessoa quando se está com Salmacis? A não ser que você se disfarce e tente conquistá-la. Sim! Você é o servidor do sexo! Estou certa de que será capaz disso”

– Quer que eu me disfarce de homem ou de mulher?

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Pode ser de homem, mas tenho que descobrir se ela sente atração pelo sexo masculino.

– Está falando sozinha, Esmeralda?

Putaquepariu. Acabei falando em voz alta sem querer. Salmacis me fitava com um sorriso de triunfo.

– Ah, não é nada – desculpei-me – estava apenas me perguntando se Iara sentia atração por rapazes antes de vocês namorarem.

Não acredito que consegui dizer aquilo em voz alta.

– Sim, eu sentia – respondeu Iara, naturalmente – mas agora é diferente.

– E você, mestra? – perguntei.

– Isso não é da sua conta – disse Salmacis.

Senti um rubor no meu rosto. Kali e Fraus riram da minha cara.

Eu apenas peguei meu livro da bolsa e iniciei minha leitura, para acompanhar Harpo. Depois daquela, era melhor ficar quieta até o fim da reunião.

“Pode se preparar, Ohlarac. Se disfarce de homem e aborde Iara assim que essa reunião chegar ao fim.

– Seus desejos são ordens, Naty.

E ele desapareceu. Enquanto isso, Sodutse continuava fitando Éf fixamente.

“Ela parece ser forte?” perguntei.

– Bastante – respondeu Sodutse – acho mais seguro treinar um pouco antes de comprar briga.

Quando a reunião terminou e saímos da cafeteria, nos deparamos com um cara negro e alto lá fora. Devia ter seus trinta e poucos anos. Ele tinha cabelos longos cheios de trancinhas, presos num rabo de cavalo. Barba rala. Ohlarac estava com uma aparência tão estonteante que por um momento até eu tive vontade de esquecer Salmacis e me jogar nos braços dele.

E o que eram aqueles músculos? Ele estava de regata branca e jeans. Eu iria me lembrar de pedir para Ohlarac assumir aquela forma da próxima vez que eu fosse me deitar com ele. Tive que me abanar.

Notei que as outras meninas também não conseguiam tirar os olhos dele. Ele chamou até mesmo a atenção de Salmacis! Quase senti inveja de Ohlarac.

Wanju Duli

Ohlarac, todo seguro de si, falou diretamente com Iara.

– Beatriz, é você mesma?

Iara ficou surpresa.

– A gente se conhece? – perguntou Iara.

– Sim, te vi na universidade – explicou Ohlarac – tivemos uma aula juntos. Meu nome é Ricardo. Não se lembra mesmo?

– Acho que sim...

Ohlarac havia usado duas magias. Uma para descobrir o nome verdadeiro de Iara. E outra para inserir nela uma lembrança que ela não possuía.

Meu servidor era imensamente poderoso. Depois eu precisava perguntar a ele como Ohlarac tinha feito isso.

– Você me emprestou um livro uma vez – prosseguiu Ohlarac – eu estava te procurando para devolver. Pode me acompanhar por um momento?

– É claro – concordou Iara – te encontro depois, mestra. Pode ser?

Salmacis fez que sim, ainda estranhando a situação.

Quando os dois saíram de lá, Kali e Fraus não falavam de outra coisa.

– Meu Deus, de onde esse homem maravilhoso saiu? – perguntou Kali.

– Isso não é um homem, é o Diabo encarnado – garantiu Fraus – eu cometeria todos os pecados com ele. Iara precisa me apresentar! Você o conhece, mestra?

– Não.

Salmacis parecia ter perdido o controle da situação. Ficou sem saber o que fazer. Estava claro que ela desconfiava que algo não cheirava bem naquilo tudo.

Ohlarac demorou para voltar. Só reapareceu no meu apartamento de madrugada. Já havia retomado sua forma de servidor quando veio me encontrar.

– Missão cumprida – garantiu Ohlarac – fomos até o apartamento dela e trepamos.

– Sério? – perguntei, encantada.

Nem eu imaginava que meu plano fosse dar tão certo.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– A partir de agora, estamos namorando – prosseguiu Ohlarac – amanhã ela irá terminar o namoro com sua mestra e você pode tentar conquistá-la.

– Você também vai me ajudar nisso!

– Estarei meio ocupado namorando a outra menina – observou Ohlarac.

– Então você vai me ajudar, Sodontse – eu ordenei.

– Não entendo nada sobre conquistar mulheres – confessou Sodontse – e não sou seu servidor! Não preciso te obedecer.

– O seu papel será batalhar contra Éf – instruí – deixá-la fora do caminho para que Salmacis fique sem defesas. O resto eu faço.

– Mal entrou na ordem e já está bagunçando tudo – Ohlarac balançou a cabeça em reprovação – não ouviu nada que sua mestra disse sobre Deus e sobre cumprir o dever moral?

– Não estou nem aí pra isso – admiti – tudo que quero agora é transar com Salmacis.

– Achei que queria namorá-la.

– Isso também, mas no momento estou com um desejo desesperado de comê-la. Quanto antes melhor.

Ohlarac suspirou, resignado.

– Confesso que não gostei muito de enganar aquela menina. Pelo menos ela se apaixonou por mim naturalmente.

– Só tome cuidado para não se apaixonar por ela também, pois eu não quero perder meu servidor – avisei – se você me trair, Ohlarac, fique avisado que não pouparei esforços para matá-lo.

Capítulo 4: Maldições

– Sou o reitor da porra dessa universidade! Será que ninguém me obedece mais nessa merda?!

Lam quebrou uma garrafa de bebida no chão. Todos os presentes na sala dos professores ficaram imóveis.

– O que aconteceu agora, Lam? – perguntou Meb, de saco cheio – está brabo porque todos os seus alunos estão se mudando para Midaforvel?

– Eles querem caçar o Fantasma Sagrado – disse Lam – e estão se apaixonando pelo sistema de educação lixo que eles inventaram por lá. Nada de disciplina e ordem, só festa!

– Não é isso que as crianças querem? – perguntou Meb, com um sorriso.

– Sim, porque são todos crianças por aqui – respondeu Lam – vou baixar o salário de todos por causa dessa impertinência. Agora caiam fora!

Os professores saíram da sala, ainda se perguntando que culpa tinham se os alunos continuavam abandonando a universidade como moscas.

– É claro que a culpa é deles, porque as aulas que dão são imprestáveis – Lam explicou para Meb – querem assistir como se dá uma aula de verdade? Eu vou demonstrar.

Lam entrou numa das salas. O professor estava rabiscando no quadro e ficou surpreso ao ver o reitor, que entrou sem bater na porta.

– Em que posso ajudá-lo, senhor? – perguntou o professor.

– Está demitido, então saia – disse Lam.

– O quê?! – perguntou o professor, chocado – por favor, senhor! Tudo menos isso! Eu preciso desse dinheiro!

– Então aqui está o seu dinheiro! – rosnou Lam, jogando um monte de notas de dinheiro para o alto – em troca de sua cabeça, paspalho!

Lam tirou uma foice da cintura e cortou-lhe a cabeça. Todos os alunos se mantiveram imóveis.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Agora irei ensiná-los a magia de ressurreição – instruiu Lam – é bem fácil. Qualquer asno consegue fazer. É só usar um quadrado idiota de Abramelin para isso.

Ele abriu um grimório, arrancou de lá um quadrado e meteu-o na cara do cadáver.

– Revive, bosta! – gritou Lam.

O corpo se levantou, com a cabeça encaixada no pescoço de forma meio torta.

– Infelizmente essa magia só dura 7 anos, então você só tem mais 7 anos de vida – informou Lam.

– Sendo assim, vou curtir o resto dos meus dias nas praias de Midaforvel – informou o professor – eu me demito. Com licença.

Lam cuspiu quando ele passou.

– Professor, eu tenho uma pergunta! – um dos alunos levantou a mão.

– Pode falar, inseto – disse Lam.

– Não é preciso acreditar em Deus para usar essa magia?

– Sim, eu sigo a porcaria do meu Senhor na Terra. Mais alguma questão?

– Você conhece o Espírito Santo?

– Sim, ele é meu irmão. Mais alguma pergunta?

– Não.

Lam cravou a foice no quadro-negro e saiu da sala. Era hora de viajar para Midaforvel e tirar satisfações com o Fantasma Sagrado.

No entanto, mesmo depois de chegar lá e procurá-lo por toda a parte, não o achou em parte alguma.

– Me põe no chão, cara! – exclamou Zap.

– Duvido que não saiba onde ele esteja – disse Lam – aposto que ele está brincando na Terra, não é mesmo?

– Sim, ele está.

Quem disse isso foi uma servidora com capuz rosa e manto branco.

– Nunca te vi antes – disse Lam.

– Sou a servidora da mestra de Oãçome. Meu nome é Éf.

– Onde viu Sodutse?

– Em uma cafeteria. Então ele é o Fantasma Sagrado? Aquele das lendas?

Wanju Duli

– E se for? – provocou Lam – o que você vai fazer a respeito?
Éf apenas sorriu. Uma lança vinha em sua direção e ela agarrou-a no ar.

– Não está cansada de me perseguir, Aigam? – perguntou Éf – já não se deu conta de que sou invencível?

Aigam aterrissou.

– Estou apenas seguindo as ordens de mestre Márcio – informou Aigam – ele deseja entrar na ordem de sua Senhora, mas ela se recusa. Então estou aqui para atacá-la, até que sua mestra ceda.

– Eu não entendo os humanos – disse Éf – usam servidores para resolver qualquer coisa, como se o mundo fosse seu tabuleiro de jogos. Não acha muito mais fácil Márcio chamar minha Senhora para conversar?

– Como se fosse tão simples – retrucou Aigam.

– Se eu fosse você, formava uma aliança com Sodontse e viria me atacar – sugeriu Éf – já que os mestres de vocês estão atrás do meu couro. Mostrem o quão covardes são e me eliminem com força bruta em vez de usar magia.

Com essas palavras, Éf desapareceu, mergulhando em outra dimensão.

Aigam jogou sua lança no chão. Cruzou os braços.

– Divertindo-se com seu Senhor na Terra, Aigam? – provocou Lam.

– Como nunca – respondeu Aigam – também não entendo os humanos. Uma hora querem uma coisa e estão dispostos a morrer por ela. No segundo seguinte, essa coisa já não importa mais. E nós, servidores, que somos jogados de lá para cá como dados.

– Deus de fato joga dados – concordou Lam – e nós vagamos como burros, ora acreditando que o materialismo é verdade, ora apostando no idealismo. Sim, senhores, façam suas apostas!

Zap observava os dois comendo um cachorro-quente. Afinal, era uma sexta-feira.

Capítulo 5: Meditações Quentes

Não consegui terminar a leitura do livro até o próximo encontro. Além do mais, entendi muito pouco do que li.

Esse encontro seria na casa de Salmacis. Descobri que Iara, cujo nome verdadeiro era Beatriz, não estaria presente. Pelo jeito, as duas tinham mesmo terminado o namoro. Será que Beatriz tinha sido expulsa do grupo?

Quando cheguei na casa de Salmacis, fui recebida pela anfitriã com cortesia.

– Chegou bem na hora, Esmeralda – disse Salmacis – em breve iremos iniciar nossa meditação.

Nessa ocasião, Salmacis vestia roupas mais à vontade. Estava com os longos cabelos negros presos num rabo de cavalo alto. Usava um vestido de verão branco, com algumas flores vermelhas embaixo. Rasteirinha nos pés. Apenas uma maquiagem bem suave.

Como ela ficava linda assim, mais natural. Ela ficava maravilhosa de todos os jeitos.

Ela conduziu-me até seu quarto. As outras três garotas também já estavam lá, vestindo roupas leves.

Tudo era muito organizado. Desconfiei que Salmacis fosse uma perfeccionista.

– Aposto que não terminou de ler o livro – disse Kali, adivinhando.

– Ele é muito grande, então ainda não tive tempo – respondi.

– Espero que saiba administrar melhor seu tempo e suas prioridades – observou Salmacis – você deu um duro danado para ser admitida na ORM. Seria uma pena começar a relaxar agora.

Foi então que notei a besteira que eu tinha feito.

Sim, eu trabalhava. Sim, eu estudava. Mas eu também costumava relaxar um pouco no fim do dia, pelo menos uma meia hora assistindo algum filme ou seriado. Será que teria me custado tanto sacrificar meu tempo de lazer por uma semana para cumprir a tarefa que a mestra me deu?

Era recém meu primeiro mês no grupo, então era melhor eu mostrar serviço.

– Perdão – eu disse – irei finalizar a leitura o quanto antes.

Salmacis provavelmente não andava de bom humor. Ela tinha terminado o namoro há pouco tempo. Devia estar chateada. Era melhor que ela não soubesse que havia sido por minha causa.

Nós cinco nos sentamos no chão do quarto, sobre confortáveis almofadas.

– Por enquanto, falemos da alma – disse Salmacis – que é a alma para ti, Esmeralda?

– Já ouvi falar que a alma está no sangue – respondi – e que a alma é o espírito em si.

– É o espírito, por participação – explicou Salmacis.

– Seu argumento moral, que supostamente prova que Deus existe, implica que portanto deve haver uma alma – observei.

– Sem os conceitos de Deus, alma e liberdade, todo o sistema moral desabaria – disse Salmacis – não sei se você entendeu, mas nós não consideramos nossas ações obrigatórias por serem mandamentos de Deus, mas as consideramos mandamentos de Deus por termos com elas uma obrigação interna.

– Hmm...

– Esse sistema não nos diz o que devemos fazer para alcançar a felicidade, mas como devemos nos comportar para merecer a felicidade. Entende a diferença? O bem mais elevado é a moralidade. A felicidade é o segundo bem, que é consequência do primeiro, mas não uma consequência necessária. Isso significa que o fim último de Deus com a criação do mundo não é a felicidade dos seres racionais. É a conquista moral desses seres, torná-los dignos da felicidade. Por isso existe o mal.

– O efeito da bondade deve vir de um acordo com a santidade – explicou Harpo, largando seu livro por um momento – que esteja em conformidade com o sumo bem. Por isso honrar Deus significa honrar a lei moral. Pessoas que não acreditam em Deus geralmente colocam como meta a felicidade, e o agir moral ocorre para que a felicidade seja obtida como consequência. Mas, como vimos, a melhor expressão é que o dever seja amado por si mesmo, e não pelos seus efeitos práticos.

Fraus bocejou.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Partindo do pressuposto de que Esmeralda não é burra demais, ela já entendeu – disse Fraus – então vamos meditar logo antes que eu durma?

– Se vocês acreditam mesmo nesse sistema moral complexo, então por que praticam magia? – perguntei.

– É a mesma coisa perguntar: se alguém acredita em Deus, por que fazer qualquer coisa no mundo aqui fora? Por que comer e dormir? – perguntou Kali – quem segue o ideal da lei moral, é naturalmente impelido a fazer as coisas certas. Magia pode ser usada para impulsionar o mundo espiritual, com essa base moral.

E eu, idiota, estava causando o caos no mundo espiritual, jogando servidores por aí para fazer coisas sujas.

Minha desculpa era: “certo e errado não são assim tão definidos, então foda-se, vou fazer o que quiser”. Aparentemente, não era bem assim que funcionava.

Realizamos uma meditação sobre a fé. A pergunta era: “o que significa acreditar?”. Eu me sentia meio desconfortável com meditações temáticas em que eu era convidada a refletir sobre alguma questão. Eu normalmente me concentrava mais com algum símbolo mais simples: um mantra, uma cor, uma imagem.

Mas dei início à minha tarefa: em que eu acreditava? Certamente em muitas coisas: no progresso da ciência, na ciência em si. Eu acreditava que eu era real e que as coisas e pessoas ao meu redor também eram; ou ao menos eu me comportava como se fosse dessa forma.

Se existisse mesmo Deus e alma imortal, talvez o mundo material tivesse menos importância, pois ele não era eterno. Continuaria tendo importância, mas será que eu não estava dando atenção demais a algo que terminaria um dia? Quem sabe eu devesse direcionar meus esforços para algo mais duradouro.

Alguns pensadores já tinham afirmado que era mais garantido que Deus fosse real do que os seres humanos serem reais. Se fosse assim, Deus não tinha sido inventado pelos humanos, como gostam de afirmar os pedantes.

“Os servidores foram criados pelos humanos” sim, talvez. Isso não significava que não havia outras entidades pairando por aí que não tinham sido inventadas por nós. Ohlarac estava certo: era muito

presunçoso de nossa parte achar que éramos os únicos seres do universo e que absolutamente tudo que existia havia sido inventado por nós, como a Lua e as estrelas.

Muitos insistiam que as coisas que existiam antes dos humanos foram criadas aleatoriamente, ao acaso. Era mais uma vez a presunção humana de achar que os humanos eram os únicos seres inteligentes de todos os tempos, capazes de criar qualquer coisa. Tudo que não fosse humano era chamado de “acaso”. Bem típico da nossa arrogância!

Obviamente, na época em que vivíamos era mais fácil acreditar na existência de alienígenas do que de Deuses e espíritos. Pois para nós tudo que não fosse material era mentira.

Honestamente, para mim não fazia a menor diferença se o universo tinha sido criado por Deus ou surgido por acaso. Podia ter sido criado por uma tartaruga, por vários Deuses, por si mesmo. E daí?

O que fazia diferença era que estávamos vivos e que tínhamos que viver de alguma maneira. A maioria concordava que viver de forma ética era uma boa coisa. E, segundo aquele sistema moral, seguir regras de conduta ética funcionava muito melhor inserindo o conceito de Deus. Dessa forma, tinha-se “fé” que cumprir as leis morais era a coisa certa a fazer. De outra forma, apenas acharíamos aquelas regras bonitas e as seguiríamos somente quando fosse conveniente.

Tentei visualizar algum símbolo para a fé. Pensei num olho fechado com um coração. Será que estava mais para intuição? A ética era algo assim: não entendíamos pela lógica. Parecia algo que já estava dentro de nós.

Dentro de nós... como uma alma?

Criávamos servidores, pois também desejávamos ser como criadores; ser como Deuses. Será que colocávamos neles um pedaço de nossa alma? Um pedaço de nossa fé.

Quando queríamos realizar uma magia, tínhamos um pedido. Nós acreditávamos fortemente que precisávamos daquilo que pedíamos no feitiço. Por que será?

Eu estava apaixonada por Salmacis e desejava que ela fosse minha. Era um desejo quase desesperado. Eu não me importei em perguntar a mim mesma de onde nasceu tal desejo.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Eu tinha fé que eu a amava, mas talvez eu estivesse refletindo nela outra necessidade minha, muito mais profunda.

Em vez de despertar relaxada daquela meditação, saí dela angustiada. Salmacis tocou um sino e nós abrimos os olhos.

– Fiz um bolo – informou Salmacis – vou na cozinha buscar.

Quando ela saiu do quarto, as meninas começaram a fofocar.

– O vestido da mestra está muito curto hoje – comentou Kali.

– Sim, imagina se aparece... – mas Fraus não completou a frase.

E as duas deram gritinhos e riram.

– Calem-se – disse Harpo – olha o respeito.

– Ela fez um bolo para nós – me meti na conversa – então parem de falar mal dela.

– Não estamos falando mal – disse Kali – eu amei o vestido da mestra. Por mim, quando mais curto melhor.

– Ela terminou o namoro com a Iara, não é? – perguntei.

– Sim, a Beatriz é uma cadela – comentou Fraus – trocando a mestra por qualquer gostoso bombado que aparece.

– Será que agora tenho alguma chance com a Isa? – perguntou Kali, empolgada.

– Ah, então é esse o nome dela – comentei, maravilhada.

Kali colocou a mão na própria boca, mas logo relaxou.

– Não tem problema que você conheça nossos nomes verdadeiros agora – decidiu Kali – a mestra se chama Isabel. Eu me chamo Fátima.

– Marina – disse Fraus – e é a Elaine que não larga os livros.

– Legal – eu disse – obrigada por me contarem.

Elas já sabiam meu nome.

Quando Isabel voltou com o bolo e com as bebidas, as garotas não paravam de elogiar os dotes culinários de Isabel.

“Que falsas. Ficam puxando o saco dela pela frente e falando mal pelas costas” pensei, contrariada. Eu iria contar tudo para Isabel quando elas fossem embora. Por isso, decidi que sairia por último.

Depois que as três se retiraram, pedi para ficar mais um pouco, para que pudéssemos conversar.

– Só alguns minutos – disse Isabel – tenho umas coisas para fazer depois.

Voltamos para o quarto dela e nos sentamos nas almofadas.

Wanju Duli

– Elas estavam falando mal de ti – contei – na hora em que foi buscar o bolo.

Isabel suspirou.

– Sei disso. Não ligo.

– Não liga mesmo? – perguntei, preocupada.

– Na verdade, eu ligo um pouco, mas o que posso fazer? São minhas amigas.

– Arranje novas amigas, então!

– Por isso estou planejando finalizar esse grupo em breve – ela reforçou – talvez daqui uns meses. Gosto dos nossos encontros, nossa amizade é forte e temos ótimas discussões sobre magia. Mas hoje em dia já não vejo tanto sentido nisso tudo.

Isabel baixou os olhos. Como ela era magnífica...! Uma verdadeira rainha.

– Soube do que aconteceu com a Beatriz – comentei – eu sinto muito.

– Não sinta – disse Isabel – foi melhor assim. Seria difícil para mim separar-me dela quando me separasse das outras. Pelo menos ela facilitou o serviço.

– Está indo para algum lugar?

– Não sei se você sabe, mas eu e minhas amigas somos colegas do curso de assistência social.

– Não sabia – comentei, surpresa.

– Eu quero ajudar as pessoas, mas não acho que apenas o curso seja o bastante – ela disse – tem algo dentro de mim que não está satisfeito. Por isso, penso em me mudar. Para trabalhar em grupos mais ativos de trabalho voluntário, sabe?

– Que legal – eu disse – te admiro.

Talvez por isso ela andasse envolvida com aquelas ideias de Deus e alma. Tinha uma parte dela que não parava de se mexer, angustiada.

Será que eu também não tinha algo assim em mim?

– Sei que não é o melhor momento para dizer isso, já que você pretende fechar o grupo e se afastar da gente – observei – mas queria dizer que eu não somente te admiro. Na verdade eu te amo.

Ela deu um leve riso.

– Você nem me conhece direito...

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Foi paixão à primeira vista – confessei – eu já te amava pela internet.

– Fico lisonjeada – ela disse – mas infelizmente, não posso corresponder...

Não permiti que ela terminasse. Eu a abracei. Envolvei-a fortemente em meus braços.

– Não me importo – eu disse – não vou deixar de te amar.

Ela aguardou que eu a soltasse. Mas eu não a larguei. Estava completamente hipnotizada pelo cheiro do perfume suave que ela usava. Pelo calor do corpo dela. Por todas as coisas que faziam a Isabel ser quem ela era.

– Sei que não sou a primeira a te amar – eu disse – você tem muitas admiradoras. Mas será que não pode me dar uma chance...?

– Desculpe.

Aquela voz grave e elegante penetrava nos meus ouvidos como mel, como veneno.

Eu fiz uma coisa extremamente rude, mas não consegui me segurar: dei-lhe um beijo na boca. Achei que não faria tão mal. Achei que ela poderia gostar do beijo e ceder. Mas eu estava completamente enganada.

Depois daquele beijo, Isabel me empurrou. E não me empurrou delicadamente. Ela me jogou para longe de si como se eu fosse um bicho, um ser asqueroso.

– Como ousa...?

E essas palavras dela permaneceram a martelar a minha mente.

“Como ousa?” Sim, como eu havia ousado? Fazer aquilo com a mestra, com a rainha, com uma das pessoas mais incríveis que já conheci?

Eu sabia que não era só aparência. Havia muito mais naquela mulher que me atraía: a inteligência, o ar respeitável, seus valores, sua maneira de viver.

Eu queria tê-la toda para mim. Mas o que significava ter uma pessoa? Apoderar-me dela, de seu coração, de todas as coisas.

– Por favor, me perdoe – eu disse.

– Está perdoada. Mas agora saia. Não fale disso com ninguém.

Ela não olhou para mim quando disse isso. É claro que eu não conseguiria sair de lá assim, depois de ser expulsa dessa forma.

Wanju Duli

Eu ainda sentia o perfume dela no ar. A voz melodiosa ainda ecoava em meus ouvidos. Eu estava completamente fisgada. Não tinha mais jeito.

Corri até ela e abracei-a de novo.

– Você perdeu a cabeça? – ela perguntou – eu te mandei sair.

Mas eu estava chorando. As lágrimas corriam de meus olhos. Eu esperava que ela sentisse pena de mim, mas isso não aconteceu. Ela não se deixou levar pelo meu teatro, que eu nem tinha certeza se era realmente um teatro.

– Natália, controle-se! – exclamou Isabel – falaremos sobre seus sentimentos em outra ocasião. Agora eu gostaria que você saísse.

Mas eu não podia perder aquela oportunidade única. Isabel já tinha deixado claro que não ocorreria nada entre nós. Qualquer conversa que ocorresse depois disso seria apenas um consolo vazio.

Se eu não pudesse ter o coração dela, teria ao menos o corpo. Porque eu não seguia o amado idealismo de Isabel.

Empurrei Isabel na cama, deitei-me em cima dela e beijei-lhe na boca outra vez. Mas eu não esperava que Isabel fosse tão forte.

Ao perceber o que eu pretendia, ela segurou o abajur do seu criado mudo e bateu com ele na minha cabeça. No entanto, eu consegui arrancar o abajur das mãos dela. Coloquei minhas mãos em suas coxas.

– Filha da puta!! – gritou Isabel, tomada pela fúria.

Ah, que deleite ver Isabel irritada e xingando! Ela estava tentando arrancar os meus cabelos, tirar-me de cima dela a qualquer custo.

Cá entre nós, eu não era feia. Eu considerava-me uma mulher muito bonita, com boas curvas. Se ela não me queria, devia ser apenas dor de cotovelo, porque tinha acabado de terminar um namoro.

Sinceramente, eu considerava um insulto que ela estivesse reagindo tão violentamente às minhas investidas.

Naquele instante, para a minha surpresa, Ohlarac surgiu no quarto.

“Chegou em boa hora. Me ajude a prendê-la, Ohlarac!” pedi, com animação.

– Agora você foi longe demais, Natália – disse Ohlarac, com seriedade – largue-a!

“Vem querer bancar o bonzinho agora? Depois de ter ferido os sentimentos da Beatriz?”

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Só fiz o que você mandou. Não cometerei o mesmo erro duas vezes.

Isabel me deu socos e chutes. Eu também reagi. Já estávamos ambas com alguns hematomas e cortes pelo corpo. A minha testa começou a sangrar um pouco depois das batidas com o abajur.

Porém, bem quando Ohlarac foi interferir, Éf apareceu no meio para impedir. A tolinha da Éf achou que Ohlarac ia me ajudar, e deu-lhe um murro bem dado no estômago. Ohlarac despencou lá do outro lado do quarto.

Contudo, dessa vez Éf voltou-se para me atacar. Apertou as mãos na minha garganta. Tive que soltar Isabel.

Isabel já não estava tão gloriosa quanto antes: os cabelos completamente embaraçados, com hematomas nos braços e uma das alças do vestido partida.

– Você está expulsa da ordem! – ela exclamou, com voz rouca – retire-se agora da minha frente e nunca mais apareça!

Resolvi me mandar de lá, antes que ela tirasse uma faca ou um revólver da gaveta. Vendo sua expressão de fúria, eu não duvidava que ela me matasse, mesmo sendo da opinião de que matar é errado em qualquer situação.

Quando voltei para casa, fui cuidar dos meus ferimentos. Mas Ohlarac não voltou comigo. Com certeza tinha retornado para Beatriz. Tinha me traído, o maldito.

Mas naquele momento eu me sentia tão chateada que estava até sem forças para reagir a essa traição.

Sim, eu tinha feito uma bobagem e jamais seria perdoada.

Olhei a minha bolsa: além do meu anel, eu ainda estava com o livro de Isabel. Será que ela os queria de volta?

Foi então que tive uma ideia genial: se Isabel estava mesmo interessada no catolicismo, ela devia ir à missa da igreja mais próxima de sua casa de vez em quando. Por isso, resolvi aparecer por lá em alguns domingos. Era um tiro no escuro, mas eu torcia para encontrá-la em uma dessas ocasiões.

Na quarta vez que fui na missa de domingo, eu finalmente a localizei. Mas eu mal a reconheci.

Wanju Duli

Ela havia cortado os cabelos pouco abaixo dos ombros. Ainda continuavam a ser os mesmos cabelos belos e sedosos, mas sem os cachinhos de costume.

Isabel estava completamente sem maquiagem. Até as unhas das mãos estavam curtas, sem esmaltes e sem qualquer outro adorno.

Ela vestia uma calça social preta, uma camisa de gola branca e sapatos pretos. Era a primeira vez que eu a via de calça. Com aqueles trajés, o corpo dela ficava numa forma bem diferente.

Quando ela me reconheceu, ficou surpresa. Foi imediatamente até onde eu estava.

– Você está com sorte por eu estar numa igreja que perdoa assassinos e estupradores – ela disse – eu devia te denunciar na polícia, mas não quero me incomodar. De qualquer forma, irei me mudar em breve e nunca mais nos veremos.

– Você me odeia tanto assim?

– Não te odeio – disse Isabel – só não quero mais me envolver contigo. Eu terminei a ORM. Começarei a atuar numa instituição de trabalho voluntário semana que vem.

– Por que está vestida desse jeito? – perguntei – assim você parece até um... homem.

– Adivinha porquê – ela disse, em tom de zombaria.

Parei para pensar. E fiquei chocada.

– Você é um homem – concluí, por fim.

– Por muito tempo me identifiquei com o gênero feminino – ela me contou – mas agora eu não me importo tanto com a estética. Homens, mulheres, são apenas rótulos. Mais do que um corpo, eu sou uma alma.

“Uau, ela pirou de vez!” pensei, de imediato. Mas a maioria desses novos convertidos piravam um pouco, ou ao menos era assim que nos parecia: nós que olhávamos e julgávamos de fora.

– Bem, mesmo como homem você tá muito gato – eu disse.

Isabel estreitou os olhos, com irritação.

– Saia daqui. Não preciso ouvir isso de você.

– Apenas me diga seu nome verdadeiro – pedi – prometo que não vou te procurar.

– Meu nome no cartório é Igor. Satisfeito? Então desapareça.

E saiu da minha frente.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Era como se eu tivesse despertado de um sonho; de um conto de fadas.

Eu não queria mais tornar minha vida um pesadelo. Todos estavam me abandonando: Isabel, as outras meninas; até meu servidor. É claro que nenhuma delas ia querer manter contato comigo se soubessem o que eu tinha feito. Posteriormente eu descobri que elas já sabiam desde o começo que Isabel era um homem.

Acostumei-me tanto a bater no meu servidor e a tratá-lo mal que de repente me esqueci que as outras pessoas ao meu redor não eram meus escravos e não estavam lá para fazer todas as minhas vontades.

– Espera, Isabel! – chamei-a de volta – isto é, Igor! Preciso devolver seu livro!

Dei-lhe o livro e o anel. Ela apenas aceitou, se virou e saiu da igreja.

Missão cumprida. Agora era hora de retomar a minha vida. Mas o que haveria para retomar?

Começar do zero. Talvez até mesmo uma pessoa como eu fosse capaz de algo assim.

Criei um servidor chamado “Ovon Oçemoc” e iniciei os meus trabalhos.

PARTE 2

Capítulo 1: O Leitorado das Horas

Cristiano era meu herói. Eu via nele uma esperança de redenção.

Na verdade, minha vida estava boa. Eu não era um estudante ruim. Minhas notas eram regulares. Eu pegava recuperação frequentemente, mas costumava salvar o ano no final.

Nesse sentido, eu era diferente dos outros alunos que seguiram Cristiano, pois acho que todos os outros tinham repetido o ano ao menos uma vez. Eles odiavam estudar e buscavam qualquer outra coisa para fazer da vida.

Quanto a mim, não achava que minhas perspectivas eram ruins. Eu gostava de ler. Quem sabe, com algum esforço, eu pudesse ser aprovado em alguma faculdade para estudar história, sociologia ou letras.

No entanto, quando eu ouvia Cristiano falar, esses desejos se calavam. Subitamente, meus planos para minha vida pareciam muito pequenos. Eu me achava pequeno demais para esse universo.

Era esse efeito que ele gerava nas pessoas: ele tinha planos grandes para sua existência sublime. E a nossa vida era uma piada. Qualquer coisa supérflua que nem mesmo merecia ser chamada vida.

Nesses momentos eu recuava. Antes eu achava que sabia o bastante sobre a vida. Seguia os conselhos dos meus pais, professores e mestres: termine o colégio, talvez se forme, trabalhe. Monte uma carreira. Não era isso que todos os outros tinham feito? Não era assim que as coisas funcionavam?

Por que eu não deveria seguir o fluxo?

Talvez porque minha mãe tomasse remédios para dormir. Meu pai não saía da frente da televisão. O que havia de tão interessante naquela porcaria de televisão, afinal?

A televisão da nossa geração era o computador; a internet. Aos nossos olhos, aquela merda era realmente interessante. Mas será que era mesmo?

Eu não era contra tecnologia. Acredito que a tecnologia ajudou muito a melhorar a qualidade de vida. Mas até que ponto aquilo tudo era necessário?

Wanju Duli

– Ei Fernando. Tô falando com você, porra.

Fernando parou de digitar no celular.

– O que tu quer, merda? – perguntou Fernando, desviando os olhos da tela.

– Não consegue largar esse cacete por um segundo?

– Por quê? Está com ciúme? – sorriu Fernando – queria que eu estivesse segurando o seu?

Suspirei fundo. Como eu podia explicar qualquer coisa para aqueles imbecis?

– Veja bem, não sou contra sexo e celulares – comecei assim – mas não acho que a vida seja só curtidão.

– Não, papai – respondeu Fernando, voltando a digitar – também temos que estudar. Ter uma vida. Como nosso velho.

– Você realmente quer ser como seu velho? – perguntei – é seu sonho de vida?

Fernando refletiu por um momento.

– Eu gosto do meu pai – ele decidiu – quero dizer, ele tem seus bons momentos. Mas ser um barrigudo que toma cerveja no barzinho enquanto joga cartas com outros idiotas? Não, obrigado.

– Deixa disso, jogar cartas é o que há – eu disse – pior o meu que não larga de ver futebol.

– Nem vem falar mal de futebol! Eu curto pra caralho.

– Sei que tu curte. Mas pelo menos você vai ver os jogos, sai de casa. Não fica só enfurnado na frente da TV vendo um bando de imbecis correndo atrás de uma bola numa tela.

– Que é isso, cara? Parece até uma menina falando.

– Por que uma menina? Sua mãe não curte mais futebol que seu pai?

– É verdade, ela curte – confessou Fernando – mas e daí? Onde você quer chegar?

– Quero que me diga sinceramente: o que acha de Cristiano?

Nesse momento, Fernando desviou sua atenção do celular e começou a rir.

– Então era para esse ponto que a conversa estava se direcionando – concluiu Fernando – se eu soubesse desde o começo, nem tinha dado corda. Cristiano é um mala! Só fala merda. Ele acha que é o rei e que todos os outros só são montes de esterco.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Todos ficam putos com os discursos do Cris – concordei – mas será que eles não ficam putos porque ele fala a verdade? Porque ele tocou na ferida.

– Já está chamando o cara de “Cris”? – Fernando balançou a cabeça em desaprovação – quanta intimidade. Quando é a lua de mel?

– Eu não concordo com tudo que ele fala – defendi-me – mas ele defende suas ideias com paixão. Admiro isso.

– Então você está disposto a apoiar qualquer maluco fanático?

– Ele é diferente – observei – ele não é como esses caras que querem mudanças políticas e dizem: “Os outros precisam mudar”. Cristiano diz: “a mudança começa de forma interna, dentro de mim. Ela começa comigo e não nos outros. Não são os políticos que são corrompidos, mentirosos e ladrões. Eu também sou tudo isso, em menor escala, e desejo transformar a mim mesmo antes de mudar o mundo, ou eu seria apenas um hipócrita”.

– Oh, como ele é nobre! – zombou Fernando – ele se acha melhor que todo mundo. Para Cristiano, até um pobre coitado que gasta cinco centavos numa bala está alimentando o capitalismo. Por favor!

– Na verdade está, mas não irei entrar no mérito dessa discussão – comentei – até porque existem pessoas tão miseráveis que estão praticamente à parte desse sistema.

Fernando nem estava me ouvindo mais. Agora o celular já parecia mais interessante. Era difícil competir.

– A questão é que Cristiano tem propostas concretas – observei – ele não fica só na teoria.

– Qual o problema de ficar só na teoria? Teoria importa e muito! Senão, você está desmerecendo o trabalho dos professores.

– OK, teoria importa – concedi – mas também é empolgante colocar em prática de vez em quando, não acha?

– Contanto que não se trate de uma prática vazia – disse Fernando – o que Cristiano propõe é niilismo.

– Está prestando mesmo atenção nas aulas de filosofia? – perguntei, divertindo-me – o que acha do Nietzsche?

– Ele merecia ser banido da filosofia – disse Fernando – ele é como um menino revoltado e aborrecido que não gostou da festa e quer estragar a diversão de todos os outros. Como seu Cristiano.

Wanju Duli

– Meu Cristiano está prestes a fazer algo extraordinário. E acho que vou segui-lo.

– Eu sabia! Isso tudo é medo da vida? Medo de fracassar. Você só está fugindo.

– As pessoas sempre dizem coisas assim diante do que não conhecem – respondi – qualquer coisa que escape às regras parece um medo, uma fuga. Pois eu diria que é exatamente o oposto: um ato de coragem, uma nova porta que se abre. E daí se não der certo? Pior é viver com o sentimento de nunca ter tentado.

– Blá, blá, blá – disse Fernando – faça o que quiser. Estava esperando minha permissão?

– Na verdade eu pretendia te convidar para ir junto.

Fernando gargalhou com gosto.

– Vou te enviar flores – ele disse.

E a conversa terminou aí.

Não me importei. Eu segui Cristiano. Por muito tempo. Mesmo depois que Breno saiu do grupo eu não me abalei. Permaneci ao lado dele, firme e forte, pelos meses seguintes.

O pior foi o começo. Conforme os meses passavam, eu já me sentia em casa. Sim, havia muita dor e dificuldades inimagináveis. Mas eu me sentia orgulhoso de estar ao seu lado.

No final, não foram os caras mais inteligentes, corajosos, fortes e talentosos que ficaram ao lado de Cristiano. Ironicamente, caras com ideias geniais como eu e Henrique acabamos saindo do grupo de Cristiano e fundando nosso próprio grupo.

Quem continuou com o Cris até o fim foram caras que ninguém dava nada por eles: meio bobos, meio fracos. Ninguém imaginava que aqueles puxa-sacos do Cristiano iam aguentar vivos por uma semana. Mas eles aguentaram tudo. Foi realmente incrível.

Quanto a mim, fundei a Seita do Leitorado das Horas. Foi uma proposta meio esquisita e heterodoxa, especialmente porque a maior parte dos membros do grupo não queria saber de ler ou estudar. E era exatamente isso que eu estava exigindo deles.

No começo, pouca gente me seguiu. Tive que ensinar a eles o prazer da leitura e da disciplina. Isso levou certo tempo e não deixava de ser um paradoxo: se gostavam de estudar, por que não voltavam para o tal

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

“mundo real”? Para a vida antiga. Ao menos receberiam a recompensa do salário.

Mas a minha proposta era exatamente zombar dessa recompensa. Iríamos estudar e receber em troca apenas o conhecimento. Não precisávamos de muito mais que isso.

Como morávamos numa casa e não na rua como Cristiano, tínhamos umas despesas a mais e acabamos precisando de dinheiro. Demos um jeito, produzindo artesanato e comida caseira para vender.

Surpreendentemente, aquilo foi o bastante, já que nossas necessidades eram mínimas. Trabalhávamos muito, mas tudo compensava no final do dia. Éramos como uma família, apesar de haver discussões frequentes. Mas isso é coisa do ser humano: onde há pessoas, há discussões. Não há como fugir disso.

– Não sabia que Breno havia escrito um livro – comentou Brígida.

– Também escrevi um – observei.

– Mas seu livro é muito curto e não o entendi direito. Esse livro de Breno é meio misterioso, não acha?

Brígida havia fundado a versão feminina do Leitorado das Horas, assim como Michele fundou a versão feminina dos Peregrinos do Destino.

De certa forma, era divertido que mulheres fizessem parte dos grupos que criamos. Dava um ar diferente. Algo novo.

Como nós, elas também usavam um manto negro. Mas em vez da boina, usavam uma presilha preta nos cabelos. Foi um requisito especial, já que as meninas, por alguma razão, odiaram a boina. Concedi a elas esse pequeno capricho.

– Não há nada de misterioso no livro dele – expliquei – ele mostra como podemos criar entidades espirituais.

– O que são entidades espirituais? – perguntou Brígida – elas não possuem corpo físico?

– A princípio não, embora possam fazer um para si quando julgarem conveniente. Pode ser que as mais fracas não tenham esse poder. Depende também do poder do mago.

– Somos magos? – ela riu.

– Magia é geralmente o poder de gerar alterações no mundo por meios não físicos – expliquei – por exemplo, digamos que você estude

Wanju Duli

para uma prova e se saia bem nela. Ou mova uma cadeira de lugar carregando-a. Fazendo essas coisas, você usou instrumentos físicos e mentais para realizar alterações no mundo material, ou mental. A princípio, isso não é magia. A magia mexe na alma, no espírito. Você compreende?

– Não tenho certeza.

– Vamos colocar dessa forma: a mente é o local de travessia entre o corpo e o espírito. Então para atingir o espírito você precisará realizar alterações na mente. Muitas vezes isso envolve alterações do estado de consciência. Quando seu estado muda, significa que sua ponte mental te levou do corpo para a alma. Está me acompanhando?

– Dificilmente – ela sorriu.

– Nesse tipo de estado alterado conseguimos tocar dimensões da mente e da matéria que normalmente não se encontram acessíveis para nós – expliquei – para ser capaz de realizar essa manobra espiritual com mais facilidade, é necessário muito treino. É verdade que existem pessoas que ocasionalmente tocam a própria alma por acaso, sem saber bem como fizeram. Costuma ser uma conexão mais instável. A ideia de estudar magia é estabelecer caminhos mais estáveis de contato, que possam ser acessados conforme a vontade.

– Certo... mas por que as pessoas fazem magia se temos um corpo que pode pegar objetos e uma mente que possui memória e é capaz de estudar sem esses truques?

– Como eu disse antes, a magia amplia suas possibilidades e caminhos. É possível viver tranquilamente sem ela. Mas talvez sua vida não seja tão emocionante. Além disso, a magia estabelece conexões escondidas. As pessoas podem conectar-se umas às outras através do corpo e das palavras. Mas com magia podemos ir mais fundo nessa conexão, ligando-se aos outros num nível espiritual. Podemos até mesmo estabelecer contato com entidades que não são desse mundo, como é o caso de diferentes tipos de inteligências, como Deuses, anjos, demônios e espíritos da natureza. É aí que entram os servidores.

– O que são servidores?

– São entidades criadas pelo próprio magista – respondi – muitas das inteligências espirituais que existem por aí são antigas. Foram criadas no passado por outras pessoas, ou tiveram uma origem diferente. Um Deus,

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

por exemplo, pode criar um ser angélico. Essa entidade não teve origem nos humanos. E nem todos os Deuses foram necessariamente criados por nós. Um servidor também pode criar outro servidor.

– Um servidor “serve” o mago?

– Isso mesmo. Mas ele também pode se tornar um Deus. Na verdade, nós também podemos nos tornar Deuses. Mas nem sempre isso é interessante.

– Por que não seria interessante? – perguntou Brígida, curiosa – por que alguém se negaria a se tornar um Deus?

– Há muitas coisas interessantes para fazer na vida, mas não é por isso que fazemos todas elas. Pode ser interessante tocar piano, praticar artes marciais, ser um jogador de basquete. Nem por isso fazemos tudo.

– Porque nosso tempo é limitado. Se pudessemos nos tornar um Deus eterno, resolveria o problema.

– Não resolveria – opinei – eu acho que uma vida humana já é extremamente longa. É incrível quantas coisas podemos fazer em apenas um dia. Aqui na nossa seita temos hora para tudo: cozinhamos, lavamos pratos, limpamos a casa, lemos, temos rodas de discussões, meditamos, conversamos. E ainda sobra tempo para um breve lazer. Por que ser Deus? Por que ser eterno se apenas em um dia já possuímos um tipo especial de eternidade?

– Tem razão. Como não pensei nisso antes? Então, se eu decidir não me tornar Deus, por que eu criaria um servidor?

– Eu diria que ser um criador já é possuir um tipo de divindade – respondi – há vários tipos de essências divinas. Eternidade não é o presente mais precioso que podemos ter. Ao menos a eternidade do corpo não me soa tão atraente. Já somos eternos no espírito. Então que tal explorar a sua alma para descobrir mais sobre ela? Ter um servidor pode ser uma boa forma de conhecer sua essência incorpórea.

– Legal. Farei isso!

Fitei a paisagem pela janela.

– As pessoas lá fora só dão atenção ao corpo – comentei – elas estão com tanta pressa que não conseguem parar para sentar por um momento, respirar e conhecer o corpo. Se o conhecessem, perceberiam que somos muito mais que carne. Não apenas mente. Algo mais. As pessoas trabalham tanto para servir algo que sequer conhecem.

Wanju Duli

– Então elas não dão atenção ao corpo – concluiu Brígida – elas servem a uma sombra de seus próprios corpos.

– Exatamente – concordei – o corpo também é importante. Ele é parte do que somos. Também merece ser amado. Mas não venerado como Senhor!

– Quando eu medito, conheço mais meu corpo. Presto atenção na respiração, nos batimentos. Aprendo como minha mente se comporta quando está quieta. No dia a dia de agitação não notamos nada disso.

– Por isso não se acredita mais em alma e espírito hoje em dia – concluí – não é tão difícil assim sentir nossa essência. As pessoas apenas não querem olhar. Qualquer um que prestar atenção suficiente concluiria que há algo por trás da vida, soprando.

– Elas pensam que é só a mente lhe pregando truques, ilusões.

– Só acham isso porque essa seria a “explicação científica” vigente do tempo em que vivemos – eu disse – mas essa não é a única explicação possível. Sequer é a mais lógica. É engraçado. Achamos que as pessoas que pensavam coisas diferentes em outras épocas e culturas são supersticiosas e imbecis. Eu me pergunto quem é o verdadeiro imbecil...

Brígida desatou a rir.

– Agora você também está se portando como um imbecil, achando que sua interpretação é a única correta! – ela disse.

– Tem razão. As duas explicações são válidas, e muitas outras. Só me dá nos nervos quando alguém finge que encontrou a explicação perfeita. Pode até existir uma explicação verdadeira ou mais certa, mas é ilusão acreditar que o cérebro humano e nossos sentidos são capazes de captar tudo que há. Por isso, também vale a pena acreditar em coisas que não podemos perceber. É muita falta de humildade e bom senso pensar que tudo que não vemos é mentira.

– Servidores são verdadeiros – ela disse – mas por que será que eles são verdade?

– Porque nós somos verdade. Se duvidamos da existência dos servidores, também podemos questionar nossa própria existência. Somos o Senhor na Terra de nossos servidores.

– E quem é nosso Senhor na Terra? – perguntou Brígida – o “Senhor no Céu”? Ou o “Senhor no Inferno”?

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– O Senhor Engraçadinho que está sempre escondido atrás da cortina – respondi – pelo menos nós mostramos a cara para nossas criações.

Eu tinha criado um servidor, chamado Arutiel, seguindo o modelo proposto por Breno. Ele servia para manter meu ritmo de leituras. Nem sempre era fácil ler tantos livros e Arutiel garantia que eu seria capaz de manter minha disciplina diária de leituras.

Brígida acabou criando um servidor também, dando a ele o nome de Otirípse, embora ela o chamasse carinhosamente por “Oti”. Sua utilidade era que a auxiliasse a sentir mais profundamente seu próprio espírito.

– Essa coisa lendária chamada espírito – ela me disse – quero desvendá-lo por completo.

Brígida usou Oti por muito tempo. Parecia que estava funcionando bem. Meu Arutiel também estava ótimo, pois eu estava lendo mais livros do que nunca.

Até que Brígida resolveu criar um segundo servidor. E um terceiro. E não parou por aí.

Em pouco tempo, ela tinha dezenas de servidores. Os boatos diziam que ela estava formando um exército.

– Porra! – exclamou Thiago – minha vela não para de apagar. Certamente é por causa do servidor de Brígida, o Amahc. Dizem que ela o colocou no dormitório masculino para testar.

E ela não queria testar somente esse. Colocou no nosso dormitório outros servidores, que pareciam ter sido especificamente construídos para nos perturbar.

– Agora chega! – exclamou Thiago um dia, quando um copo d’água caiu em cima de seu livro – se é guerra o que ela quer, ela vai ter!

E lá foi ele criar seus servidores também.

Eu apenas assistia de longe. Preferi não opinar. Enquanto eu não fosse atingido, para mim a situação não passaria de entretenimento.

Thiago formou dezenas de servidores também. Era um exército contra outro. Eu o via falar “sozinho” frequentemente.

– Ele está ficando doido – Arutiel comentou comigo naqueles dias.

– Está – eu disse.

– Brincando com seus amigos imaginários – prosseguiu Arutiel.

– Você é imaginário? – perguntei.

– Os outros são – ele explicou – eu não!

Wanju Duli

– Ah, sim, sempre os outros – sorri – nunca acontece com a gente. Sempre os outros que são loucos! Mas creio que é assim que deve ser.

– Estamos fadados a isso.

– Eu só me pergunto como um ser imaginário consegue apagar uma vela – observei.

– Pense da seguinte forma – explicou Arutiel – o que seria mais poderoso: que um ser real ou imaginário apagasse a vela?

– Um ser imaginário, é óbvio – respondi.

– Disso se concluí que um cara que quer posar de poderoso prefere usar seres imaginários do que reais!

– Seu raciocínio é apaixonante – comentei.

Logo, Brígida não estava criando apenas servidores de Quepar e Midaforvel. Também fez alguns em formatos de monstros, gárgulas, dragões e unicórnios.

Um dia eu estava tomando chá na nossa sala enquanto lia um livro. Ouvi um relincho.

Foi como magia pura: um doce arco-íris atravessou uma janela e saiu pela outra. Ao longo do arco-íris, saltou um unicórnio cor-de-rosa. E ele sorria.

Ele sorria.

Ele deu um longo relincho e atravessou a sala em câmera lenta, enquanto eu o observava. Eu o seguia com os olhos, sem mover a xícara.

Quando o unicórnio terminou sua travessia e o arco-íris sumiu, eu levantei-me. Senti que já era hora de tomar medidas drásticas.

– Agora ela foi longe demais.

Fui conversar com Brígida.

– Um unicórnio atravessou minha janela.

Eu disse isso a ela, de braços cruzados.

– E daí?

Ela perguntou como se não fosse nada.

– É apenas natural.

Ela acrescentou.

Não pisquei os olhos.

– Acontece que eu não quero unicórnios atravessando a minha sala – expliquei.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Prefere dragões? – ela perguntou – dizem que os meninos gostam mais de bichos feios.

– Não quero dragões colocando fogo nos meus livros e nem gnomos no jardim! – exclamei, fora de mim.

– Mas foi você que me ensinou como fazê-los! Devia estar orgulhoso.

– Eu estava, antes de você criar seu exército. Não passo um dia sequer sem ter servidores barulhentos balançando as estantes.

– Eu te desafio para uma batalha – propôs Brígida – se seu Arutiel vencer meu Oti, eu retiro todos os meus servidores da casa de vocês.

– Mas que absurdo! – exclamei – o meu servidor é para me ajudar nas minhas leituras e não para “batalhar”. Vá brincar com Thiago. Estou cheio disso.

– Só está dizendo isso porque está com medo de perder.

Juro que não sou infantil. Mas não consegui recuar diante dessa provocação.

Na tarde seguinte, eu e ela combinamos a nossa batalha no pátio. Tivemos plateia.

– Não estou vendo nada – dizia a maioria.

– Vocês não enxergam nossos servidores porque não acreditam em alma! – exclamou Brígida.

– Então eu preciso acreditar em servidores para vê-los? – perguntou Priscila.

– Bem, alguns servidores não possuem forma corpórea – explicou Brígida – mas os nossos estão ali.

Ela apontou para o chão. Eu usava um livro como receptáculo do meu servidor. Toda vez que eu precisava carregá-lo com energia, eu passava as energias para o livro e o fortalecia lendo algumas passagens. Na capa do livro eu coloquei o sigilo de Arutiel.

Quanto ao servidor de Brígida, ela o colocou numa fronha de travesseiro. Segundo ela, um lençol ou fronha se parecia muito com um fantasma; portanto, uma “alma”. Ela o fortalecia sempre antes de dormir, soprando energia no travesseiro e colocando embaixo dele uma carta mágica.

Eu honestamente não sabia como ela tinha paciência de energizar dezenas de servidores todos os dias. Era seu novo brinquedo.

Wanju Duli

– Posso ver o livro e o travesseiro em cima da grama – disse Priscila – os servidores estão ali dentro?

– Espere e verá – disse Brígida, empolgada.

Nós dois nos sentamos na posição de lótus. Uma vez assim, demos início à nossa meditação.

Ficamos meia hora lá. A plateia estava indo embora.

Uma hora se passou. Duas horas.

Quando abri os olhos, meu livro estava em pedaços. Levantei-me de imediato.

– Você rasgou meu livro! – exclamei.

– Não fui eu – disse Brígida – permaneci sentada o tempo todo.

– Quer que eu acredite que foi seu servidor?

– E depois sou eu que não tenho fé...

Brígida levantou-se e foi embora.

Foi só então que me dei conta: apesar de tudo o que eu dizia, eu não acreditava tanto assim em coisas como Deus ou espírito. Eu provavelmente havia sido contaminado pelas crenças materialistas de meu tempo.

Sim: acreditar que apenas as coisas materiais eram reais também era uma crença. Uma confiança excessiva em nossos sentidos físicos. Todos sabiam que havia coisas como ilusões de ótica. Sabíamos que cores não eram propriedade da matéria. Ainda assim, continuávamos fingindo que nossos sentidos descreviam o mundo tal qual ele era, numa fé cega.

O livro somente rasga quando um corpo material, como um humano ou um cachorro, vai até ele e aplica uma força. Eu acreditava que não havia nenhuma outra forma de picotar meu livro.

Como fui burro. Como fui cego. Como fui incrédulo!

Quando vi o unicórnio, por um momento julguei que era um truque visual, efeito da luz que entrava pela janela. Eu estava meio sonolento. “Sim, só pode ter sido um engano” pensei.

E não era isso que as pessoas pensavam após descreverem que enxergaram ETs e naves espaciais? No momento da experiência tudo parecia absolutamente real. Somente um tempo depois, ao pensar sobre ela, começavam os questionamentos.

“Deve ter sido alucinação. Sim, uma alucinação coletiva”.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

E essa explicação imbecil parecia extremamente convincente. Mesmo sendo assim tão ridícula.

Alucinação significava uma falha em nossos sentidos físicos e não um momento em que despertávamos de nosso sono e víamos as coisas como elas são. Porque só essa explicação era convincente com o modelo secularista da realidade.

Estávamos preparados a distorcer tudo o que sentíamos, somente para encaixar nossas concepções num modelo pré-estabelecido. Um paradigma velho, carcomido pelas traças. Ele já não me servia mais.

Afinal, qual seria a vantagem que eu tiraria do paradigma materialista? O corpo acabava com a morte. Tudo era apenas corpo. Tudo era acaso. E pronto.

Eu me sentiria muito mais empolgado num mundo repleto de espíritos, de vida após a morte, de significado. Não poderia construir um universo assim para mim? Ou interpretá-lo dessa forma.

Por isso fiquei furioso com Brígida. Ela estava me mostrando uma nova realidade que eu somente havia lido nos livros. Algo que fazia muito sentido racionalmente, mas que eu temia experimentar.

– Anime-se, Paulo. Chegará o seu momento.

Quem me disse isso foi um ser transparente com um manto branco e dourado.

– Quem é você? – perguntei – ou o que é você?

– Sou Oti. Desculpe machucar Arutiel. Ele vai sobreviver.

Por alguma razão, eu fiquei furioso. Tentei agarrar Oti pelo pescoço e esganá-lo. Ele escapou facilmente do meu ataque. Provavelmente eu só seria capaz de feri-lo com magia.

Tracei um círculo de proteção ao meu redor. Tirei uma adaga da cintura e chamei outro servidor meu, chamado “Arreug”, mais conhecido por “Arre”. Para situações de emergência.

Ele tinha um manto vermelho. O planeta Marte orbitava ao redor de sua cabeça.

– Arre, destroi esse filho da puta – mandei – para dar a Brígida uma lição.

Ela achava que magia podia manipular o mundo inteiro. Ela, orgulhosa de seu poder, achava que seria capaz de vencer até mesmo a morte. Eu iria mostrar-lhe o mundo real.

Wanju Duli

Mas Oti era perspicaz. Aparecia e reaparecia em diferentes lugares, como um fantasma. Arre não era capaz de agarrá-lo.

– Não deseja vencer a morte? – perguntou Oti.

– É uma batalha perdida – respondi.

– Você já desistiu. Então não acredita mesmo em espírito?

– Não é apenas uma projeção mental? Você não é produto da minha mente?

– Por que acha isso?

– Os sonhos – eu disse – parecem muito reais quando são sonhados, mas quando acordo sei que não passou de um sonho.

– Como pode afirmar que você não se transportou para outro lugar naquele momento?

– Meu corpo continua na cama.

– E você é o seu corpo? – perguntou Oti – para onde foi a sua alma? Sabe dizer? Para onde vai sua alma quando você dorme, quando medita?

– Almas não são necessárias – concluí – nem espíritos, nem servidores. Os humanos vivem muito bem sem essas coisas.

– Você também consegue viver sem todos esses embelezamentos e diversões que os humanos criaram – disse-me Oti.

– Sim, eu estou vivendo desse jeito! Pois as diversões me distraem, não permitem que eu olhe minha alma.

– Se você não tivesse alma, provavelmente precisaria criar uma – disse Oti.

Uma alma de brinquedo. Poderia dar-lhe vida.

Mas por que eu faria isso, se já tinha uma?

– Vá embora, Oti – eu disse – você me deixa desconfortável.

Arutiel estava se recuperando. Eu o energizava cada vez mais. Colei as páginas do meu livro.

– Por que quer tanto assim conhecer Sodontse? – perguntei.

– Porque ele é o Fantasma Sagrado – disse Arutiel – criado por Breno. Não foi ele que matou Cristiano?

– O Cristiano morreu por outras razões – respondi – Breno não tem nada a ver com isso.

– Novamente, você tem sua velha crença ingênua de que somente causas materiais podem gerar efeitos materiais – disse Arutiel – pensa mesmo que conhece a causa das coisas?

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Ninguém conhece as causas – respondi – nós somente vemos os efeitos, ou achamos que vemos, e inventamos causas para eles. Porque precisamos fingir que temos explicações. Mas o que um mago pode fazer? Inventar novas causas?

– Aprofundar as conexões. Afinal, as coisas não são produzidas por uma causa única, mas por uma cadeia causal. O espírito pode servir como uma corrente.

E foi essa corrente que matou Arutiel. Sodutse trucidou-o de forma cruel.

Colei meu livro outra vez. Por que eu não conseguia reviver Arutiel se ele era somente imaginário?

Parecia que o mundo astral possuía certas regras. Não era um caos completo. Aos poucos eu aprendia como as coisas funcionavam.

Eu descobri que Arutiel era real. Tão real quanto eu, ou quanto qualquer outra pessoa. Nossas existências apenas possuíam categorias diferentes.

E fiquei triste pela morte do meu servidor. Jamais imaginei que ficaria.

– Paulo? Tá tudo bem?

Era Brígida me incomodando outra vez. Virei para o lado e tentei ignorá-la.

– Estou tentando ler.

Ela colocou um ovo em cima do meu livro.

– Um presente.

E Brígida se retirou.

Fitei aquele ovo com curiosidade. Ele não parecia ser material.

Quando fechei o livro, o ovo continuou lá dentro. A cada dia que eu prosseguia a leitura, o ovo permanecia lá. Até que um dia o ovo chocou.

Dele nasceu um tipo de fantasma com chifres e dentes.

– Bom dia, Paulo!

– Que merda é você? – perguntei.

– Sou um servidor chamado Adrem. Obrigado por me dar um nome!

– E o que você faz?

– Cocô.

Ele cagou em todo meu livro.

Aquele definitivamente não era meu dia.

Capítulo 2: O Bem e o Mal

- Por que acha que o Criador colocou dois de nós aqui?
- Porque ele te criou com tudo de ruim que havia nele. Então você precisava de mim, para que o mundo não fosse uma tragédia completa.
- Mesmo sendo tudo de ruim, eu ainda sou ele.
- Quem sabe ele não quisesse um mundo somente com aquilo que havia dentro de si. Ele queria mais.

Lam suspirou fundo. Estava descobrindo que dava trabalho criar um mundo.

Havia escrito um monte de regras imbecis. Criou sentenças de morte para qualquer crime besta. Espalhou fantasmas para arrancar pedaços das pessoas.

Meb estava lhe dando limites. Arrumou algumas das leis. No começo, Lam não gostou muito.

- Não se meta em meus negócios.
- Por que não? – perguntou Meb – não posso me divertir também?
- Eu dificilmente chamaria isso de diversão.

A princípio, os dois competiram. Lam criou a Ordem de Argen e Meb a Ordem de Acnarb. Eles queriam ver se mais gente se interessaria pela ordem de magia branca ou pela de magia negra.

- Por enquanto estou ganhando – disse Lam – tenho mais alunos.
- Mas os meus estudantes são mais poderosos – garantiu Meb.
- Que tal criarmos uma guerra para ver qual lado mata mais?
- Que coisa mais infantil, Lam. Estamos tentando povoar Quepar com servidores e você já está querendo matar os poucos que estão aqui?
- Nós dois deveríamos batalhar, então.
- Quer morrer? – perguntou Meb.
- Não precisamos lutar até a morte, embora eu ache que uma luta que acabe em vida seja monótona.
- Qual é a graça em ser mau?
- Eu não sou “mau” – disse Lam – apenas finjo ser, para impressionar os alunos imbecis. Eles vivem dizendo coisas como “bem e

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

mal é relativo” mas na hora da magia, sabem bem o que devem fazer para salvar ou para ferrar alguém. Eles não têm nenhuma dúvida disso.

– É verdade que em nem todas as situações fica claro qual é a melhor decisão a tomar para ajudar alguém – observou Meb – no entanto, eu diria que na maior parte das situações, sabemos qual é a coisa certa a fazer. Parte disso pode vir dos costumes, mas outra parte com certeza é algo interno.

– Eu sei quando estou fazendo uma merda – disse Lam – eu não tenho nenhuma dúvida que torturar uma pessoa, de forma física ou psicológica, é ruim. Mesmo que as consequências sejam positivas, essas coisas são erradas por si mesmas. Mesmo assim, eu faço. Sabe por quê?

– Não faço a mínima ideia.

– Eu faço exatamente porque sei que é errado. E realizar ações ruins me dá adrenalina. Se bem e mal ou dor e prazer fossem totalmente relativos, eu não sentiria tesão ao torturar uma pessoa. Afinal, algumas sentiriam dor e outras não. Algumas achariam isso bom? Certamente seria chato. Quem é masoquista tira prazer da dor, mas não deixa de ser dor.

– Não gosta de ver outras pessoas felizes?

– Eu adoro. Somente para arrancar essa felicidade. Mas só faço isso às vezes. Em outros momentos, pouco me importa.

– Ajudar alguém também gera sensações extraordinárias.

– Eu sei, mas também posso ajudar uma pessoa mostrando a ela o lado negro da vida – disse Lam.

– Achei que você havia dito que bem e mal não são relativos.

– Palavras – pronunciou Lam – “bem e mal são relativos” ou “bem e mal são absolutos”. É meio ridículo brigar por causa de termos. Quando digo que algo é relativo, posso estar me referindo a algo completamente diferente de você. Como ter certeza?

– A letra mata – concluiu Meb.

– E o Espírito vivifica – completou Lam – as pessoas são engraçadas. Algumas dizem coisas como “não sou um corpo, sou uma alma”, mas basta torturá-las para que clamem por piedade. “Mas você não era uma alma? Então por que está sentindo dor quando torturo essa concha vazia?” eu pergunto. Mas não há resposta.

Meb segurou o rosto de Lam e deu-lhe um beijo na boca.

Wanju Duli

– Tenho pena de você, pobre desgraçado – disse Meb – infeliz bastardo.

– Eu adoro como você se finge de boazinha, mas no fundo é malvada – Lam sorriu – pode ser má o quanto quiser, Meb de Acnarb.

Meb empurrou Lam no chão e subiu em cima. Colocou a mão por baixo do manto negro de Lam e agarrou seus três cacetes.

– Isso é... um pouco mais do que eu esperava – confessou Lam.

– Não gostou? – perguntou Meb.

– Não me diga que essa é uma pergunta séria.

– É claro que não, tolinho.

PARTE 3

Capítulo 1: ARG

Eu não ia me cansar de atacar Éf. Estava determinado a ferir o servidor da líder da ORM.

Confesso que no começo não me importei muito. Nem estava assim tão a fim de entrar para a ordem de magia dela. Comecei a lançar maldições na servidora por mera implicância.

Só que acabei tomando gosto pela coisa. Isso porque o servidor daquela mulher parecia quase invencível. Então, como resistir? É claro que quanto mais Aigam retornava sem boas notícias, mais eu queria enviá-la de volta.

– Mestre, eu não sei se eu deveria lhe dizer isso... – comentou Aigam.

– Não, não deveria – eu a interrompi – volte para lá e quebre o pescoço daquele fantasma cor-de-rosa.

– Sim, senhor.

Embora dissesse apenas “sim, senhor” eu notava que Aigam estava cada vez mais puta. Estava bem claro que não estava apreciando minha insistência.

De repente, fiquei muito interessado na líder. Invejei Natália, pois ela era membro da ordem.

Mas aquilo não durou muito. Natália realizou o grande feito de ser expulsa. Quando ela me contou o motivo, não tive palavras para expressar minha frustração.

– Você não presta – eu disse – não estava satisfeita em trepar comigo? Tinha que ir atrás da mulher mais desejada da cidade?

– Que exagero – disse Natália – ela é apenas a mais desejada entre os ocultistas piradões drogados do submundo. Isso não é grande coisa. E ela nem é uma mulher.

– Como assim?

– Quer dizer, ela é, ou era – corrigiu Natália – só que fisicamente é um homem.

Fiquei sem fala por alguns segundos, mas logo me recuperei.

Wanju Duli

– Bem, isso não muda o fato de que ela, ou ele, é forte pra cacete – observei – na verdade, me sinto injustiçado. A líder não permitia homens no grupo, mas ela mesma é um.

– Nada disso importa mais, já que o grupo foi desfeito.

– É uma pena. Eu estava gostando de brincar de amaldiçoá-la.

– Você falhou em todas as vezes – disse Natália – que tal nós dois fundarmos uma ordem de magia?

– Uma ordem apenas com duas pessoas nem mesmo pode ser chamada de ordem – eu disse – eu topo se formos ao menos três.

– Que tal convidarmos o Felipe?

– O lendário? – perguntei, impressionado.

Natália revirou os olhos.

– Ele é apenas o filho do Cristiano.

– Você fala como se fosse pouco. Ele tem até uma página na internet.

– Nossa, como se ter uma página na internet fosse a última bolacha do pacote! – exclamou Natália, indignada – “Vejam como eu sou foda, eu tenho um site!”. Tipo assim?

– Bem assim – eu sorri – deixa eu te mostrar. É muito estilo.

Acessei um site, que tinha uma abertura toda escandalosa e luminosa. No wallpaper havia um negro travesti, com rosto quadrado e barba por fazer. Ele usava uma peruca de arco-íris e roupas igualmente coloridas e brilhantes: vestido e salto alto. Maquiagem carregada.

– Meu Jesus Cristo nosso Senhor, salve, salve! – exclamou Natália.

– É a Madame Xuxa Felipa.

– O quê?!

– O nome artístico do Felipe.

– OK, confesso que eu não esperava isso – disse Natália – não estava preparada para tamanha emoção. Terei que admitir: esse sujeito é extraordinário.

– Não é? – eu sorri – muito sincero.

Ele devia ter uns quarenta e poucos anos. Parecia super gente boa. Mas não achei que ele tivesse interesse de fundar um grupo com dois completos desconhecidos como nós.

– Ele vende jogadas de tarot online – observei – que tal comprarmos? Assim aproveitamos para perguntar se ele topa nossa proposta.

– Ótima ideia.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Eu e Natália dividimos o valor. Combinamos um horário pelo Skype.

Felipe estava particularmente cintilante. Até sua maquiagem tinha cores de arco-íris. Usava lenço no cabelo e argolas enormes, além de um monte de anéis nos dedos. As unhas, é claro, eram bem longas e pintadas com esmalte verde claro.

– Boa noite, meus clientes! – Felipe disse, em falsete – qual dos dois quer ver sua sorte?

– Na boa, só estamos pagando pelo seu tempo – expliquei – gostaríamos de conversar.

– É claro, crianças – ele largou as cartas e apoiou o enorme queixo na mão – nada como dar atenção aos meus fãs!

– Serei bem direta – falou Natália – que tal fundar uma ordem de magia conosco?

Ele fez uma careta.

– Tempo é dinheiro, baby – foi sua resposta – e meu tempo vale muito! Se desejam que eu ensine magia para vocês, terão que pagar consultas particulares. Elas são bem caras. E eu também cobro para dançar. Dança com lingerie é o triplo do preço.

– Não, obrigada... então deixa pra lá.

– Já estão desistindo tão rápido? – ele pareceu surpreso – não tenho o menor interesse de fazer um grupo com vocês, mas talvez os senhores tenham interesse no meu desafio.

– Aprecio desafios – comentei – pode mandar.

– Eu lancei um ARG no site – explicou Felipe – para promover a minha nova marca de cosméticos! Participem e concorram a prêmios. Vejo vocês lá, crianças!

Ele mandou um beijo e desligou.

– O que é um ARG? – perguntou Natália.

– Um jogo de realidade alternativa – explicou Felipe – nunca jogou nenhum? Eles eram populares antigamente.

– Acho que já ouvi falar.

Dei uma checada no site para descobrir onde ficava a “toca do coelho”.

– É uma foto – mostrei – de um muro, aqui da cidade. Há um sigilo escrito nele. E possivelmente um servidor está sendo energizado quanto mais gente olha esse sigilo e o encontra. Precisamos achar esse lugar!

Wanju Duli

Eu me levantei.

– Vamos! – chamei Natália – o tempo está correndo!

– Já é noite – observou Natália, com preguiça – por que não vamos amanhã?

– Nada disso. Agora estou curioso. Quero saber o que esse cara está tramando.

Natália coçou a cabeça.

– Há centenas de muros na cidade. Então como pretende achar esse?

– Vamos procurar mais dicas na internet – decidi – deve haver um pessoal com pistas sobre a toca do coelho. O Felipe tem muitos fãs.

Chequei alguns blogs e páginas no Facebook. As pessoas tinham várias teorias.

– Ele postou isso hoje – descobri – então muita gente ainda não resolveu o primeiro enigma.

– Como se resolve?

– Uns doidos por aí disseram que a resposta está nessas palavras-cruzadas – mostrei.

Em um site completamente aleatório, de venda de automóveis, havia uma cruzadinha. E com perguntas bem difíceis.

– O que esse site tem a ver com a página do Felipe? – perguntou Natália.

– Não sei, mas eles dizem que é aqui que está a pista.

– “Eles” dizem muita bobagem.

– Não faço a menor ideia como eles chegaram nisso, mas muitos ARGs são assim mesmo: as pistas estão onde menos se espera.

E lá estávamos nós resolvendo a cruzadinha. Gastamos umas duas horas nisso. Muita gente dizia que havia achado a resposta, mas não queriam soltar para os outros.

De madrugada, surgiram fotos de muita gente em blogs, ao lado do muro com o sigilo.

– Merda – eu estava ficando irritado – cruzadinha do capeta! Qual é a próxima pergunta?

– Qual é o nome da esposa de J. R. “Bob” Dobbs – informou Natália.

– Ah, essa é fácil. Fala sério, Felipe! Pensei que estivesse mesmo jogando pra valer.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Quando completamos a cruzadinha, conseguimos o nome da rua. Mais fácil do que tortinha!

Peguei meu carro e fui até lá. Levei Natália junto.

– Eu quero dormir – ela se queixou.

– Nem são duas da manhã ainda. A noite é uma criança! – exclamei, com alegria.

Quando chegamos na rua, que ficava lá no cu do mundo, encontramos mais três panacas tirando fotos do muro.

– Olá, palhaços! – exclamei, pulando do carro – não têm mais nada pra fazer a essa hora da noite, cavalheiros?

– É claro que não – respondeu um cara enorme, careca e com uma barba de Papai Noel – este é o point, maluco!

– Madame Xuxa Felipa é minha heroína – disse uma moça com moicano, fumando um cigarrinho. Poderia ter qualquer coisa naquele cigarro.

– Tirem uma foto minha beijando o sigilo! – berrou um cara de boné, e com bermudas tão abaixadas que metade da cueca amarela ficava visível. Seus tênis estavam gloriosamente desamarrados.

Os dois amigos dele fotografaram com o celular.

Nós também aproveitamos para tirar fotos, embora Natália tenha me fotografado com extrema má vontade.

– Ei, que tal uma pizza? – convidou o garoto de boné – eu e meus amigos estamos indo papar ali na esquina.

– Beleza! – exclamei, com animação.

Eu nem conhecia aqueles três, mas fãs da Felipa não deviam ser ruins.

Natália fez uma careta, como se quisesse me matar.

E lá estávamos nós comendo pizza barata com três desconhecidos.

– Eu sou o Duda – apresentou-se o garoto de boné – esse é o Pedroso e essa é a Creuza.

– Sou o Márcio e essa é a Naty. Vocês também curtem ocultismo?

– Às vezes – respondeu Duda.

– Só quando é conveniente – respondeu Creuza, chupando o cigarro de forma obscena.

– Será que havia algum servidor naquele muro? – perguntei.

Wanju Duli

– Não senti nada – disse Creuza – se bem que só sinto as coisas quando estou chapada.

O encontro com aqueles três não foi lá essas coisas. Achei que podíamos conseguir alguma dica do que fazer a seguir, mas pelo jeito os idiotas só tinham ido lá pra curtir. Não estavam muito interessados em se esforçar e completar o ARG.

Por isso, voltei até o muro apenas junto com Natália.

– Esse lugar de merda é perigoso – ela alertou – vamos voltar de uma vez.

– Espera, acho que estou sentindo alguma coisa. Não está sentindo, Aigam?

– Com certeza – respondeu Aigam – tem alguma entidade poderosíssima aqui. E não parece ser um servidor.

– Também está sentindo, Ohlarac? – perguntou Natália.

– Com mais força do que qualquer outra coisa que já senti – disse Ohlarac – e olha que já presenciei a energia do Fantasma Sagrado.

Encostei no muro. Quando fiz um pouco de força, ele começou a rachar.

– Essa coisa está caindo aos pedaços – avisou Natália – vamos embora antes que essa porcaria desabe na nossa cabeça.

– Até parece.

Dei um chute no sigilo. Dessa vez, a fenda se acentuou. E o muro partiu, com estrondo.

Eu e Natália demos um salto no ar e instintivamente cobrimos a cabeça com os braços.

– Por que foi chutar essa bosta?! – ela berrou.

– Não foi o meu chute! – exclamei – quem quebrou o muro foi aquele... bicho.

Havia uma sombra macabra por trás das árvores. Fiquei apavorado.

– São só as árvores – ela disse.

– Não – eu disse, com voz trêmula – tem um cachorro lá. Ou um monstro.

– Está com medo de um cachorro?

– Natália, isso é sério – comentou Ohlarac – vamos sair daqui agora.

– Por quê? – ela perguntou – esse é o sigilo de um demônio?

– Pior – disse Ohlarac – é o selo de um anjo.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Um anjo? – perguntei, sem entender.

– Um SAG – disse Aigam – Sagrado Anjo Guardião.

Senti um arrepio.

– Estou ouvindo um suspiro – disse Ohlarac.

– Eu também – disse Natália – ele disse “Ariel”.

– Ramie Imimi... – pronunciou Aigam.

De repente, dei um berro. Havia uma cobra no chão.

Nem deu tempo de ninguém fazer nenhum comentário. Eu e Natália desatamos a correr como se fugíssemos do capeta.

Saltei no meu carro e dei a partida. Quando dei por mim, já estava até em outro bairro.

Ohlarac não parava de rir.

– Estavam com medo da cobra? – ele zombou – seus tolos. Como se uma cobra fosse ameaça, perto do que estava pairando logo acima.

– Era mesmo um anjo? – perguntou Natália – se era mesmo, por que deveríamos temê-lo?

– Bem, digam vocês! – exclamou Ohlarac – afinal, não sou eu que conheço esse Deus dos humanos. Só conheço minha Senhora na Terra.

– Anjos punem os pecadores, hã? – perguntei – se querem saber minha opinião, esse SAG é um demônio disfarçado de anjo.

Deixei Natália em sua casa e voltei para a minha. Aigam não calava a boca.

– Se quer o meu conselho...

– Não quero – interrompi-a – cale a boca, Aigam!

– Abandone esse jogo – Aigam ignorou-me.

– Vocês, servidores, têm medo de anjos? – eu ri – que absurdo! Por que teriam?

– Pense bem: nós fomos feitos por vocês, humanos. Vocês foram feitos pelo Senhor de vocês. E ele também criou criaturas ainda mais poderosas. Não são esses os anjos? Seguindo esse raciocínio, até mesmo entidades criadas por anjos seriam mais fortes que nós.

– Você está cometendo um erro – eu disse – pois quem disse que anjos são mais fortes que humanos? Está escrito no Corão: até os anjos se ajoelharam diante dos humanos quando eles foram criados, pois os humanos eram mais magníficos que os anjos! Eu vou te ler o trecho!

Wanju Duli

Determinado, procurei o Corão, que estava soterrado embaixo de uma montanha de livros de ocultismo. Quando o encontrei, demorei a localizar a passagem, mas consegui. Felizmente, o Corão era muito menor que a Bíblia.

– Aqui está – mostrei a ela – acredita em mim agora?

– Os anjos se ajoelharam diante de Adão – observou Aigam – com exceção de Satã. Mas agora as coisas são diferentes: são os humanos que se curvam diante dos anjos, não é mesmo? E se nós nos curvamos diante de vocês, como acha que vemos os anjos?

– Não acredito que está com medo de uma entidade que um imbecil qualquer criou – eu disse.

– Pensei que os anjos não eram criados pelos humanos.

– Certo, eles não são – concordei – mas não acho que Felipe tenha chamado um SAG. Ele não iria tão longe. Não teria todo esse trabalho. Será que devo perguntar a ele?

Paguei mais uma consulta pelo Skype. Dessa vez não optei pela leitura das cartas e sim pela dancinha. Mas paguei pela dança com vestido, e não com lingerie!

Mas assim que ele começou a dançar na câmera, eu o interrompi.

– Felipe, pode parar. Só vim aqui conversar.

– Eu devia cobrar mais caro para conversar! – exclamou Felipe – e não me chame por esse nome. Sou a Madame Felipa!

– Está bem. Queria dizer que achei o seu muro e o seu sigilo.

Felipe ficou maravilhado.

– Ótimo! Fico contente que esteja se esforçando, meu querido.

– Por que escondeu um SAG lá? – perguntei.

– Um o quê?

– Você ouviu. Ele é seu?

– Não sei de nada – ele deu um sorrisinho.

O maldito não ia dizer. Bastardo!

– Não preste atenção no homem atrás da cortina! – ele exclamou, com alegria.

– Você é mesmo o Mestre dos Fantoques? – perguntei, desconfiado – ou você também é uma marionete?

– Isso não é um jogo, Márcio. Não notou isso ainda?

Felipe deu um último rodopio e desligou o vídeo.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Eu não estava ficando aterrorizado. É claro que não. Se estavam tentando me pregar uma peça, não iam conseguir.

No dia seguinte, havia uma nova pista na internet. Em outro site totalmente saído do buraco: uma página sobre dinossauros.

Minha conclusão foi apenas uma: aqueles desgraçados desocupados não faziam outra coisa a não ser navegar até os cafundós da internet para ir atrás daquelas pistas de merda. Ou isso, ou havia algum hacker engraçadinho rastreando os passos da Madame Felipa.

Conhecendo aqueles trouxas, eu achava a primeira opção mais provável.

Lá no meio do site de dinossauros, havia uma palavra: exatamente no espaço entre o corpo e o pescoço do Tiranossauro Rex, que havia sido digitalmente decapitado. Acho que o dono do site de dinossauros não tinha percebido isso ainda.

A palavra era “correio”.

É claro que a galera da internet combinou de ir em todos os correios da cidade. Em vez de sair por aí como um trouxa, esperei por notícias. Não demorou muito para que achassem a agência de correio correta.

Só depois disso, saí de casa e dirigi até o local.

Dessa vez havia uns dez bocós fotografando o local com celulares. Alguns até estavam gravando vídeos.

– Oi mãe, eu tô no ARG! – pronunciou o cara, filmando a si mesmo.

Dessa vez havia um símbolo diferente, escrito em marrom.

– Será que foi escrito com merda? – perguntou alguém.

– Eu acho que foi com sangue – respondi, com um calafrio.

Sim, era sangue seco. Não havia nenhuma dúvida.

– Tem um demônio aí – informou Aigam.

– O que quer dizer com “demônio”? – perguntei.

Tentei ler o que estava escrito: “Satan Adama Tabat...”

Um pássaro surgiu voando numa velocidade impressionante e bateu contra o vidro dos correios. Caiu duro no chão.

Todos correram até lá.

– Será que morreu? – perguntou uma garota feliz, tirando fotos.

– Vamos sair daqui – eu disse para Aigam.

Na internet, os rumores começaram. Disseram que era o sub-príncipe Amaymon quem estava lá. Um dos caras disse que estava usando um anel prateado para se proteger contra sua respiração astral venenosa.

– Como esse jogo avança? – perguntou Aigam – vocês estão desvendando partes de uma grande charada a cada um desses encontros?

– Não sei – confessei – eu só estou assistindo. Parece que eles deixam alguns enigmas no local. É tudo muito complicado. Mas o objetivo final é bem simples: promover a marca de cosméticos. Parece que está funcionando bem.

Naquela madrugada, Felipe adicionou um quebra-cabeça na página inicial de seu site. Os seus fãs já tinham dois pedaços, conquistados nas duas primeiras visitas aos locais dos misteriosos símbolos.

Ainda assim, as coisas não se encaixavam. Tinha gente perdendo tempo com altas teorias mirabolantes e até cálculos. Avisei para os caras deixarem disso. Eu duvidava que Felipe tivesse criado algo insanamente complicado. Ele só queria tirar com a cara daqueles bestinhas.

É eu, não menos imbecil, continuava a acompanhar o desenrolar dos acontecimentos. Quando comprei mais uma audiência com o Felipe, ele devolveu meu dinheiro e me ignorou completamente.

Poucas horas depois, apareceu uma dica num site com artigos de pesca. Era a imagem de um lago. Todos correram até o lago da cidade e o rodearam, mas não acharam nada.

Apenas uma garota disse ter identificado um nome: “Admon”. Ela descreveu que viu no lago um belíssimo castelo flutuante.

– Uma ilusão – concluí – causada por um demônio. Não há mais dúvidas, Aigam: tem alguém usando um SAG.

No dia seguinte, alguns afirmaram ter visto um leão na cidade e o símbolo “Anakim”.

Duas noites depois houve chuva: Sagrir.

Telefonei para Natália.

– Está acompanhando tudo isso? – perguntei – todos esses efeitos miraculosos.

– É só coincidência – disse Natália – uma idiotinha disse que viu um castelo, outro afirmou que viu um leão e depois choveu. E daí? As pessoas também não enxergam alienígenas? Perto disso, um leão ou um castelinho é coisa pouca.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Talvez ela estivesse certa. As pessoas viam o que queriam ver.

Logo, estavam dizendo na internet que havia espíritos carregando queijos pela cidade.

Natália disse que agora que o assunto era comida, ela iria aparecer.

– Aigam, acompanhe a Naty e o Ohlarac – ordenei-a – eu estou me cansando disso. Tem um mago extremamente poderoso bem embaixo de nosso nariz e estamos todos pescando. Resolva isso!

– Em Quepar, uma chuva de queijos não seria nada de mais – ela informou – não sei porque aqui na Terra vocês se impressionam com qualquer coisinha.

– Não estou impressionado – menti – ter poderes psíquicos é apenas uma vaidade.

– Então por que está investigando?

– Mera curiosidade.

Eu mesmo não sabia ao certo. Eu sabia que poderes psíquicos não eram assim tão difíceis de obter para quem se dedica muito a práticas profundas como evocação, meditação e divinação.

No entanto, eu me deixava impressionar. E ainda chamava a mim mesmo de mago?

Eu acreditava em magia. Talvez eu me sentisse ofendido porque alguém estava usando um poder tão importante em um mero jogo?

Ou quem sabe eu estivesse apenas com inveja.

– Não sou um ser desprezível?

Fechei os olhos. Numa meditação, tentei localizar de onde vinha a fonte daquele poder.

Uma hora depois, despertei da meditação, respirando com força. Alguma coisa tinha me bloqueado.

– Puta merda.

Será que eu estava mesmo brincando com fogo?

Capítulo 2: Fofocas Mágicas

- Você precisa ir pra lá, Sodutse. Precisa muito!
- Por que, Ohlarac?
- Já viu algum anjo?
- Sodutse fez que não.
- Eis sua oportunidade! – exclamou Ohlarac, com animação.
- Não estou tão interessado... – confessou Sodutse.
- Por que não? Poderá ter uma luta incrível! Aliás, quanto a você, Zap...
- Que é? – perguntou Zap.
- Todos nós sabemos que você é o servidor de Felipe – observou Ohlarac, com um sorriso significativo – então você deve saber todos os segredos por trás do ARG.
- Não posso falar – Zap deixou claro – é confidência de pacto.
- Está certo. Mas uma coisa está bem clara: Felipe não está usando você, mas outra entidade.
- Aigam apareceu em Midaforvel naquele instante. Dirigiu-se até onde Sodutse estava e segurou-o pela gola do manto. Deu-lhe um tapa na cara.
- Pode ir falando, Zap! – gritou Aigam – diga logo o que seu Senhor pretende, ou irá conhecer a minha fúria!!
- Hã... Aigam, esse aí é o Sodutse – observou Ohlarac – Zap está à direita dele.
- Aigam largou Sodutse e segurou Zap.
- Pode ir falando, Zap! Diga logo o que seu Senhor pretende, ou irá conhecer a minha fúria!!
- Eu já sei, eu já sei... – disse Zap, cansado – qual é a graça de resolver uma charada quando já se sabe a resposta?
- Nesse caso, em vez de te bater até você falar, vou arrastar Sodutse comigo – concluiu Aigam.
- Por que eu? – perguntou Sodutse, desapontado – além disso, você disse que não vai me levar, mas me arrastar...

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Pode arrastar, Aigam! – apoiou Ohlarac – ah, nós três iremos nos divertir como nunca! Pena que Zap está do lado inimigo e não vai curtir com a gente.

– Ao contrário – disse Zap – eu irei curtir muito mais. E de camarote.

Capítulo 3: Meu Doce Anjo

- Me desculpa, Ohlarac – eu disse – você me perdoa?
Não era eu quem devia estar pedindo perdão. Ele era meu servidor, caramba!
- Sua atitude foi horrível – disse Ohlarac – mas eu não poderia permanecer com Beatriz para sempre. Eu me sinto fraco quando passo tempo demais longe de ti.
- Estamos ligados para sempre – concluí – até o dia de minha morte. Iremos morrer juntos, já que sou sua segunda Senhora.
- É verdade.
- Chequei a internet.
- Não sei direito o que está acontecendo – confessei – mas não acho que seja obra somente de Felipe. Eu diria que há alguém mais poderoso por trás. Quem sabe Paulo ou Henrique?
- Não acho que eles iriam perder tempo com isso – concluiu Ohlarac.
- Foi somente com a notícia dos queijos que me animei.
- Imagine poder invocar qualquer comida com magia – lambi os lábios – seria perfeito! Vamos lá comer queijo, Ohlarac?
- Prefiro sexo, mas pode ser.
- No entanto, quando cheguei no suposto beco mágico dos queijos, a festa já tinha terminado.
- Que chato – eu me queixei – nunca iremos descobrir que entidade está por trás de tudo isso.
- Pretendia enxergar o anjo fisicamente? – perguntou Ohlarac – isso não é nada simples, sabia?
- Agora fiquei mesmo com fome. Vamos comprar um lanche ali naquele barzinho.
- Pedi um pastel e um suco. Sentei-me na mesinha de metal lá fora para comer.
- Olá, Aigam. Olá, Sodontse. Há quanto tempo.
- Vim aqui porque fui obrigado – observou Sodontse.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Que mal agradecido! – exclamei – não sabia que a maior parte dos servidores mataria por uma oportunidade de pisar na Terra com mais frequência?

– Pois eu mataria para não precisar mais ser arrastado para cá – observou Sodontse.

Quando terminei meu lanche e ainda caminhava pelos arredores, um local me chamou a atenção.

– Um orfanato – eu li a placa – aqui diz que fazem trabalho voluntário. Será...?

Resolvi entrar e me informar.

A senhora da entrada me atendeu com muita simpatia. Ela me mostrou o local.

– Já temos alguns voluntários cuidando das crianças, em tempo parcial ou integral – ela disse, com seu grande sorriso – mas sempre há trabalho a ser feito. Quanto mais ajuda, melhor. Aceitamos ajuda financeira, mas principalmente recursos humanos.

– Hmm... – respondi, sem muito interesse.

Continuei espiando os arredores. Até que eu o vi.

Ele estava usando uma blusa verde e calça jeans. Os cabelos estavam ainda mais curtos, um pouco acima dos ombros. Tinha um sorriso contagiante enquanto brincava com uma das crianças.

– Oi, Igor.

O sorriso sumiu do rosto dele quando me viu.

– Pode ir brincar, Ana. Preciso conversar com essa moça por um momento.

Quando ela foi embora, ele dirigiu-se a mim de forma fria.

– Que está fazendo aqui? – ele perguntou, rispidamente – como me encontrou?

Eu ajoelhei-me diante dele imediatamente.

– Por favor, me desculpe pelo que fiz – eu disse – eu estava totalmente fora de mim. Você me perdoa?

No entanto, em vez de ficar brabo ele ficou embaraçado.

– Levante-se logo daí! – ele me sussurrou, dessa vez ligeiramente irritado – estão nos olhando!

Fiz como ele pediu.

Wanju Duli

– Que seja, te perdoo – ele falou, rapidamente – mas não quero mais ter nada a ver com você. É melhor não voltar para cá, entendeu?

– Entendi – eu disse.

Naquele momento, meu celular tocou e eu atendi.

– Oi Márcio. Não, eu já saí do beco. Estou num orfanato logo na esquina. Isso, bem nessa rua. Até mais.

Desliguei.

– Você ainda conversa com as meninas?

– Nunca mais falei com elas – ele disse, sem me olhar.

Dois minutos depois, Márcio já estava no orfanato.

– Então aí está você! – ele exclamou – achou os queijos? E quem é esse cara que se parece com uma menina?

– Espero que essa observação não tenha sido uma ofensa – disse Igor – porque eu não me senti ofendido.

– É o Igor – apresentei-o – a antiga líder da ORM.

Márcio ficou estupefato.

– Então era você que vivia fazendo discursos sobre justiça – concluiu Márcio – acha justo o que fez comigo? Me deixou de fora do grupo por eu ser do sexo masculino, enquanto você...

– Eu deixava de fora do grupo quem eu queria, independente de ser homem ou mulher – explicou Igor.

– E depois vem criticar as religiões elitistas... – observei.

– Você, Natália, não está em posição de dizer nada – disse Igor – então sugiro que fique quieta.

Márcio riu do que Igor disse. Eu não gostei.

Naquele momento, a menininha chamada Ana retornou e agarrou a perna de Igor.

– Vem brincar – disse Ana, timidamente, escondendo-se atrás dele.

– Já vou – disse Igor, amavelmente.

Um sorriso muito espontâneo e natural brotava do rosto de Igor quando ele falava com aquelas crianças. Era impossível não se encantar.

– Você tem sorte, Ana – eu disse a ela – e tem bons olhos. O Igor é muito gatinho.

– E eu não sou? – perguntou Márcio.

– Você é – respondi – mas Igor é meio que... um Deus? Você seria um semideus.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Obrigado, eu acho? – disse Márcio – bem, já que não há espíritos ou queijos, vamos embora.

– Tenho alguns queijos na geladeira da cozinha, se quiser – ofereceu Igor.

– Acho que aceito – disse Márcio.

– Não vou te dar nada, até parece – respondeu Igor – vocês já podem sair.

Márcio riu.

– Que bostinha arrogante! – Márcio exclamou, sem acreditar – vive fazendo discursos sobre bondade, mas na hora de interagir com as pessoas, só sabe dar coices. Vamos embora, Naty. A hipocrisia dele está fedendo.

Ana tirou a carteira do bolso da calça de Igor e começou a mexer nela.

– Dinheiro é bom, não é mesmo, Aninha? – caçoou Márcio – já está aprendendo!

– Cale a boca – disse Igor.

Enquanto Ana mexia na carteira, alguns pedaços de papel caíram de lá.

Quando Igor abaixou-se para recolher, eu fui mais rápida. Tratava-se de quadrados, parecidos com Sudoku, mas com letras em vez de números.

Mostrei para Márcio.

– Uau! – Márcio sorriu, deliciado – parece que finalmente encontramos o nosso exorcista. Então era esse seu segredo?

– Podem ficar com os quadrados se quiserem – disse Igor, despreocupadamente – são apenas pedaços de papel.

– Sei bem que são apenas papel – eu disse, em tom triunfante – não queremos os quadrados. Queremos você.

– Infelizmente não estou disponível – disse Igor – sugiro que saiam, antes que eu comunique para a dona do orfanato que vocês estão perturbando.

– Pode nos acompanhar lá fora por um minuto? – sugeri – nós realmente não queremos criar problemas aqui dentro.

Sem escolha, Igor concordou. Disse para Ana esperar e foi lá fora conosco.

Wanju Duli

– Sim, estou ajudando Felipe com o ARG – ele informou – satisfeitos?

– Não – eu disse – quero ver teu anjo. Você nos mostra?

– Não há nenhuma razão para mostrar – disse Igor.

– Então vamos obrigá-lo a mostrar – decidiu Márcio – Aigam, meta fogo nele.

Aigam, com uma velocidade impressionante, soprou fogo na direção de Igor.

Sem se abalar, ele apenas encostou levemente em um de seus quadrados.

– Anan – ele pronunciou gentilmente, com sua voz melodiosa.

E, para nosso completo espanto, Igor flutuou em cima de uma nuvem branca, escapando da rajada de fogo.

Eu e Márcio caímos para trás. Eu literalmente caí de bunda no chão ao ver aquilo.

– Magia – eu pronunciei – é real.

– O que você achava que fosse? – perguntou Igor – uma metáfora?

– Eu sabia que magia era real – retratei-me – só não sabia que era tão real quanto... um queijo ou uma mesa. Quanto eu e você.

– Magia é assim – disse Igor – mas não se engane. São apenas truques.

– Se isso for ilusão, é muito real! – exclamou Márcio, com cara de quem viu um fantasma.

– O que você sabe sobre a realidade, Márcio? – perguntou Igor – você vive num mundo de sombras.

– O seu anjo é real? – perguntei.

– Completamente – Igor respondeu – assim como o Deus a quem sirvo. Foi Dele que veio todo esse poder. E Ele tem o poder de tirá-lo. Ele pode tirar-me tudo.

– Por isso eu prefiro ter outra fonte de poder que não seja Deus – concluí – pois assim ninguém poderá arrancar tal poder de mim.

– Isso é só outra ilusão – disse Igor – vocês podem tirar poder de muitos lugares, magos e feiticeiros. Mas a única fonte eterna e verdadeira de poder vem de Nosso Senhor.

– “Nosso Senhor” – pronunciou Ohlarac – então ele é senhor para nós também?

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Que bobagem, Ohlarac. Basta derrotar esse exibido e mostraremos que tudo que ele disse está errado. Ataque-o, Sodutse!

– Por que eu? – perguntou Sodutse.

– Porque se não me obedecer, irei esfolá-lo vivo! – berrei.

– Se pede com tanta gentileza... – respondeu Sodutse, de má vontade.

– Fique na forma de fantasma, para impressionar – recomendou Aigam.

– Deixem eu lutar como eu quiser, mas que coisa! – exclamou Sodutse.

Mas ele aceitou a sugestão: Sodutse se transformou em Fantasma Sagrado, com seus olhos vermelhos, sua pele transparente e seu coração pulsante vermelho e sangrento, repleto de fogo.

Quando viu aquilo, Igor se espantou. Desceu da nuvem e colocou-se de joelhos.

– O que ele está fazendo? – perguntou Sodutse.

– Ele pensa que você é Deus – falei, entre risos.

– Não sei o que você é – confessou Igor – mas eu te respeito. Há algo... sagrado em ti. Não irei lutar.

– Então acho que ganhamos – concluiu Sodutse – essa foi fácil.

– Isso não significa que não irei atacar os outros – observou Igor.

No segundo seguinte, Igor chamou seu SAG: um ser repleto de luz branca que cegou a todos momentaneamente.

Ele atravessou uma espada de fogo no peito de Ohlarac, que caiu imediatamente no chão.

Quando recuperei minha visão, o anjo já tinha desaparecido.

Eu gritei.

– Você matou meu servidor! – berrei, caindo no chão outra vez – por quê? Por quê?! Ele não tentou te atacar naquele dia! Ele ia te ajudar...

Caí no choro. Mas Igor não se comoveu.

– Você disse que matar era errado – eu disse – em qualquer circunstância.

– Eu mantenho minha posição – disse Igor – mas quando estou usando o SAG, eu não sigo os mandamentos e sim leis divinas que estão acima deles.

Wanju Duli

– Além disso, Naty, confesse que precisava de uma lição depois do que tentou fazer – observou Márcio – pelo menos assim quem sabe você tome jeito.

Até mesmo Márcio estava contra mim. Eu sentia vontade de matar os dois.

E foi bem naquele momento dramático que chegou um travesti negro e alto, com um black power de arco-iris: Madame Xuxa Felipa entrou com um vestido rodado cheio de bolinhas. O salto devia ter pelo menos vinte centímetros.

Ela chegou sambando. Abraçou tanto Márcio quanto Igor.

– Uma batalha de vida e morte! – exclamou Felipe, em falsete – adoro!

No entanto, quando viu Sodutse, o rosto de Felipe se contorceu em fúria. Ele retirou o chicote da cintura e começou a bater em Zap.

– Mate aquele putto! – berrou Felipe, fora de si – MATE-O!!! Foi ele quem matou meu pai!

– Pare – disse Igor – agora me lembro quem é esse servidor. Eu o visitei uma vez em Midaforvel.

– Você consegue ENTRAR em Midaforvel?! – perguntou Felipe, chocado – que tipo de maldito você é?

– Do tipo esforçado – respondeu Igor – eu treino magia todo dia. É óbvio que eu iria obter algum resultado com isso.

– Por que nunca mais apareceu por lá? – perguntou Sodutse, com curiosidade.

– Porque agora vejo uma viagem como essa como algo pequeno, diante da grandiosidade de Deus – respondeu Igor.

Eu franzi a testa.

– Esse raciocínio é infeliz – comentei – daqui a pouco até sua vida e sua morte serão coisas pequenas diante da grandiosidade desse seu Deus.

– Exato – Igor sorriu – você entende rápido. O objetivo da crença é chegar exatamente nesse ponto.

– Assim, você não temerá nada – concluí – ao contrário de magistas que acreditam que o corpo é a verdade.

– Não é bem assim – comentou Felipe – se for pensar, os materialistas são até mesmo mais corajosos que os idealistas. Pois, mesmo acreditando que o corpo é real, eles arriscam o pescoço em atos

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

sublimes, como a evocação de demônios, sem ter nenhum anjo guardião do lado. Eles fazem tudo na raça, meu filho!

– Não dou a mínima para quem é mais corajoso – disse Igor – não estou competindo.

– Oh, como ele é nobre – zombei – não está competindo!

– Então larga esse anjo e usa magia contra a gente sem ele – desafiou Márcio.

– Uma “batalha mágica” – Igor deu um sorriso de sarcasmo – que tipo de crianças vocês são? Eu não uso magia para “batalhar”. Que coisa mais irrisória.

– É claro, você está acima disso – observei – acima de qualquer um de nós, não é?

– Eu não disse isso – respondeu Igor – o valor mais precioso que aprendi até hoje foi o da humildade. Ele é o mais elevado de todos os valores.

– Pelo jeito não o aprendeu direito! – exclamou Márcio.

Igor voltou os olhos para o chão, ainda achando graça.

– Vejo que estão todos contra mim – ele observou – bem, façam o que quiserem. Já cansei de ser cobaia nesse ARG. Vou cuidar da minha vida. Não me procurem mais! Estou abandonando toda magia.

– Mas que diabos? – disse Felipe – por que você faria isso, sendo tão habilidoso?

– Deixarei minha vida nas mãos de Deus – disse Igor – que seja feita a vontade Dele e não a minha.

– Blá, blá, blá – repeti, monotonamente – que cara mais entediante. Eu gostava mais de ti quando usava vestidos e prendia pessoas em círculos de fogo. Agora você não passa de um escravo das entidades.

– É, vai lá beijar a bunda do teu anjo, seu merdinha – provocou Márcio.

Igor não gostou. Caminhou até onde Márcio estava.

– O que foi menininha? – desafiou Márcio – acha que estou com medo da sua fúria? Da fúria de Deus?

– É claro que não está – respondeu Igor – porque você não passa de um ignorante.

Wanju Duli

– Então quem não compartilha de suas crenças é ignorante! – riu Márcio – viu só, Naty? Quanto mais esses sujeitos acreditam em Deus, mais intolerantes ficam.

– Sua observação não é menos intolerante que a minha – retrucou Igor – você apenas não se dá conta disso. Fica orgulhoso de seus relativismos e acha que isso se chama “tolerância”, somente porque “tudo é verdadeiro”. Passar dessa sentença para o “nada é verdadeiro” trata-se apenas de um pequeno salto epistemológico.

– Um “salto epistemológico”! – Márcio assobiou – falou bonito, princesa!

– Sou uma princesa mais bonita que você! – exclamou Felipe.

– É sim, mestre – disse Zap, com dificuldade – agora poderia parar de me chicotear, por favor?

– Ah, perdão – Felipe interrompeu as chicotadas – é automático.

– Não sei quanto a vocês, mas eu sou muito ocupado – disse Igor – então, podem continuar aí discutindo no meio da calçada. Eu vou embora...

– Na-na-na-na-não, meu bem! – Felipe segurou-o pelo ombro – você irá para o barzinho de strip com a gente. Consegui entradas para todos vocês, para celebrar o fim do jogo.

– Vai ter mulher pelada? – perguntou Márcio, esperançoso.

– Sim, mulheres de todos os tipos – disse Felipe – eu mesma irei dançar lá.

– Vai ter homens musculosos com peito peludo? – perguntei, com os olhos brilhando.

– Musculosos sim, mas a maioria se depila – explicou Felipe.

– Prefiro homens suados e selvagens, ao natural – eu disse – mas tudo bem, aceito ir nisso. Não tenho nada melhor pra fazer.

– Eu não quero ir! – exclamou Igor – me largue!

Mas já era tarde demais. Felipe havia agarrado Igor e o levou no colo, enquanto corria.

– Ele é bom nisso – observei.

– Que pena que o jogo acabou tão cedo – disse Márcio – até que eu estava gostando.

Felipe jogou todos nós dentro de seu fusca usado com cinquenta prestações ainda a pagar. Mas o mais importante é que era um fusca cor-

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

de-rosa e brilhante. Então o resto não importava. Nem as batidas e amassos por todos os lados.

Felipe colocou Igor no banco da frente, para mantê-lo sob vigilância constante. Igor parecia de muito mau humor.

– Que carinha é essa, coração? – perguntou Felipe – como pode estar tão zangado se Deus existe? Por que não está pulando de alegria? Se Deus está em tudo, não acha que ele também está num bar de striptease?

– Ah, certamente está – concedeu Igor – mas sem dúvida não está em você.

Felipe deu um assobio.

– Eu te amo, Igor – disse Felipe, lançando-lhe um beijinho.

– Eu também me amo – respondeu Igor.

– Shhhh!! – fez Felipe, como se fosse o pai dele – olha a humildade, garoto!

Igor continuou com sua expressão aborrecida pelo resto do trajeto.

Quando chegamos no bar, Felipe nos indicou uma mesa. Nós três nos acomodamos, enquanto Felipe foi trocar de roupa para se apresentar.

Até que era um local simpático. Tudo era iluminado com luzes vermelhas, até o fundo das mesas. Havia um letreiro em neon. As garçonetes vestiam lingerie sexy e tinham orelhas de coelhinha e rabinho, além de um salto alto generoso.

– Com licença – eu chamei uma garçonete – será que não tem um garçom super sexy e bombado para me atender? Sabe como é...

– É claro, senhor! – sorriu a mocinha.

Quando ela foi embora, comentei com os dois:

– Ela pensa que sou homem.

– Você deve ser a única mulher “legítima” aqui dentro – obsevou Márcio.

– Não concordo com essa história de “mulher legítima” – disse Igor – conheço muitas mulheres que nasceram homens que são muito mais mulheres do que aquelas que possuem o sexo feminino por nascimento.

Eu realmente não entendi o que ele quis dizer com isso, mas resolvi não discutir. Principalmente porque chegou meu garçom sexy e bombado!

Wanju Duli

Ele era alto, careca, bronzado e com um cavanhaque. Estava sem camisa e usava uma cuequinha que acentuava bastante seus dotes.

– Oi gato! – exclamei, totalmente apaixonada.

Eu queria beijar aquele peito másculo.

– Boa noite, donzela – ele cumprimentou-me – o que gostaria de beber?

– A sua porra todinha!! – respondi, com alegria.

Igor abriu um livro e começou a ler. Eu arranquei o livro dele imediatamente.

– O que é isso? – perguntei, indignada – você pensa que é a Harpo? Aliás, eu convidei as meninas para virem aqui também.

– Não me diga que fez mesmo isso – falou Igor, cada vez mais emburrado.

– Elas ainda não te viram vestido de homem, não é? – perguntei, com um sorriso – aposto que vão amar.

Naquele instante, Felipe entrou no palco. Muita gente berrou. Ele era mesmo uma estrela!

Quando houve os gritos, eu notei que havia de fato outras mulheres na plateia. Afinal, Madame Felipa era universalmente famosa, sem distinção de gênero.

Felipe estava com uma lingerie sexy e iniciou sua pole dance. Enquanto isso, Ohlarac surgiu debaixo da mesa.

– Muito obrigado por esquecer de mim! – exclamou Ohlarac, apenas parcialmente vivo.

– Você não está morto! – constatei, surpresa.

– Fico muito comovido que tenha chorado por mim, mas você esqueceu da minha existência no segundo seguinte!

– Vem aqui, Ohlarac – disse Igor – vou te curar.

E, como num passe de mágica, Ohlarac foi curado. Igor usou um de seus quadrados mágicos. A cura foi imediata.

– Muito obrigada! – agradei, surpresa.

– Curei-o porque fui eu que fiz isso, afinal – disse Igor – e agora não estou mais furioso.

– Ainda bem – eu disse – pois você fica assustador quando está brabo.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Beatriz, Marina, Fátima e Elaine chegaram naquele exato instante. Todas juntas. Igor negava-se a olhar para elas, especialmente para Beatriz.

As quatro se acomodaram em nossa mesa.

– Isa, é você mesma?! – perguntou Marina, surpresa.

Marina era Fraus, a mocinha que nunca conseguia segurar a língua e falava mal de todo mundo.

– Nossa, você tá muito gato como homem! – exclamou Fátima, a gordinha.

Elaine, a mocinha quieta, não fez nenhum comentário. Beatriz tampouco parecia ter coragem de falar.

Igor levantou-se da mesa e saiu de lá.

– Ele saiu por minha causa? – perguntou Beatriz, com tristeza.

– Não sei – respondeu Fátima – mas eu não vim aqui para me divertir com você, Naty. É sim para te dar uma lição. Vamos levá-la para fora, garotas.

Marina e Fátima me levaram lá para fora. E lá, cada uma delas me deu um tapa na cara.

– Isso é pelo que você fez com a Isa – disse Marina.

No segundo seguinte, Fátima, que era alta e forte, começou a me dar chutes e socos.

Eu nunca havia sido espancada na vida. Mas acho que naquele momento mereci.

Levei tantos chutes e socos que acabei sangrando no chão. Tive até mesmo medo de morrer.

No entanto, quando o espancamento já estava no auge, Igor apareceu por lá.

– Já chega – ele disse.

– Não me diga que está defendendo essa puta! – gritou Marina – estamos fazendo isso por ti, sabia?

– Eu agradeço – disse Igor – mas agora deixem-na aí. Estão dando a ela mais atenção do que ela merece.

– Tem razão – disse Marina.

Fátima parou de me bater. As duas cuspiram em mim e me deixaram lá no beco.

Um pouco depois, Igor abaixou-se para falar comigo.

Wanju Duli

– Como se sente? – perguntou Igor – acha que isso se chama karma? Ou justiça?

– Pensei que o seu Deus perdoasse – eu disse.

– Mas para haver perdão, deve acontecer o arrependimento – explicou Igor – eis o pré-requisito. Você já me pediu desculpas, mas não pareceu arrependida de verdade. Você faria de novo.

– Não – eu disse – eu não faria. Agora vejo que cometi um erro horrível.

– Esse não foi um erro qualquer – observou Igor – há quem o ache mais condenável que matar alguém. Você sabe por quê? Porque uma pessoa pode atirar em outra sem querer, no momento do desespero. Mas essa merda que você tentou fazer não foi acidente nenhum. Você nem mesmo estava drogada. Você apenas é podre por dentro.

Senti lágrimas nos olhos.

– Eu quero morrer – confessei – não aguento mais essa vida de merda.

– A vida não passa de uma brincadeira pra ti, não é mesmo, Natália? Você não buscava a verdade quando entrou na minha ordem de magia. Estava apenas entediada.

– Me sinto vazia por dentro.

– Eu conheço apenas uma única coisa capaz de preencher esse vazio – disse Igor – não é dinheiro. Não é uma pessoa.

Ele colocou um crucifixo na minha mão. Eu joguei o crucifixo em cima dele.

– Então é essa a sua resposta – concluiu Igor – orgulho.

– Não pense que as pessoas são iguais, Igor – falei – essa pode ser a sua resposta. Eu não sinto as coisas que você sente.

– Tem razão. Não posso te fazer sentir.

Deus, anjos, uma cruz, uma Bíblia, uma oração. Para mim não passavam de coisas vazias.

Nem mesmo um milagre iria me converter. Eu havia visto o SAG dele. Presenciei-o voar numa nuvem, curar e realizar uma série de eventos extraordinários.

Ainda assim, eu era como o tal faraó da Bíblia, que mesmo vendo tudo o que Moisés fazia com o poder de Deus, mantinha seu coração endurecido.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Eu mexia com magia. Estava acostumada com feitos fantásticos e alterações do mundo material. Para mim, aquele tipo de bobagem não era prova de nenhum poder de Deus. Muito menos de sua existência.

Para converter a maior parte das pessoas, seria suficiente que Igor voasse diante delas. Mesmo que flutasse apenas meio metro no ar, alguns já cairiam de quatro no chão.

Mas eu não era assim. Por isso, naquele instante em que Igor voou dois metros no ar, na minha frente, eu sequer alterei o ritmo da minha respiração.

– É apenas feitiçaria – eu disse – somente os tolos se comovem com esses truques.

– Você é teimosa – concluiu Igor, com um sorriso – mas se não fosse assim, não seria divertido.

– Já mostrou isso para os outros? – perguntei – para as meninas?

– Não – ele respondeu.

– Então, por que tive o privilégio? – caçoei.

– Porque você é como a ovelha perdida – disse Igor – a ovelha negra da pior espécie. Jesus disse que é exatamente esse tipo de gente que devemos tentar resgatar. Quem já está no caminho correto, não precisa ser resgatado. Afinal, um médico não cura pessoas sadias. Ele dá prioridade aos mais doentes dentre todos os enfermos. Os que possuem as enfermidades mais graves; que estão quase morrendo.

– Eu estou morrendo? – perguntei, com tristeza.

– Espiritualmente sim.

– Como meu espírito pode morrer? – perguntei – o espírito não é imortal?

– Você esqueceu de sua verdadeira natureza – explicou Igor – não sabe mais quem você é. Está muito confusa. Eu tenho o remédio e, como um médico de almas, seria uma escolha infeliz não tentar te salvar.

– Ninguém pode me salvar – eu disse – somente cada um pode salvar a si mesmo.

– Não é bem assim. É possível ajudar. Mas quando a pessoa não quer ser salva, não há mais nada a ser feito. Você tem seu livre-arbítrio. Irei respeitar isso. Adeus, Natália.

– Espere...!

Wanju Duli

Não sei porque eu disse aquilo. Mas Igor voltou-se para mim outra vez.

– Pode ser que eu não me impressione com milagres do mundo material, porque eu não acredito realmente que a carne e a matéria são a verdade – concluí – no fundo, eu sei que a matéria é algo plástico, que pode ser manipulado. Já experimentei isso muitas vezes nos meus treinos de magia.

– De fato, é assim que acontece – concordou Igor.

– E acho que também já senti o espírito do qual você fala – concluí – mas a presença dele nunca foi forte o suficiente para me impressionar. Na verdade, já chorei uma vez numa meditação, quando alterei meu estado de consciência e voei longe. Mas depois esqueci de tudo. Eu me distraí. Voltei aos meus afazeres do dia a dia e deixei o espírito para depois.

– Isso é muito comum.

– Eu logo me perguntei: será que não foi apenas uma ilusão? Um truque da mente, que um dia a ciência irá explicar.

– A ciência pode até explicar um dia – disse Igor – a ciência explica a arte da medicina. Mas nem por isso deixa de ser algo maravilhoso e sagrado curar uma pessoa e salvar sua vida. A alegria que sentimos nesse instante é devido ao aspecto espiritual desse ato.

– O que é o espírito?

– É uma grande alegria, uma grande realização que transcende o pequeno eu que nós somos – explicou Igor – é quando nos damos conta que não somos uma existência isolada, mas fazemos parte de uma realidade maior. Nós sentimos o espírito quando ajudamos alguém. Até mesmo quando ajudamos um animal ou uma planta. Você compreende?

– Acho que entendo. Então espírito é uma realidade mais palpável do que eu pensava.

– É como o amor. Você não consegue segurá-lo com as mãos, mas sabe que está lá. Algumas religiões chamam essa sensação sublime de Deus.

Quando eu meditava, sentia como se saísse do meu corpo: como se escapasse da minha realidade limitada. Pensando bem, não importava tanto se alguns insistiam que era apenas “delírio psicológico”. Mesmo

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

que o amor também não passasse de um delírio, não deixava de se chamar amor.

– Então você entendeu, Natália.

– Você está lendo minha mente? – perguntei, indignada – está invadindo minha privacidade!

– Me desculpe.

Ainda assim, eu hesitava chamar aquilo de Deus. Eu até aceitava um pouco os termos “alma” ou “espírito”, embora ainda torcesse o nariz. Mas “Deus” era demais!

– Não acho que exista um fantasma muito santo que nos proteja – eu disse – não acho que o ser humano seja especial. Somos apenas poeira no universo.

– Você pode enxergar o mundo como quiser vê-lo – disse Igor – isso não muda a realidade das coisas.

– A realidade das coisas – repeti – existe mesmo algo assim?

– Não posso falar mais, Natália. Você selou os meus lábios. Colocou um muro imenso entre nós. Você deseja permanecer do outro lado do muro e sinto que não devo te puxar pra cá à força. Você sabe que há paz e esperança desse lado. Mas optou pelas trevas.

– Já está desistindo de mim assim tão facilmente? – caçoei.

Mas não deixei de sentir um pouco de tristeza.

– Você é arrogante – concluí – acha que somente você possui a verdade. Pensa que todos os outros estão errados, que estão perdidos.

– Eu acredito que várias religiões diferentes possam recuperar esse contato espiritual perdido – disse Igor – há também diversos tipos de espiritualidade que nem mesmo são religiões. No entanto, quando as pessoas tentam substituir religiões por coisas como família, amigos, psicólogos ou mesmo objetos materiais, eu coloco um pé atrás. Pode haver espiritualidade em todas essas coisas, mas eu questiono.

– Por que questiona?

– Você pode tentar escovar os cabelos com uma escova de dentes e obter algum resultado – ele explicou – mas eu ainda acredito que o efeito é melhor e mais duradouro quando se utiliza o utensílio adequado e especialmente designado para esse fim.

– A religião se tornou obsoleta nos dias de hoje – eu disse.

Wanju Duli

– O ser humano tornou-se obsoleto para si mesmo. Todos esqueceram de uma palavra preciosa chamada “humildade”. É claro que as pessoas não gostam de Deus. Admitir a existência de Deus também significa admitir que o ser humano não é o centro do mundo. Como poderia haver algo acima de nós? Nós nos envergonhamos de ficar de joelhos. Pois eu considero esse o gesto mais lindo do mundo. Se quiser sentir o espírito, fique de joelhos. Até que doam e sangrem, se necessário. Pessoas entregam suas vidas por dinheiro e sangram por dinheiro, mas não estão dispostas a fazer o mesmo pelo espírito. Por que, eu me pergunto? Por que são tão teimosas?

Igor fitou o céu. Ele estava começando a falar sozinho. Tinha esquecido que eu estava lá!

Mas eu estava gostando cada vez menos daquela conversa.

– Por favor, saia – pedi – não aguento mais.

– Você me manda voltar e depois me manda sair – disse Igor – está claramente confusa.

– Sim, eu estou! – gritei – sou apenas um ser humano cheio de defeitos. Não sou como você que... cura as pessoas, que voa por aí e tem até um anjo na coleira!

– Não se engane – alertou Igor – também sou apenas humano.

– Vá embora...

Igor saiu de lá sem se despedir.

Coloquei a mão sobre os lábios e senti sangue.

– Estamos ambos quebrados – concluiu Ohlarac – mas ainda estamos juntos, não é mesmo?

– É verdade – eu disse – obrigada por estar ao meu lado. Ter um servidor pode não ser a mesma coisa que ter um anjo ou um Deus. Mas é especial. É como ter um amigo querido.

– Ou é como ter um cachorro que você chuta quando está zangada – observou Ohlarac.

Não queria que Ohlarac se sentisse assim. Eu disse a ele:

– Volte para Quepar, ou para Midaforvel. Não precisa mais me servir. Eu te liberto.

– Opa, espere – ele disse – eu não quero isso.

– Não quer se livrar de mim?

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Eu já quis um dia. Mas você é minha Senhora na Terra. É como uma mãe para mim. Como eu poderia te abandonar? Por mais que você cometa erros, eu não consigo. Além do mais, seria muito mais fácil pra ti me soltar do que tentar ser mais gentil comigo.

– Tem razão – concordei – não optarei pelo caminho mais fácil. Fiz até um servidor para ter um novo começo, mas ele não durou mais que uma semana. Sinto como se estivesse sem energias para criar um novo ser.

Eu até mesmo me sentia sem forças para levantar.

Quem apareceu ali alguns minutos depois foi Felipe. Ele balançou a cabeça em reprovação quando me viu.

– Olhe só para você, Naty.

– Eu sei – não pude deixar de sorrir.

– Sua menina levada – disse Felipe – te dou uma carona para casa.

Pensei em ir no hospital, mas resolvi não fazer isso. Eu só queria tomar um banho e ter uma boa noite de sono.

– Como foi o espetáculo? – perguntei – desculpe por não prestigiar...

– Ah, foi maravilhoso! – disse Felipe, empolgado – até pediram bis.

Fitei a paisagem da janela.

– Você tem tantos fãs – observei – deve ser legal.

– Mas os fãs têm a vida deles. Não são eles que dão sentido pra minha vida. Acho que minha fama é apenas uma coisa divertida. Eu não apoio minha felicidade nisso.

– Em que apoia sua felicidade?

– Não sei ao certo. Provavelmente no amor.

Amor. O lendário.

– “Amor” é o termo que os materialistas usam quando se referem ao espírito, não é? – perguntei.

– São duas coisas um pouco diferentes, mas intimamente relacionadas – explicou Felipe – os espiritualistas possuem um conceito de amor ilimitado, chamado Deus.

– Mas muitos não acreditam nele, porque perderam as esperanças, tanto em si mesmos como no mundo – concluí – acham que a existência de um ser cheio de amor é ilusório, é uma mentira. Pensam que devemos ser realistas, pois tudo o que existe é a imperfeição.

Wanju Duli

– Há beleza na imperfeição. Mas há ainda mais beleza na esperança de uma perfeição. Quero dizer, pode ser miserável tentar se tornar um Deus completo. Há beleza em desejar melhorar cada vez mais, em fazer o melhor possível.

– O amor ao ideal – observei.

Pensando bem, eu não entendia nada daquilo.

Quando Felipe me deixou em casa, eu agradei. Disse que, apesar dos contratempos, havia sido um dia divertido.

– Descanse, criança – disse Felipe – não pense em morte. Ainda há muita vida por aí.

E assim despediu-se.

Depois de tomar um banho e fazer uns curativos, deitei-me na minha cama, de pijama. Apoei o laptop no travesseiro.

– O pessoal está maluco – eu ri – teve mais gente que relatou ter visto Igor voando.

– Sim, ele voou, de verdade – observou Ohlarac – não foi enganação.

– É engraçado como o pessoal se impressiona com essas besteiras. Qual é o problema de ver alguém voando? Os pássaros não voam, por acaso?

Por causa do ARG, muita gente estava acessando o site de Felipe e clicando nos banners da marca de cosméticos “2 Bruxas”. As vendas aumentaram bastante.

Confesso que até mesmo eu quis fazer uma encomenda.

– Então o jogo terminou – suspirei – não foi fantástico?

– Quem ganhou? – perguntou Ohlarac.

– O Mestre dos Fantoques, é claro – eu disse – não sei se um dia saberemos quem era. Não acho que Felipera era o mestre. E, por alguma razão, acho que Igor é sério demais para ter se envolvido tão profundamente a ponto de estar movendo as peças do tabuleiro por baixo dos panos.

– Um mundo repleto de mistérios não é bem mais divertido? – perguntou Ohlarac.

– Quem sabe – opinei – deve ser por isso que o Deus dos humanos continua escondido por trás da cortina.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

– Será que ele está mesmo escondido? – perguntou Ohlarac – Igor parece ser quase um amigo íntimo desse tal Deus. Se falar com ele, quem sabe ele te ensine esse truque.

Eu fiz que não.

– Não estou pronta – decidi – ou simplesmente não quero.

Ohlarac deu de ombros.

– Quer uma rapidinha? – ele perguntou.

– Meu doce Larico – eu disse, amorosamente – eu tô tão, mas tão quebrada, que hoje só vou aguentar desmaiar na cama até o dia seguinte.

– Está certo, sem problemas – ele decidiu – aguentarei até amanhã.

– Enquanto isso, pode ir lá trepar com sua Anax.

– Você deixa mesmo? – ele perguntou, surpreso.

– É, vai lá... antes que eu mude de ideia.

– Valeu, mestra!

Com um sorriso, Ohlarac atravessou um túnel dimensional.

Depois de eu fazê-lo sofrer tanto nos últimos tempos, achei que ele merecia um brinde.

Quem sabe um dia eu visitasse o mundo dos servidores, como Igor fez uma vez. Poderia ser divertido.

Eu não precisava ter um caminho necessariamente grandioso e glorioso na minha existência. Ou eu poderia tornar minha pequena existência algo especial, simplesmente por ser minha.

– Boa noite, Ohlarac... – sussurrei sozinha, antes de cair no sono – boa noite Deus, anjos e demônios. Boa noite, Buda, Brahma, Hécate, Dionísio, Xangô. A todos os seres desse e de outros mundos: meu mais sincero “boa noite”.

Capítulo 4: Hécate

Uma mulher idosa brincava de fantoches nas sombras. Por fim, segurou uma marionete pelas cordas.

– O que teremos para o jantar, Lam?

– Será um prato especial, mestra – garantiu Lam, vestindo um avental branco por cima do manto negro – bobó de camarão.

– Está cheirando bem – disse a mulher, maravilhada.

– É claro que está – disse Lam – eu sou um excelente cozinheiro.

– Nisso não vou discordar – disse Meb – Lam sempre soube cozinhar melhor do que eu.

– Cozinhar é uma arte – disse Lam – tão difícil e delicada quanto a magia mais refinada.

Quando terminou de preparar tudo, Lam arrumou a mesa, posicionando três pratos nela. Colocou talheres e até adicionou um vaso de flores no centro.

– Que bonito – elogiou Meb.

– Eu sou um perfeccionista – disse Lam.

Eles se sentaram para comer. As duas não seguraram os elogios.

– O melhor bobó que já comi – disse a mulher, simplesmente.

– Eu agradeço – disse Lam.

Quando todos terminaram, Lam lavou os pratos. Enquanto isso, as duas prestavam atenção numa página da internet, pelo celular.

– Fim de jogo – disse a mulher – e minha presença não foi nem mesmo sentida atrás da cortina. Não sou extraordinária?

– A mulher mais poderosa desse mundo, mestra Susana – garantiu Meb.

Lam secou as mãos no pano de prato.

– Creio que já está na hora – informou Lam – vamos até o encontro da fogueira?

– Vamos saudar a Madame Lua – disse Susana; e levantou-se.

Susana vestiu uma capa negra com capuz antes de sair de casa. Os dois servidores a acompanharam, cada um de um lado: Meb de branco à sua direita e Lam de negro à sua esquerda.

Salve o Senhor no Caos: Volume 2

Quando chegaram, avistaram muitas mulheres dançando completamente nuas ao redor da fogueira.

Mulheres muito velhas, com cabelos bem brancos. Corpos cheios de gordura, enrugados como folhas de outono e peitos caídos. Sorrindo, muitas já sem os dentes. Felizes como nunca.

– Venha conosco, Susi! – convidou uma delas, com cabelos ao vento – essa é a noite das bruxas.

Susana jogou suas vestes aos ventos e, também nua, dançou com elas ao redor da fogueira.

Após a dança, cada uma delas pegou sua vassoura. Voaram até a Lua magnífica.

FIM

